UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

JOSÉ SOBREIRO FILHO

Os movimentos nas redes e em redes: das manifestações internacionais ao Movimento Prudente

PRESIDENTE PRUDENTE,

2013

JOSÉ SOBREIRO FILHO

Os movimentos nas redes e em redes: das manifestações internacionais ao Movimento Prudente

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Ciência e Tecnologia, *Campus* de Presidente Prudente da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Mançano Fernandes

PRESIDENTE PRUDENTE

2013

JOSÉ SOBREIRO FILHO

Os movimentos nas redes e em redes: das manifestações internacionais ao Movimento Prudente

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Ciência e Tecnologia, *Campus* de Presidente Prudente da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Prof. Dr. Bernardo Mançano Fernandes

Prof. Dr. Necio Turra Neto

Prof. Dr. Ricardo Pires de Paula

PRESIDENTE PRUDENTE

2013

Às principais peças que compõem e me acompanham neste tabuleiro de xadrez que é a vida na sociedade do capital: meus familiares, namorada e os movimentos socioespaciais e socioterritoriais...

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que estiveram ao meu lado neste período de três semanas dedicadas à redação final deste trabalho de monografia. Assim, destacarei alguns nomes que estiveram mais próximos.

Agradeço ao Prof. Dr. Bernardo Mançano Fernandes por sempre estar presente nas orientações e demais trabalhos desde meu ingresso no NERA em 2007, ao Prof. Dr. Carlos Alberto Feliciano pela amizade, conversas e atenção aos meus trabalhos, ao Prof. Dr. Ricardo Pires de Paula pelas conversas e debates em sala de aula, ao Prof. Dr. Nécio Turra Neto pelos trabalhos de campos de debates sobre juventude e redes sociais e ao Prof. Dr. Antonio Henrique Bernardes pelas discussões, trabalho conjuntos e rodadas de água.

Agradeço a todos os companheiros do NERA pelos trabalhos conjuntos e pela força do trabalho coletivo construído ao logos de vários anos. Aos companheiros Paulo Cesar Barcello e Jayna pelas discussões sobre análise e operação de *softwares* de redes sociais. Aos companheiros da sala de pós-graduação que compartilharam discussões e trabalhos no transcorrer da elaboração deste trabalho.

Agradeço aos companheiros da sessão local da AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros pelos trabalhos coletivos realizados.

Aos amigos Gabriel Martins, Alexandre Gimenez e Pedro Henrique pelos momentos de conversas e distração “fazendo um som”. Agradeço também ao companheiro Marcelo Custódio (Shinoby) pelas discussões e parceria durante o meu período de trabalho.

Agradeço à minha querida mão Adelina, meus irmãos Caio e Vinicius e à minha namorada Thalita Peluso Fortes. O carinho e paciência de vocês foi fundamental para a realização deste trabalho.

Enfim, agradeço a mim mesmo.

"O poder dos fluxos é mais importante que o fluxo do poder"

Manuel Castells

"Aí quando o povo se junta, já viu né..."

Valmir Ulisses Sebastião – Liderança do MST

Resumo: Neste trabalho apresentamos uma leitura sobre o processo de articulação dos movimentos em redes e do uso das redes sociais pelos movimentos socioespaciais que mais se destacaram no mundo nos últimos cinco anos. Tendo suas bases nos marcos conceituais de movimentos socioespacial, movimentos socioterritorial, Rede e Redes Sociais, remontamos ao processo de formação da Via Campesina e das manifestações na Primavera Árabe, M12M, M15M, *Occupy Wall Street*, Movimento Passe Livre e o Movimento Prudente na escala local. Analisar e comparar estes movimentos e suas manifestações nos permitiu identificar a conexão entre a difusão de informações nas redes sociais e a materialização das manifestações no espaço público. Destaca-se que o uso destas tem acarretado em uma nova dinâmica não só na difusão de manifestação, mas também na realização de trabalho de base, caracterizando-se como um importante espaço de socialização política da atualidade.

Palavras-chave: Movimentos socioespaciais; Movimentos socioterritoriais; Redes; *Facebook*; Redes sociais

SUMÁRIO DE ORGANOGRAMAS

Organograma 1 – Estrutura organizativa e funcional da Via Campesina 29

Organograma 2 - Comissões do Movimento Prudente 71

SUMÁRIO DE FIGURAS

Figura 1 – Países com movimentos vinculados – 2013 – Via Campesina no Mundo 22

Figura 2 – Principais manifestações no mundo – 2008-2013 – Países e causas relacionadas 32

Figura 3 – Países que integraram as manifestações da Primavera Árabe 40

Figura 4 – Ocupações ligadas ao OWS – Occupy Wall Street 49

Figura 6 – Manifestações de Junho e Julho no Brasil - 2013 59

Figura 7 – Manifestações de Junho e Julho no Mundo - 2013 60

Figura 8 – Cartaz convite para a reunião do dia 15 de junho. 67

Figura 9 – Panfleto destacando as reivindicações do Movimento Prudente 69

Figura 10 – Panfleto online convocando a primeira manifestação do Movimento Prudente 70

Figura 11 – Trajetos da primeira e segunda manifestação do Movimento Prudente 77

Figura 12 – Presidente Prudente – Grupo Movimento Prudente 80

Figura 13 – Presidente Prudente – Grupo Movimento Prudente 80

Figura 14 – Panfleto da reunião do dia 19 de junho de 2013 83

Figura 15 – Panfleto online convocando a segunda manifestação do Movimento Prudente 84

SUMÁRIO DE QUADROS

Quadro 1 - América do Sul - Movimentos vinculados à Via Campesina por país 23

Quadro 2 - África - Movimentos vinculados à Via Campesina por país 24

Quadro 3 - América do Norte - Movimentos vinculados à Via Campesina por país 25

Quadro 4 - América Central - Movimentos vinculados à Via Campesina por país 26

Quadro 5 - Europa - Movimentos vinculados à Via Campesina por país 26

Quadro 6 – Ásia - Movimentos vinculados à Via Campesina por país 27

Quadro 7 - Caribe - Movimentos vinculados à Via Campesina por país 28

Quadro 8 – Datas de início das manifestações em alguns dos países da Primavera Árabe 38
Quadro 9 – Principais ações do Occupy Wall Street – 2011 e 2012 44
Quadro 10 – Movimentos locais vinculados ao M15M - 2013 53
Quadro 11 – Cronologia do Movimento Passe Livre 56

SUMÁRIO DE TABELAS

Tabela 1 – A Via Campesina nos continentes 21
Tabela 2 – Países com ocorrência de ocupações vinculadas ao OWS 47

SUMÁRIO DE FOTOS

Foto 1 – Início da concentração no terminal urbano de Presidente Prudente. 72
Foto 2 - Concentração no terminal urbano de Presidente Prudente. 73
Foto 3 – Marcha da manifestação na Avenida Brasil 74
Foto 4 – Marcha da manifestação no calçadão de Presidente Prudente – Perspectiva 1 75
Foto 5 – Marcha da manifestação no calçadão de Presidente Prudente – Perspectiva 2 75
Foto 6 – Ocupação de uma faixa da Avenida Cel. José Soares Marcondes 76
Foto 7 – Ocupação da rampa de acesso à prefeitura de Presidente Prudente 76
Foto 8 – Concentração dos manifestantes no terminal de Presidente Prudente 87
Foto 9 – Manifestantes marchando na Avenida Cel. Manoel Goulart. 87
Foto 10 – Manifestantes marchando nas duas faixas da Avenida Cel. José Soares Marcondes. 88

SUMÁRIO DE MAPAS

Mapa 1 – Espanha – Movimentos vinculados ao M15M - 2013 52

LISTA DE SIGLAS

MPL – Movimento Passe Livre

MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

M12M – Movimento 12 de Março

M15M – Movimento 15 de Março

OWS – Occupy Wall Street

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	4
CAPÍTULO 1 - OS MOVIMENTOS SOCIOESPAICIAIS, SOCIOTERRITORIAIS E REDES	7
1.1 – Movimento Socioespacial	8
1.2 – Movimento Socioterritorial	9
1.3 - Redes	11
CAPÍTULO 2 - A ATUALIDADE DOS MOVIMENTOS EM REDES E NAS SOCIAIS ONLINE – 2008-2013	**18**
2.1 - A Via Campesina: Uma rede de Movimentos	18
2.2 – Manifestações e redes sociais	31
2.2.1 – Primavera Árabe	37
2.2.2 – Occupy Wall	41
2.2.3 – M12M e M15M	50
2.2.4 - O MPL – Movimento Passe Livre de São Paulo nas Manifestações de Junho e Julho	54
CAPÍTULO 3 – O MOVIMENTO PRUDENTE: DAS REDES PARA AS RUAS	**64**
3.1 – Presidente Prudente	64
3.2 – O Movimento Prudente	65
3.3 – Da organização à segunda manifestação do Movimento Prudente	78
3.4 – Uma avaliação da primeira e segunda manifestação	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	**92**
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	**94**
ANEXO	**100**

INTRODUÇÃO

Este trabalho compreende o processo constante de construção da categoria Movimentos Socioespaciais do NERA – Núcleo de Estudos, Pesquisas Projetos de Reforma Agrária da Faculdade de Ciência e tecnologia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - *Campus* de Presidente Prudente. Deste modo, tentamos aqui dar uma contribuição para pensarmos as atuações recentes dos movimentos socioespaciais em evidência em escala mundial nos últimos cinco anos. Contudo, somamos também às discussões sobre a Categoria Movimento Socioterritoriais e trazemos para âmbito das análises o conceito de redes aplicando a análise de redes sociais *online* aos movimentos socioespaciais e socioterritoriais estudados.

Nosso ponto de partida é o marco teórico da construção dos conceitos Movimento Socioespacial e Movimento Socioterritorial. Assim, em nosso primeiro capítulo realizamos uma leitura sobre ambos os conceitos destacando os respectivos potenciais analíticos de cada um destes e também os diferenciando. O conceito de Rede e nossa compreensão sobre Redes Sociais também compreende este primeiro capítulo, pois será com base nestas matrizes teóricas que discutiremos os demais capítulos aqui apresentados.

No segundo capítulo apresentamos uma leitura geral tanto sobre a articulação de movimentos em redes, destacando a articulação da Via Campesina no Mundo e focando especialmente na América do Sul, quanto também as últimas manifestações ocorridas e difundidas amplamente pelas redes sociais, sendo elas: a Primavera Árabe, *Occupy Wall Street*, M12M – Movimento 12 de Março em Portugal e M15M - Movimento 15 de Março na Espanha e focando no MPL – Movimento Passe Livre no estado de São Paulo. Compreender as insurreições que antecederam as manifestações do MPL foi fundamental para entender o processo de evolução e espacialização da difusão, articulação e organização dos movimentos socioespaciais nas redes sociais e também analisar os seus desdobramentos espaciais, sobretudo, na ocupação de espaços públicos de diversos países.

Visando trazer a discussão das redes para a escala local e poder compreender com maior propriedade as potencialidades e utilização, de fato, das redes sociais para a constituição dos movimentos e articulação, organização e difusão de informações sobre

manifestações, realizamos uma leitura sobre as duas primeiras manifestações realizadas pelo Movimento Prudente no município de Presidente Prudente – SP. Deste modo, nosso terceiro e último capítulo foca na análise do processo de espacialização do Movimento Prudente analisando os desdobramentos e procederes tanto na internet quanto, também, os desdobramentos da organização veiculada pelas redes sociais nos espaços públicos.

Por fim, apontamos a importância de se compreender as redes e especialmente as redes sociais *online* diante de um mundo globalizando, pois temos acompanhado um intenso processo de espacialização e incorporação de seus respectivos usos pelos movimentos socioespaciais da atualidade tanto para convocar manifestações quanto também para promover a difusão de informação na rede mundial de computadores.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho consubstancia um grupo de atividades que vão desde a compreensão da articulação dos movimentos em rede até a utilização e espacialização dos movimentos nas redes sociais. Primeiramente, realizamos um levantamento bibliográfico com a finalidade de avançar nas leituras e definição sobre os conceitos de movimento socioespacial, movimento socioterritorial e redes. Assim, remontamos à discussão seminal sobre estes conceitos e também alguns autores recentes que realizaram estas discussões. Compreende-las é elemento fundamental para podermos interpretar e analisar tanto a essência da luta dos movimentos, sob o enfoque geográfico, quanto também entender a espacialização das articulações das principais manifestações e movimentos recentes na internet e que tiveram desdobramentos na atualidade, com espacial destaque tanto para manifestações quanto para a ocupação de espaços públicos e para a contestação de determinadas configurações político-democráticas e, sobretudo, as condições referentes ao transporte coletivo público no estado de São Paulo e no município de Presidente Prudente. Além da discussão conceitual inicial, realizamos também uma análise dos textos recentes que foram publicados e que se arriscaram a analisar as manifestações recentes.

O levantamento de informações foi realizado através da análise e obtenção de dados nos principais sites e blogs construídos e administrados pelos movimentos analisados, seus respectivos perfis e grupos no Facebook e trabalhos de campo durante as manifestações do Movimento Prudente. Em alguns casos, tal como a Via Campesina e o *Occupy Wall Street* os dados estão organizados em diretório online e páginas com tabelas que nos possibilitaram um levantamento mais fácil das informações. Contudo, em outros casos, tivemos que realizar uma análise mais ampla e profunda, acessando as páginas dos movimentos que compreendem as redes de movimentos, como o caso do M12M, M15M e MPL, para poder fazer o levantamento de informações. Analisamos e conferimos com cuidado as informações e documentos online dos movimentos estudados para evitar confusões e dados errôneos. Assim, através do acesso, analisamos a vinculação com os outros movimentos e passamos a organizar os dados levantados e representá-los em formas de sociogramas, figuras, tabelas, quadros, organogramas e mapas. Após as reflexões conceituais bem definidas e a realização do levantamento e conferência dos dados, demos início ao processo de representação dos mesmos como

forma de potencializar as explicações e comprovar a nossa hipótese sobre a articulação dos movimentos em redes e a importância do uso das redes sociais em suas dinâmicas atuais.

Para a elaboração das figuras e mapas utilizamos o *software* de cartomática *Philcarto* 5.7 e o *Corel Drawn X6* para realizar a edição e o tratamento gráfico final do produto cartográfico. O mapeamento das redes sociais foi realizado com base nos dados referentes à *Timeline* dos perfis e grupos dos movimentos. Para este processo utilizamos o *software NodeXL*, pois através deste poderíamos baixar todos os dados dos perfis e grupos. Como critério que nos possibilitasse entender a relação entre as redes e a difusão de informações, realizamos um levantamento baseado nas "curtidas" e "comentários" por cada um dos usuários vinculados ao perfil do Movimento Prudente, assim fizemos uma leitura baseada na relação usuário-usuário. O tratamento gráfico dos sociogramas constituídos a partir do *NodeXL* foi realizada pelo software *Gephi 0.2 Beta*. Este software nos permitiu dar um tratamento mais refinado sobre os produtos gerados inicialmente através do *NodeXL*. Por fim, com a finalidade de facilitar a leitura, utilizamos o *Corel Drawn X6* para construir uma legenda, acrescentar os créditos e também título da figura. O *Facebook* foi a rede social online escolhida por ser a mais utilizada pela maioria dos movimentos e na escala de análise local também ter sido a rede de maior fluxo de informações e também pelo próprio Movimento Prudente ter a escolhido como espaço para debate e para promover a difusão de informações.

Outro ponto fundamental na elaboração deste trabalho foi o levantamento das manifestações organizadas pelo *Facebook* no Brasil e no Mundo durante o mês de Junho e Julho. Para realizar tal levantamento, fizemos uma busca no próprio *Facebook* através de seu buscador. Em alguns casos, uma manifestação, grupo ou evento fazia menção ao outro, fato que facilitou ainda mais a nossa busca. Em outros, realizamos também uma procura de notícias no buscador do "Google". Após identificarmos os eventos, grupos ou perfis, realizamos a impressão em formato PDF, com a finalidade de documentar o fato. Por fim, com a organização dos dados em uma tabela, utilizando os *softwares Philcarto* 5.7 e o *Corel Drawn X6* para realizar a representação em forma de figuras.

É fundamental destacar que tomamos como opção analisar somente as duas manifestações realizadas pelo Movimento Prudente devido ao fato de terem sido as mais difundidas pelas redes sociais e também comporem o quadro tanto de formação do movimento quanto também de início do processo que levou à sua cessação. Deste modo

acreditamos que a essência da espacialização do movimento e organização de sua luta pelas redes sociais podem ser claramente analisadas com base em ambas as manifestações.

Durante a análise do surgimento do Movimento Prudente, o trabalho de campo ocorreu também associado à própria atuação no Movimento Prudente, compondo a parte do grupo de linha de frente do movimento. Algumas informações apontadas também foram fruto dos diálogos e conversas com os demais componentes da linha de frente. Visando resguardar a identidade e evitar a personificação do movimento, conforme fizera parte da própria dinâmica do movimento, nos apropriamos das informações sem citar nomes dos componentes da linha-de-frente, mas apresentamos estas tentando nos aproximar ao máximo dos fatos acontecidos e para tal recorremos ao acesso à memória. Assim, ao mesmo tempo em que descrevemos como foram ocorrendo as manifestações e discussões internas referentes ao próprio movimento com base na memória também realizamos uma leitura crítica do processo destacando os principais problemas e o surgimento dos conflitos internos. Por fim, outra forma de obter informações representativas das manifestações, foi o registro fotográfico realizado sobre as duas manifestações analisadas e que aqui foi utilizado como forma de retratar momentos importantes das manifestações.

CAPÍTULO 1 - OS MOVIMENTOS SOCIOESPACIAIS, SOCIOTERRITORIAIS E REDES

Os movimentos são importantes sujeitos de transformação não só das relações sociais, mas também do espaço e, portanto, para compreendermos as recentes mudanças e conflitos no mesmo, faz-se de suma importância analisar um dos principais sujeitos transformadores. De acordo com Pedon (2009), a geografia já tem a algumas décadas pesquisado os movimentos sociais, contudo, conforme apontado por Sobreiro Filho (2013), são recentes os avanços na construção de conceitos que de fato estejam alinhados com as especificidades epistemológicas, sobretudo metodológicas da ciência geográfica, e que, portanto, nos permita ir além da análise da relação sujeito-sujeito/sujeito-sociedade para alcançar o patamar natural da geografia que focará na relação na relação sujeito-espaço.

No bojo desta perspectiva, se destaca a criação dos conceitos de movimento socioespacial e movimento socioterritorial. Esta construção é desdobramento direto de uma leitura cujo espaço é elemento fundante, ou seja, é o ponto de partida para a análise geográfica sobre os movimentos e justamente este ponto de partida torna-se o principal elemento na diferenciação do conceito de movimento social tão diverso e discutido pela Sociologia (FERNANDES, 2005; PEDON, 2009; SOBREIRO FLHO, 2013). Contudo, além do espaço ser um elemento vital à leitura à estas construções conceituais, também destacam-se as especificidades epistemológicas tanto da ciência humana quanto da própria ciência geográfica tal como defende George (1969), Santos (2008) e Sobreiro Filho (2013).

Fernandes (1999, 2005), Martin (1997) e Pedon (2009) são as principais referenciais nestas construções conceituais. Os conceitos de movimento socioespacial e movimento socioterritorial tem suas origens em Martin (1997), Fernandes (1999; 2005) e, mais tarde em Pedon (2009). Quanto aos objetivos destes conceitos destaca Fernandes:

> "possibilitam compreender as ações dos movimentos socioespaciais e dos socioterritoriais, a partir dos espaços e dos territórios construídos pelas relações sociais, materiais e imateriais. Enfatizando, é preciso compreender as formas de organização dos movimentos, tomando como referência, o espaço, o território e o lugar produzidos por suas ações por meio das relações sociais." (FERNANDES, 2005, p. 31)

A *priori* quatro ponderações são fundamentais para se compreender ambas as proposições conceituais: 1-) as diferenças em relação ao conceito de movimento social da sociologia são, sobretudo, epistemológicas (PEDON, 2009); 2-) ambos os conceitos são construídos tendo o espaço como ponto de partida e, portanto, dimensão fundamental em sua formação; 3-) todo movimento socioterritorial é socioespacial, mas nem todo movimento socioespacial é socioterritorial; 4-) mais que trunfo, o território é essencial para um movimento socioterritorial. Contudo, visando, aprofundar ainda mais, detalhamos cada um dos conceitos e mostramos suas origens e relações conceituais.

1.1 - Movimento Socioespacial

O conceito movimento socioespacial, criado por Fernandes (1999, 2005), está diretamente relacionado ao conceito espaço e, portanto, faz-se muito amplo. Esta ligação deve-se ao fato de que os movimentos são produtores, construtores e transformadores diretos e indiretos do espaço material e imaterial. Tanto Lefebvre (1991) quanto Santos (2008) são importantes referências na construção do conceito de movimento socioespacial, sendo que a abordagem lefebvriana está ligada à concepção de ser o espaço social a materialização da existência humana e, portanto, casa-se diretamente com o fato de os movimentos socioespaciais estarem em ação produzindo e transformando espaços como parte de sua noção orgânica e a abordagem miltoniana à noção de totalidade. A noção de totalidade que destacamos na abordagem miltoniana está relacionada ao fato de que o conceito de movimento socioespacial transborda a esfera do espaço social e, portanto, se aproxima da concepção Santos tanto devido à composicionalidade quanto ao alteamento da noção de totalidade.

As marcas da extensão conceitual de espaço geográfico saltam-nos aos olhos ao considerá-lo de modo multiescalar a materialidade e a imaterialidade como parte de um processo constante, ou seja, o espaço pensado a partir da Geografia é aquele "criado originalmente pela natureza e transformado continuamente pelas relações" (FERNANDES, 2005). Tanto a noção de composicionalidade quanto a de totalidade é diretamente contemplada quando Santos (2008) define o espaço como "*formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá*" (p. 63). Pode-se dizer que esta concepção de espaço de Santos (2008)

contempla de maneira clara as ações dos movimentos na produção e transformação do espaço de modo que, sobretudo como geógrafos, não podemos dissociar sujeito-espaço. Além disso, as contradições, as conexões e os conflitos também são elementos integrantes da totalidade, assim como temporalidade.

Antes de tudo, tão fundamental quanto compreender a composicionalidade do conceito de espaço e, portanto, de movimento socioespacial é também entender e identificar a intencionalidade de cada sujeito, pois esta é determinante tanto na produção e transformação do espaço quanto nas ações socioespaciais realizadas pelo mesmo. Entretanto, compreendemos, conforme apontamos em Sobreiro Filho (2013), que a intencionalidade também é produto de concepções ideológicas e pode se materializar no espaço através de ações políticas realizadas pelos movimentos socioespaciais. Cada grupo tem uma ou pode se identificar com determinada postura político-ideológica já existente e, portanto constrói e transforma o espaço de maneiras distintas. Vale destacar também que, consequentemente, estas ações, transformações e espaços criados são frações de um contexto global e estes espaços construídos e transformados a partir das diferentes posturas político-ideológicas de cada movimento diversifica ainda mais a tipologia de espaços e, portanto, relações expressas e criadas pelos mesmo.

Deste modo, assim como o espaço é diverso, os movimentos socioespaciais também o são e, sobretudo, por conta da constante e dialética relação sujeito-espaço. Esta diversidade nos remonta à noção destacada por Fernandes (2009) sobre a tipologia de territórios e por Sobreiro Filho (2013) sobre a tipologia de movimento socioterritoriais, mas que pode ser transposta à idéia de movimentos socioespaciais visto que há uma ampla diversidade de motivos e ações socioespaciais realizadas pelos movimentos. Esta tipologia está diretamente relacionada a ampla diversidade de motivos de luta e existência de movimentos, tais como: movimentos que lutam por questões identitárias; movimentos que lutam por direitos humanos; movimentos de questões de gênero; etc. Enfim, observa-se que há uma ampla diversidade de movimentos socioespaciais. Contudo, neste trabalho, analisaremos a emersão de alguns movimentos socioespaciais que se iniciaram com as questões de lutas democráticas, monopolização do capitalismo, reduções de tarifas de transporte, etc., que posteriormente se converteram em manifestações massivas em espaços públicos.

1.2 – Movimento Socioterritorial

O conceito de movimento socioterritorial coexiste com o conceito de movimento socioespacial, do mesmo modo que o conceito de território com o de espaço. Para entendermos essa relação, basta retomarmos a noção de que o espaço antecede a existência do território, ou seja, de que é o ponto de partida. Assim, podemos afirmar que todo território é também espaço, mas a recíproca não é verdadeira, pois nem todo espaço é necessariamente um território. O mesmo vale quando temos os movimentos como objeto de análise, ou seja, todo movimento socioterritorial é também um movimento socioespacial, mas nem todo movimento socioespacial é um movimento socioterritorial. A interação com espaço e, portanto, a compreensão da relação sujeito-espaço é ponto comum em ambos os conceitos. Contudo, além de ter os mesmos elementos que um movimento socioespacial possui o movimento socioterritorial também agrega o território em sua essência, fato que o faz também muito complexo.

Assim, a principal diferença na definição de um movimento socioterritorial reside no fato de ser o território o elemento essencial para determinados movimentos. Segundo Fernandes (2005), o território é o trunfo, ou seja, a razão da existência de alguns movimentos:

> O espaço, o território, o lugar, as relações sociais, as escalas das ações nos ajudam a compreender os tipos de movimentos socioespacial ou socioterritorial e seus processos geográficos (isolados, territorializados ou espacializados). Esses movimentos são tanto instituições não formais, políticas no sentido lato, por sua materialidade, ação, estabelecimento e dinâmica, quanto são igualmente instituições formais como os sindicatos, as empresas, os estados, as igrejas e as organizações não governamentais (ONGs). Nesse sentido, é preciso diferenciar entre os movimentos socioespaciais e os movimentos socioterritoriais.
>
> Os movimentos socioterritoriais têm o território não só como trunfo, mas este é essencial para sua existência. Os movimentos camponeses, os indígenas, as empresas, os sindicatos e os estados podem se constituir em movimentos socioterritoriais e socioespaciais. Porque criam relações sociais para tratarem diretamente de seus interesses e assim produzem seus próprios espaços e seus territórios. (FERNANDES, 2005, p. 31)

Contudo, para compreendermos de maneira ainda mais ampla, devemos também nos ater à concepção do conceito de território que influenciou na composição do conceito de movimento socioterritorial. Analisando Fernandes (1999, 2005), observaremos que a concepção do conceito de território, usado de maneira objetiva como espaço com relações de poder, tem suas bases no livro "Por uma Geografia do

Poder" de Claude Raffestin (1993). A abordagem de Raffestin apresenta significativas contribuições para o entendimento das relações de poder. As expressões espaciais das relações de poder convertem-se no que denominamos território. Contudo, Fernandes (2005) soma também a noção da multidimensionalidade do território (social, cultural, econômica, ambiental e política), fato que complexifica ainda mais a nossa leitura sobre movimentos socioterritoriais, pois os mesmos, ao ter o território como elemento vital, também são multidimensionais, ou seja, compreendem e se relacionam de maneira direta esta diversidade de dimensões além de compreenderem uma tipologia de territórios.

Por fim, na construção do conceito de movimento socioterritorial, alguns processo também se destacam devido à sua importância. Dentre eles, os principais são espacialização, territorialização, desterritorialização e reterritorialização, conforme podemos observar em Fernandes:

> Os movimentos socioterritoriais para atingirem seus objetivos constroem espaços políticos, espacializam-se e promovem espacialidades. A construção de um tipo de território significa, quase sempre, a destruição de um outro tipo de território, de modo que a maior parte dos movimentos socioterritoriais forma-se a partir dos processos de territorialização e desterritorialização. (FERNANDES, 2005, p. 31)

E:

> No que se refere aos movimentos socioterritoriais rurais, tem-se a luta pela terra como condição de acesso ao espaço da produção dos meios de existência, e a luta na terra como forma mais ampla de manutenção ou melhoramento dessas condições. Quando projetadas sobre o espaço, as ações intencionais o transformam em território, uma vez que ele passa a constituir espaço problematizado e disputado por diferentes grupos sociais. (PEDON, 2009. p. 190)

1.3 – Redes

O conceito de Redes é de suma importância para este trabalho. Contudo, nosso principal cuidado ao pensar as redes é ir além de uma análise funcionalista sobre redes, ou seja, buscar entender sua mecânica, mas também seus processos, contradições e conflitos, materialidade e imaterialidade, diacronia e sincronia, etc. para que então possamos associar à nossa compreensão de redes sociais e redes sociais na internet tal como trabalharemos nos próximos capítulos.

Antes de definir conceitualmente Redes, Milton Santos (2008) chama atenção para sua origem, na química com Lavoisier, e também para a polissemia do vocábulo que corrobora ambiguidades e imprecisões. Tendo em vista tais cuidados e conhecimentos, o autor destaca que, dentre uma ampla gama de autores que trabalham com a temática e, portanto de definições, as mesmas se encaixam em duas grandes matrizes, sendo uma que considera a materialidade e outra que destaca o dado social. Assim, com base em Santos (2008), temos redes materiais, centradas em infra-estruturas para diversos tipos de transporte, e redes sociais e políticas, permeadas pela imaterialidade e abstração. Neste sentido, chamamos a atenção para o fato de que, assim como trabalharemos adiante, as redes constituem-se não só como produto da materialidade ou da imaterialidade ou se desdobrando em uma ou em outra, mas como parte de uma relação histórico-geográfica constante e indissociável, empregada de conflitualidades, intencionalidades, contradições, etc., assim como poderemos observar na articulação de movimentos socioterritoriais camponeses e na espacialização dos movimentos socioespaciais urbanos nas redes sociais na internet.

Destacamos que, ao remontarmos o conceito de espaço de Milton Santos, a conceituação de redes pode ser tomada como algo muito próximo, pois viabilizam as ações, podem articular objetos, além de terem lógicas ou serem consideradas sistemas por muitos. No bojo desta concepção conceitual, o caráter "*indissociável, solidário e também contraditório"* se aplica diretamente às redes e, portanto, as mesmas fazem-se de suma importância para entendermos o espaço geográfico hoje. Este amplo leque de questões pode ser observado nos diferentes processos que Santos (2008) também chama atenção ao se pensar nas redes:

- As diferenças e multiplicidades técnicas que compõem, demandam, viabilizam e levam à construção de redes;
- Sincronismo e Assincronismo, cujos desdobramentos podemos observar no espaço geográfico;
- A importância vital das redes no processo de globalização (global-local), mas também na construção e reforço de diferentes contradições, tais como podemos observar em "Por uma outra globalização" de Milton Santos;
- Os tempos rápidos e os tempos lentos - velocidade dos fluxos (fluidez);
- Áreas no globo em que escapam da lógica reticular, ou seja, nem tudo é rede ou compreende a uma rede;

- Superposição de redes, "*que inclui redes principais e redes afluentes ou tributárias, constelações de pontos e traçado de linhas*". (p. 268);
- A dialética das redes expressa na conflitualidade e na concorrência gerada pela globalização e, portanto, pelas redes cada vez mais globais e que dentre muitas formas de se materializar tem-se a "*guerra dos lugares*" (SANTOS, 2008, 268-9);
- O caráter multiescalar das redes na transversalidade das relações que alcançam o mundo, países e seus territórios e locais;
- A reestruturação dos espaços e a expressão das relações de poder, em diferentes escalas, que compõem estes processos.

Não muito diferente da concepção de redes de Santos (2008), Castells vai apontar que as redes "*constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura.* (CASTELLS, 2001, p. 497). A importância dada por Castells (2001) às redes toma ainda maior significado ao pensarmos a atualidade das articulações dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais e a utilização de redes sociais para a conscientização e socialização política, difusão de informações e organização de ações. Este caráter multidimensional das redes fica ainda mais evidente em Dias (2005):

> A rede, como qualquer outra invenção humana, é uma construção social. Indivíduos, grupos, instituições ou firmas desenvolvem estratégias de toda ordem (políticas, sociais, econômicas e territoriais) e se organizam em rede. A rede não constitui o sujeito da ação, mas expressa ou define a escala das ações sociais. As escalas não são dadas a priori, porque são construídas nos processos. Como os processos são conflituosos, as escalas são ao mesmo tempo objeto e arena de conflitos... (p. 22-3)

Neste sentido, tomando como referência as abordagens de Santos (2000, 2008), Dias (2005) e Castells (2001), observamos o potencial do conceito de redes para analisarmos a sociedade e buscarmos compreender e explicar não só sua organização social, mas também espacial. Tendo os movimentos socioespaciais e socioterritoriais como referência, devemos destacar que os mesmos tanto são redes sociais, como também se valem delas para combater e construir novas redes.

Outro ponto fundamental neste contexto é a definição de redes sociais. Sua lógica muito se aproxima da noção de redes até o momento apresentada, cabendo

somente especial destaque para o seu caráter social. Wasserman & Faust (1994) destacam que uma rede social é constituída por atores e relações, e que assim são representados em nós, laços e fluxos. Esses nós e laços podem ocorrer entre indivíduos, grupos, organizações, etc. e serem passíveis de diferentes tipos de análise, tal como indivíduo-indivíduo, grupo-indivíduo, etc. (KATZ, et al., 2004) e com diferentes características, tais como laços fracos ou fortes com diferentes potencialidades (GRANOVETTER, 1973). Neste mesmo sentido, também há redes sociais na internet mediada por relações de interface tal como: *Facebook, Orkut, Twitter, Youtube*, etc.

O poder, tal como aponta Raffestin (1993), também é um importante elemento para se pensar e analisar as redes. Em seu livro "Por uma Geografia do Poder", o autor traz uma importante contribuição para pensarmos e avaliarmos a "*estrutura tessituras-nós-redes... exteriorizada por um grupo"* (RAFFESTIN, 1993, p. 151) na produção territorial. Pensar esta relação remonta diretamente aos processos gerados pela sociedade no território e, portanto, também no espaço e como as redes veiculam manifestações de poder. Neste sentido, aponta o autor, que as interações sob diferentes enfoques, conduzem a sistemas de malhas, nós e redes que constituem o território e cujos desdobramentos materializam-se em uma diferenciação tanto funcional quanto hierárquica e, consequentemente, tais elementos organizados e consubstanciados permitem e asseguram relações de poder:

> Os indivíduos ou os grupos ocupam pontos no espaço e se distribuem de acordo com modelos que podem ser aleatórios, regulares ou concentrados. São, em parte, respostas possíveis ao fator distância e ao seu complemento, a acessibilidade. Sendo que a distância pode ser apreendida em termos espaciais (distância física ou geográfica), temporais, psicológicos ou econômicos. A distância se refere à interação entre os diferentes locais. Pode ser uma interação política, econômica, social e cultural que resulta de jogos de oferta e de procura, que provém dos indivíduos e/ou dos grupos. Isso conduz a sistemas de malhas, de nós e redes que se imprimem no espaço e que constituem, de algum modo, o território. Não somente se realiza uma diferenciação funcional, mas ainda uma diferenciação comandada pelo princípio hierárquico, que contribui para ordenar o território segundo a importância dada pelos indivíduos e/ou grupos às suas diversas ações.
>
> Esses sistemas de tessituras, de nós e de redes organizadas hierarquicamente permitem assegurar o controle sobre aquilo que pode ser distribuído, alocado e/ou possuído. Permitem ainda impor e manter uma ou várias ordens. Enfim, permitem realizar a integração e a coesão dos territórios. Esses sistemas constituem o invólucro no qual se originam as relações de poder. Tessituras, nós e redes podem ser muito diferentes de uma sociedade para outra, mas estão sempre presentes. (RAFFESTIN, 1993, p. 150-1)

A tessitura, os nós e as redes são elementos centrais nesta discussão e nos permitem compreender as práticas e lógicas espaciais em suas diversas faces:

> Com as tessituras, os nós e as redes, temos três subconjuntos estruturais que sustentam a prática espacial. Conjuntos estruturais aparentemente multiformes mas que são, de fato, imagens possíveis de uma mesma estrutura de base. (RAFFESTIN, 1993, p. 151)

Trazendo em voga a discussão sobre a utilização das redes sociais *online* pelos movimentos socioespaciais e socioterritoriais temos a arquitetura das mesmas, em seu amplo universo de elementos (sociais, culturais, etc.) e códigos que as conformam, associada e também compondo tanto a materialidade quanto a imaterialidade do espaço geográfico como os fatores que caracterizam sua tessitura e, portanto, conformam-na como um sistema sêmico que impinge desdobramentos nas múltiplas dimensões do espaço-território. Esta estrutura, associada à lógica contra-hegemônica destacada pelos movimentos socioespaciais e socioterritoriais emergentes e que atuam nas redes sociais *online* complexificam não só as relações de poder, mas também possibilitam uma maior compreensão sobre o espaço geográfico através de suas práticas *online* (leia-se também "Em Rede"), que cada vez mais demandam a redução e extinção do hiato entre o comportamento/relações face-a-face e de interface em nossas análises. Neste sentido, a abordagem de Raffestin em relação às características proteioforme e atuação de seus sujeitos/atores também tem significado se pensarmos e analisarmos a dinâmica das redes sociais e o seu atual crescimento no universo *online:*

> A rede é proteioforme, móvel e inacabada, e é dessa falta de acabamento que ela tira sua força no espaço e no tempo: se adapta às variações do espaço e às mudanças que advêm no tempo. A rede faz e desfaz as prisões do espaço, tornado território: tanto libera como aprisiona. É o porquê de ela ser o "instrumento" por excelência do poder. (RAFFESTIN, 1993, p. 204)

> A rede é por definição móvel, no quadro espaço-temporal. Ela depende dos atores que geram e controlam os pontos da rede, ou melhor, da posição relativa que cada um deles ocupa em relação aos fluxos que circulam ou que são comunicados na rede nas redes. (RAFFESTIN, 1993, p. 151)

Pensar e analisar estas dinâmicas movimentadas essencialmente pelos seus atores/sujeitos, considerando a simetria e assimetria destes na difusão de informações, também é fundamental para o processo constante de construção de uma luta contra-

hegemônica em tempo real[1], apinhada de relações e conflitualidade, levada adiante pelos movimentos socioespaciais e socioterritoriais. Vale também destacar que tanto a efetivação das manifestações quanto a difusão das informações nas redes sociais *online* estão relacionadas também à "nodosidade, centralidade e marginalidade"[2] produzidas por determinados atores/sujeitos e que constituem-se como importantes processos que constroem, reconstroem e dinamizam as redes.

A discussão sobre território-rede também ocupa papel de destaque na compreensão da relação entre os movimentos socioespaciais, socioterritoriais e redes, sobretudo, trazendo para discussão a análise dos elementos relacionados às redes sociais *online*. Neste sentido Haesbaert (2010) destaca que o viver em redes e que nossos referenciais espaço-simbólicos estão embasados também em processos que são produtos da mobilidade consequente articulação em redes:

> Talvez seja esta a grande novidade da nossa experiência espaço-temporal dita pós-moderna, onde controlar o espaço indispensável à nossa reprodução social não significa (apenas) controlar áreas e definir "fronteiras", mas, sobretudo, viver em redes, onde nossas próprias identificações e referências espaço-simbólicas são feitas não apenas no enraizamento e na (sempre relativa) estabilidade, mas na própria mobilidade – uma parcela expressiva da humanidade identifica-se no e com o espaço em movimento, podemos dizer. Assim, *territorializar-se significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento, no e pelo movimento.* (HAESBAERT, p. 279, 2010)

Denota-se que a leitura embasada na compreensão tanto do movimento dos fluxos e também o controle e inserção que alguns territórios podem exercer sobre as redes é fundamental para pensarmos as redes sociais *online* e os desdobramentos das ações constituídas e em construção dos movimento socioespaciais e socioterritoriais na internet.

Vale destacar que tão importante quanto compreender o que é uma rede e defini-la conceitualmente é também analisar as bases histórico-geográficas e relações que por elas passam e que determinam sua construção ou alteram sua composição e lógica, tal como demonstraremos no próximo capítulo. Por fim, compreendemos a necessidade de analisá-las porque cada vez mais a internet tem emergido como um importante espaço

[1] O ideal do poder é agir em tempo real. Se a distância de circulação e a distância de comunicação tendessem para a igualdade, o poder não estaria longe de ser absoluto e toda tentiva totalitária encontraria ali um ponto de apoio para controlar o mundo. (RAFFESTIN, 1993, p. 201)
[2] Raffestin, 1993, p. 188.

de criação e fortalecimento de redes e a informação como trunfo do poder (RAFFESTIN, 1993).

CAPÍTULO 2 - A ATUALIDADE DOS MOVIMENTOS EM REDES E NAS REDES SOCIAIS ONLINE - 2008-2013

2.1 A Via Campesina: uma rede de movimentos

Historicamente, os movimentos constituíram-se como importantes sujeitos transformadores. Analisando-os sob o enfoque geográfico, observaremos que os são importantes sujeitos políticos não só de transformação, mas também de construção e reprodução de espaços e territórios em toda a história da humanidade. Contudo, visando identificar a centralidade dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais nos processos de transformações políticas recentes e a articulação e uso de redes sociais, destacaremos rapidamente a atuação dos movimentos socioterritoriais camponeses na América Latina nas ultimas três décadas e analisaremos os acontecimentos mais recentes envolvendo os movimentos socioespaciais.

Nas últimas três décadas, a América Latina se tornou um expressivo espaço de lutas organizadas por território, reconhecimento identitário, direitos tradicionais, direitos humanos, preservação ambiental, acesso a água, questões de gênero, etc. (FERNANDES, 1999; THOMAZ JUNIOR, 2008; DOMINGUES, 2007; QUIJANO, 2004, 2006; ZIBECHI, 2003). Esta ampla diversidade de elementos compõe o conjunto de problemas que figuram a lógica metabólica do capital (MESZAROS, 2002) e, portanto, estão diretamente relacionados ao avanço do capitalismo no campo latino-americano, desde o início do processo de ocupação e que emergem através da conflitualidade gerada pelo próprio avanço do capitalismo, como parte de sua contraditoriedade. Esta conjuntura mais ampla dos problemas gerados pelo avanço das relações capitalistas de produção no campo conforma o que se pode denominar por questão agrária latino-americana.

Assim, denota-se que as bases históricas e materiais do conflito estão essencialmente relacionadas ao avanço do capitalismo no continente americano desde o processo de colonização européia, apropriação e expropriação territorial, extermínio e/ou escravidão indígena, etc., conforme apontam Chonchol (1994) e Bernstein (2011). Apesar da mudança na forma de se promover algumas destas relações exploratórias e expropriatórias, a contemporaneidade ainda é marcada pela feição destrutiva deste processo e que, conseqüentemente, se converte na intensificação dos conflitos e

constantes processos de reestruturação que o capital cria para assegurar a reprodução de sua lógica.

Este processo de reestruturação, motivado, sobretudo, por crises pontuais (HARVEY, 2004, 2011), cujos sintomas reafirmam a crise estrutural do capital apontada por Mészáros (2002), segue traçando estratégias e criando formas de territorialização e subordinação de espaços/territórios não-capitalistas, se apropriando de recursos naturais e sociais expressos na T-D-R - Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização (HAESBAERT, 2004; SAQUET, 2009; FERNANDES, 2009;), como parte de sua lógica metabólica socioterritorial.

Neste horizonte marcado pelas constantes ofensivas do capital, luta e resistências dos movimentos, a conflitualidade emerge como produto da lógica dialética do capital e desvelador de suas contradições, sobretudo, com desdobramentos e expressões socioespaciais e socioterritoriais (FERNANDES, 2009). Contudo, as expressões materiais da conflitualidade, engendradas pela dialética do capital, têm assumido diferentes feições no campo e na cidade. Consequentemente, a realidade da sociedade do capital compõem-se por um amplo quadro de relações que demandam espaço e território e geram objetos geográficos que precarizam as condições de vida e a reprodução social da *classe-que-vive-do-trabalho* (ANTUNES, 2000) e, consequentemente, esta conjuntura deixa brechas para insurreições políticas.

Atualmente, a conflitualidade no campo latino-americano é protagonizada, sobretudo, de um lado pelos movimentos socioterritoriais camponeses e indígenas e do outro lado pelo agronegócio aos auspícios do Estado e amparado no discurso do "*desenvolvimento*" (THOMAZ JUNIOR, 2007). Remontando as ultimas três décadas destacam-se o surgimento de movimentos e o avanço de suas lutas, tais como:

- A formação do MST no Brasil em 1984 (FERNANDES, 2000);
- O levante em Chiapas no México em 1994 pelo EZLN - Ejército Zapatista de Liberación Nacional (ORNELAS, 2005);
- A formação do MPA - Movimento dos Pequenos Agricultores em 1997 no Brasil (MPA, 2013);
- A formação do MOCASE - Movimiento Campesino de Santiago del Estero na década de 1990, da UST - Unión de Trabajadores Sin Tierra de Mendoza na Argentina, e do MNCI - Movimiento Nacional Campesino Indigena (MICHI, 2010);

- Organizações Mapuches, após a abertura democrática no Chile na década de 1990 (AYLWIN, 2000);
- Os Cocaleiros, os Indíos Pachakuti e a construção de um Estado boliviano multiétnico a partir do governo de Evo Morales (GUTIERREZ & LORINI, 2007);
- A CONAIE – Confederación de Nacionalidades Indígenas de Ecuador, (DEERE e LEON, 2002);
- O Movimento Quinta República com a revolução bolivariana de Hugo Chávez, a CONBIVE – Confederação Bolivariana Indígena da Venezuela e a Indígena Waike´puru que (VANDEN, 2009).

Além do surgimento e desenvolvimento organizacional e enfrentativo dos movimentos, sobretudo na América Latina, alguns fatos recentes foram marcantes na intensificação de suas ações, dentre eles: a reabertura democrática e avanço do neoliberalismo; a intensificação da territorialização do capital, em detrimento do território camponês e dos povos tradicionais; o avanço do agronegócio com a produção de *commodities* com base na indústria agroquímica e sementes transgênicas patenteadas por corporações; e o aumento do preço dos alimentos em escala mundial em 2007/08 (BUSH, 2010; GOSH, 2010).

Deste contexto de lutas, resistência, emersão de movimentos socioterritoriais camponeses e ofensivas do capitalismo, surge também a Via Campesina em 1993 como um movimento internacional, composto por uma rede que articula movimentos de diversos países (DESMARAIS, 2007; VIEIRA, 2008). Consequentemente, esta articulação de movimentos de diversos países se desdobra também no agrupamento de milhares de camponeses, indígenas, demais produtores, etc. de diversos pontos do mundo, organizados ao entorno de denominadores comuns, tais como os anteriormente citados e que são reforça mais adiante na p. 29. Podemos observar na tabela 1 a quantidade dos movimentos vinculados à Via Campesina por continentes.

Tabela 1 - A Via Campesina nos continentes

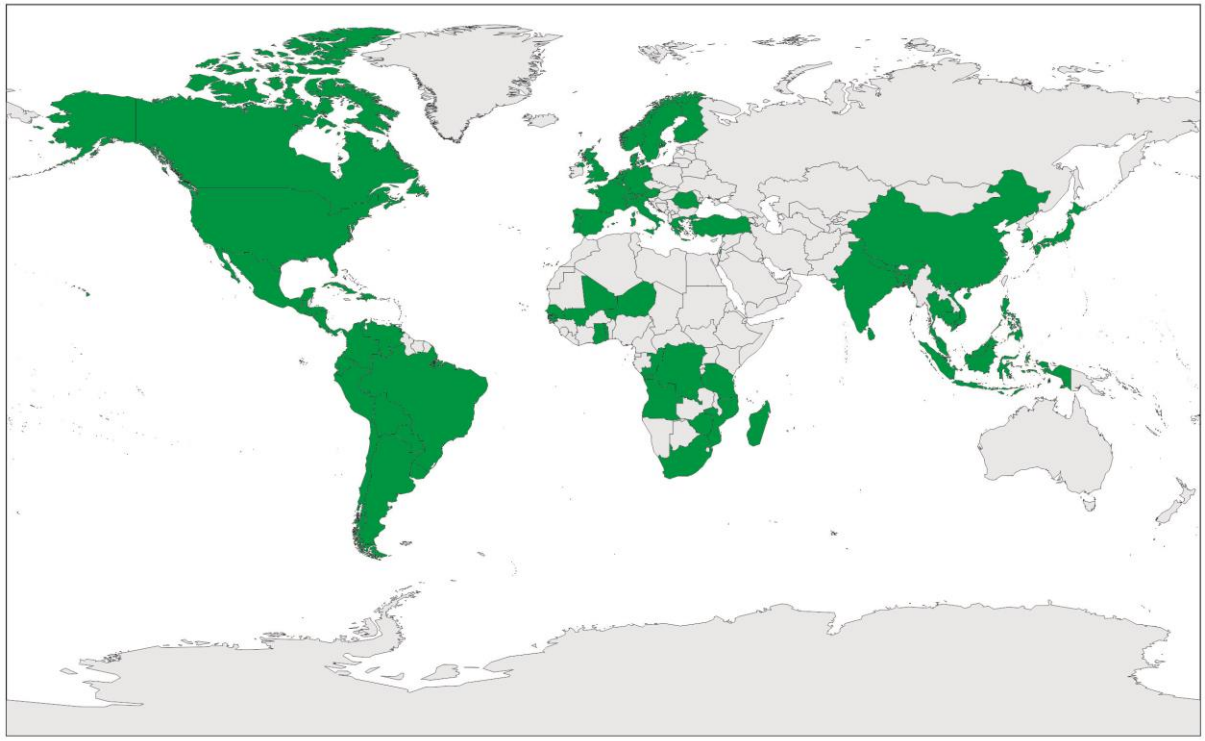
África	**15**
América	**87**
• América Central	27
• América do Norte	7
• América do Sul	40
• Caribe	13
Ásia	**35**
Europa	**27**
Total	**164**

Fonte: http://viacampesina.org

Atualmente a Via Campesina é composta por 164 organizações em 79 países e 4 continentes (Figura 1 e tabelas 1, 2, 3, 4, 5, 6, e 7). A América se destaca pela expressiva quantidade de movimentos vinculados à Via Campesina, sendo somente a América do Sul responsável por 40 movimentos. De acordo com Ribeiro (2013), a Via Campesina tem se constituído como importante movimento da atualidade, sobretudo confrontando organizações multilaterais, tal como a ONU, e grandes empresas multinacionais ligadas à produção agropecuária. Também destaca o autor que seu principal objetivo tem sido promover a articulação, comunicação e coordenação das atividades entre os deferentes movimentos camponeses e indígenas em diferentes escalas.

Figura 1 - Países com movimentos vinculados - 2013

MUNDO



AMÉRICA LATINA

Fonte: Via Campesina 2013 (http://viacampesina.org/)
Software de cartomática: *Philcarto 5.6*
Software de edição: *Corel Draw X6*
Base cartográfica: *Miller* 2
Elaboração: José Sobreiro Filho

Quadro 1 - América do Sul - Movimentos vinculados à Via Campesina por país

1º	Asociación de Pequeños Productores del Noreste de Córdoba (APENOC)	Argentina
2º	Coordinadora de Campesinos, Indígenas y Trabajadores Rurales de Argentina (COCITRA)	Argentina
3º	Consejo Asesor Indígena (CAI)	Argentina
4º	Movimiento Campesino de Santiago del Estero (MOCASE)	Argentina
5º	Movimiento Nacional Campesino e Indígena - MNCI	Argentina
6º	Confederación Nacional de Mujeres Campesinas de Bolivia "Bartolina Sisa" (FNMCB)	Bolivia
7º	Confederación Sindical Unica de Trabajadores Campesinos de Bolivia (CSUTCB)	Bolivia
8º	Confederación Sindical de Comunidades Interculturales de Bolivia	Bolivia
9º	Movimiento de Trabajadores sin Tierra -(MST)	Bolivia
10º	Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST)	Brasil
11º	Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)	Brasil
12º	Movimento de Atingidos por Barragens (MAB)	Brasil
13º	Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA)	Brasil
14º	Pastoral da Juventude Rural -PJR	Brasil
15º	MPP – Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais	Brasil
16º	CONAQ – Coordenaçao Nacional das Comunidades Quilombolas	Brasil
17º	Asociación Nacional de Mujeres Rurales e Indígenas (ANAMURI)	Chile
18º	Confederacion Ranquil	Chile
19º	Asamblea Nacional Mapuches de Izquierda	Chile
20º	Consejo Nacional de Productores de Chile – CONAPROCH	Chile
21º	Coordinador Nacional Agrario (CNA)	Colombia
22º	Federación Nacional de Cooperativas Agropecuarias (FENACOA)	Colombia
23º	Federación Nacional Sindical Unitaria Agropecuaria (FENSUAGRO-CUT)	Colombia
24º	Confederación Única de Afiliados al Seguro Social Campesino de Ecuador – CONFEUNASSCE	Ecuador
25º	Confederación Nacional de Organizaciones Campesinas, Indígenas y Negras -FENOCIN	Ecuador
26º	Federación Nacional de Trabajadores Agroindustriales, Campesinos e Indígenas Libres del Ecuador -FENACLE	Ecuador
27º	Confederación de Pueblos, Organizaciones indígenas Campesinas del Ecuador – FEI	Ecuador
28º	Coordinadora Nacional Campesina Eloy Alfaro-CNC	Ecuador
29º	Coordinadora Nacional de Organizaciones de Mujeres Trabajadoras Rurales e Indígenas-CONAMURI	Paraguay
30º	Mesa Coordinadora de Organizaciones Campesinas (MCNOC)	Paraguay
31º	Movimiento Campesino Paraguayo (MCP)	Paraguay
32º	Organización de Lucha por la Tierra (OLT)	Paraguay

33º	Organización Nacional de Aborigenes e Indígenas de paraguay – ONAI	Paraguay
34º	Movimiento Agrario y Popular – MAP	Paraguay
35º	Confederación Campesina del Perú (CCP)	Perú
36º	Confederación Nacional Agraria (CNA)	Perú
37º	Federación Nacional de Mujeres Campesinas , Indigenas, Nativas y Asalariadas de Perú	Perú
38º	Red de Mujeres Rurales de Uruguay - RMRU	Uruguay
39º	Coordinadora Agraria Nacional Ezequiel Zamora (CANEZ)	Venezuela
40º	FNCEZ - Frente Nacional Campesina Ezequiel Zamora	Venezuela

Fonte: www.viacampesina.org

Quadro 2 - África - Movimentos vinculados à Via Campesina por país

1º	União Nacional de Camponeses (UNAC)	Mozambique
2º	Confederation Paysanne du Congo (COPACO/PRP)	RD Congo
3º	Coalition Paysanne de Madagaskar (CPM)	Madagascar
4º	União Nacional das Associações de Camponeses Angolanos	Angola
5º	Mtandao wa Vikundi vya Wakulima Tanzania (MVIWATA) - Tanzanian Network of Farmers'Groups	Tanzania
6º	Zimbabwe Smallholder Farmer Forum (ZIMSOFF)	Zimbabwe
7º	Landless Peoples Movement (LPM)	South Africa
8º	Coordination Nationale des Organisations Paysannes (CNOP)	Mali
9º	Plateforme Paysanne du Niger (PFPN)	Niger
10º	Conseil National de Concertation et de Cooperation des Ruraux (CNCR)	Senegal
11º	Coordination Togolese des Organisations Paysannes (CTOP)	Togo
12º	Concertation Nationale des Organsations Paysannes en Producteurs Agricoles du Congo (CNOP-Congo)	Congo Brazzaville
13º	Cadre National de Concertation des Organisations paysannes et de Producteurs Agricoles de la Guinée Bissau	Guinée Bissau
14º	Ecumenical Association for Sustainable Agriculture and Rural Development (ECASARD) , Ghana	Ghana
15º	National Coordinating Organization for Farmers Association of Gambia (NACOFAG)	Gambia

Fonte: www.viacampesina.org

Quadro 3 - América do Norte - Movimentos vinculados à Via Campesina por país

1º	Union Nacional de Organizaciones Regionales Campesinas Autónomas (UNORCA)	México
2º	Union Paysanne - Quebec	Canadá
3º	National Farmers Union (NFU)	Canadá
4º	Border Farm Workers Project - Unión de Trabajadores Agricolas Fronterizos (BAWP)	USA
5º	Farmworkers Association of Florida - Assocación Campesina de Florida (FWAF)	USA
6º	Rural Coalition (RC)	USA
7º	National Family Farm Coalition (NFFC)	USA

Fonte: www.viacampesina.org

Quadro 4 - América Central - Movimentos vinculados à Via Campesina por país

1º	CNTC	Honduras
2º	Asociación de Trabajadores del Campo (ATC)	Nicaragua
3º	UPA NACIONAL	Costa Rica
4º	Asociación Nacional de Trabajadores Agropecuarios (ANTA)	El Salvador
5º	Mesa Nacional Campesina de Costa Rica (MNC-CR)	Costa Rica
6º	COMITÉ DE UNIDAD CAMPESINA-CUC	Guatemala
7º	Coordinadora Nacional Indígena y Campesina: CONIC	Guatemala
8º	Coordinadora Nacional de Viudas de Guatemala: CONAVIGUA	Guatemala
9º	Unión Nacional de Productores Agropecuarios Costarricense: UNAG	Costa Rica
10º	Mesa Agropecuaria y Forestal -MAF	Nicaragua
11º	Federación de Cooperativas de la Reforma Agraria Región Central: FECORACEN de R.L.	El Salvador
12º	Unión Nacional de Trabajadores Agropecuarios: UNATA	El Salvador
13º	Asociación de Veteranos de la Guerrilla Salvadoreña: AVEGSAL	El Salvador
14º	Fundación de Promotora de Cooperativas: FUNPROCOP	El Salvador
15º	Federación Nacional de Asociaciones de Cooperativas de Producción Agropecuarias: FENACOPAZ	El Salvador
16º	Movimiento Vida y Equipad Campesina (MVEC)	El Salvador
17º	Asociacion y agropecuaria y Pesquera de la Cuencia del Lago Ilogango (APRIL)	El Salvador

18º	Unión Campesina Panameña (UCP)	Panama
19º	Central Nacional de Trabajadores del Campo (CNTC)	Honduras
20º	Consejo para el Des. Integral de la Mujer Campesina (CODIMCA)	Honduras
21º	Unión Campesina e Indigena de Honduras (UCIH)	Honduras
22º	Asociación para el Desarrollo Rural de Honduras (ADROH)	Honduras
23º	Asociación Nacional de Campesinas de Honduras (ANACH)	Honduras

Fonte: www.viacampesina.org

Quadro 5 - Europa - Movimentos vinculados à Via Campesina por país

1º	Coordinadora de Organizaciones de Agricultores y Ganaderos (COAG)	Spain
2º	Sindicato de Obreros del Campo de Andalucía (SOC)	Spain
3º	Confederation of Farmers' Unions (ÇIFÇTI-SEN)	Turkey
4º	Arbeitsgemeinschaft Bäuerliche Landwirtschaft (ABL)	Germany
5º	Associazione Rurale Italiana (ARI)	Italy
6º	Federation Unie de Groupements d'Eleveurs et d'Agriculteurs (FUGEA)	Belgium
7º	Confederaçao Nacional da Agricultura (CNA)	Portugal
8º	Confédération Nationale des Syndicats d'Exploitants Familiaux (MODEF)	France
9º	Confederation Paysanne	France
10º	Nordbruk	Sweden
11º	Norsk Bonde - Og Smabrukarlag (NBS)	Norway
12º	Österreichische Berg- und Kleinbaüer -Innen Vereinigung	Austria
13º	Sindicato Labrego Galego (SLG)	Spain
14º	Euskal Herriko nekazarien Elkartasuna (EHNE-Bizkaia)	Bask Country/Spain
15º	Uniterre	Switzerland
16º	Mouvement d'Action Paysanne-MAP	Belgium
17º	Mouvement International de Jeunesse Agricole Rurale Catholique- (MIJARC-Europe)	Belgium
18º	Frie Boender	Denmark
19º	Associazione Italiana per l'Agricoltura Biologica (AIAB)	Italy
20º	Nederlandse Akkerbouw Vakbond (NAV)	Netherland

21º	L'Autre Syndicat	Switzerland
22º	New Agricultural Movement of Greece	Greece
23º	Eco Ruralis	Romania
24º	Esvy Ry	Finland
25º	Associazione Lavoratori Produttori Agroalimentari (ALPA)	Italy
26º	Land Workers Alliance	UK
27º	Scottish Crofting Federation	Scotland/UK

Fonte: www.viacampesina.org

Quadro 6 – Ásia - Movimentos vinculados à Via Campesina por país

1º	Indonesian Peasant Union/ SPI	Indonesia
2º	Korea Women Peasant Association -KWPA	South Korea
3º	Assembly of the Poor (AOP)	Thailand
4º	Pagkakaisa para sa Tunay na Repormang Agraryo at Kaunlarang Pangkanayunan (PARAGOS)	Philippines
5º	Kilusang Magbubukid ng Pilipinas (KMP)	Philippines
6º	Movimentu Kamponezes Timor Leste (MOKATIL)	Timor Leste
7º	Korean Peasant League (KPL)	South Korea
8º	Borneo Indigenous Peoples Movement (PANGGAU)	Malaysia
9º	Vietnam National Farmers Union (VNFU)	Vietnam
10º	Nouminren (Japan Family Farmers Movement)	Japan
11º	Northern Peasant Federation (NPF)	Thailand
12º	Farmer and Nature Network (FNN)	Cambodia
13º	Taiwan Farmers Union	Taiwan
14º	Union of Agriculture Workers Committes (UAWC)	Palestina
15º	Bharatiya Kisan Union (BKU), Haryana	India
16º	All Nepal Peasants' Federation (ANPFA)	Nepal
17º	Nepal Agricultural Labor Association	Nepal
18º	Nepal National Fish Farmers Association	Nepal
19º	Nepal National Peasants Women's Association	Nepal
20º	Bangladesh Adivasi Samithy (BAS)	Bangladesh
21º	Bangladesh Kishani Sabha (BKS)	Bangladesh
22º	Bangladesh Krishok Federation (BKF)	Bangladesh
23º	Bharatiya Kisan Union (BKU), Madhya Pradesh	India
24º	Bharatiya Kisan Union (BKU), Maharshtra	India
25º	Bharatiya Kisan Union (BKU), New Delhi	India
26º	Bharatiya Kisan Union (BKU), Punjab	India

27º	Bharatiya Kisan Union (BKU), Rajasthan	India
28º	Bharatiya Kisan Union (BKU), Uttaranchal	India
29º	Bharatiya Kisan Union (BKU), Uttar Pradesh	India
30º	Karnataka Rajya Ryota Sangha (KRRS)	India
31º	Kerala Coconut Farmers Association	India
32º	Nandya Raita Samakya, Andra Pradesh	India
33º	Tamil Nadu Farmers Association	India
34º	Monlar -(Movement for National Land and Agricultural Reform)	Sri Lanka
35º	Adivasi Gothra Mahasabha, Kerela	India

Fonte: www.viacampesina.org

Quadro 7 - Caribe - Movimentos vinculados à Via Campesina por país

1º	Mouvement Paysan de Papaye (MPP)	Haiti
2º	Tet Kole ti Peyizan Ayisyen - TK	Haiti
3º	Mouvman Peyizan Nasyonal Kongre Papay (MPNKP)	Haiti
4º	Asociación Nacional de Agricultores Pequeños (ANAP)	Cuba
5º	Confederación Nacional de Mujeres Campesinas-CONAMUCA	Dominican Rep.
6º	FECAIMAT - Federacion de Campesinos Independientes Mamá Tingó	Dominican Rep.
7º	MCCU - Movimiento de Campesinos Trabajadores "Las Comunidades Unidas	Dominican Rep.
8º	ACALEN - Asociacion Central de Agricultores Luz y Esperanza de Nagua	Dominican Rep.
9º	RETOÑO - Confederacion de Organisaciones Campesinas y Barriales del Sur	Dominican Rep.
10º	FEDECARES - Federacion de Caficultores del Sur	Dominican Rep.
11º	FEPROBOSUR - Federacion de Productores del Bosque Seco	Dominican Rep.
12º	WINFA - Association of Caribbean Farmers	Windward Islands
13º	Organización Boricuá de Agricultura Eco-Organica (BORICUÁ)	Puerto Rico

Fonte: www.viacampesina.org

Na América do Sul, alguns países se destacam pela grande quantidade de movimentos vinculados à Via Campesina (Quadro 1). Outra organização de luta importante a ser destacada e que consta alinhada à Via Campesina é a CLOC -

Cordinadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo, que se constitui "*una instancia de articulación continental con 16 años de compromiso constante con la lucha social que representa a movimentos campesinos, de trabajadores y trabajadoras, indígenas*" (CLOC, 2013). Na América Latina, o Brasil ocupa importante papel na Via Campesina e na CLOC, dentre muitos motivos, devido à experiência de luta e expressividade dos movimentos, tal como MST, MPA e MAB.

Além da ampla diversidade de movimentos socioterritoriais camponeses e indígenas que compõem a Via Campesina, a mesma também está estruturada em órgãos. Segundo Ribeiro (2013), a Via Campesina tem sua estrutura composta por 4 órgãos/grupos interligados e com finalidades complementares, sendo estes: CI - Conferência Internacional; CCI - Comitê Coordenador Internacional; ERs - Escritórios Regionais; e a SOI - Secretaria Operativa Internacional. No organograma 1, também retirado de Ribeiro (2013), podemos identificar as relações e funcionalidade de cada órgãos. A Conferência Internacional tem papel central na realização dos trabalhos, definição de projetos políticos, ações, campanhas, etc. A CI ocorre aproximadamente a cada quatro anos e diferentes localizações do mundo, sendo realizadas seis até o presente momento nos seguintes países e cidades: Mons (Bélgica) em 1993; Tlaxcala (México) em 1996; Bangalore (Índia) em 2000; São Paulo (Brasil) 2004; Maputo (Moçambique) 2008 e Jacarta (Indonésia) em 2013.

Organograma 1 – Estrutura organizativa e funcional da Via Campesina

Retirado de: Leandro Nieves Ribeiro, 2013

Produtos destas articulações e de um projeto político e ações realizadas de maneira coletiva tem-se um conjunto amplo de problemáticas que estão centradas nos seguintes grandes temas:

- Reforma Agrária e Água

- Biodiversidade e Recursos Genéticos
- Soberania Alimentar e Comércio
- Mulheres
- Direitos Humanos
- Migrações e Trabalhadores Rurais
- Agricultura Camponesa Sustentável
- Jovens

Ao entorno destes grandes temas, tem-se como desdobramentos da organização da Via Campesina as seguintes ações e eventos:

- 17 de abril - Dia da luta camponesa
- Fórum Social Mundial
- Não a OMC e Fundo Monetário Internacional: Basta!
- Não aos Acordos de Livre Comércio!
- Mudanças climática e agrocombustíveis
- Não às transnacionais
- Desastres naturais

De maneira geral, também se tem, dentre outras atividades, a organização de encontros, conferências, publicações e ações combativas, tais como ocupações de terras, manifestações, etc. Além disso, é fundamental destacar o processo de formação política de militantes realizado nas escolas dos movimentos e/ou vinculadas aos mesmos, tais como a ENFF - Escola Nacional Florestan Fernandes, no município de Guararema em São Paulo, e a UNICAM - Universidad Campesina, em Santiago del Estero na Argentina, cujas escolas recebem militantes de diversos lugares do mundo, sobretudo, da América Latina, para realizar a formação política.

2.2 - Manifestações e redes sociais

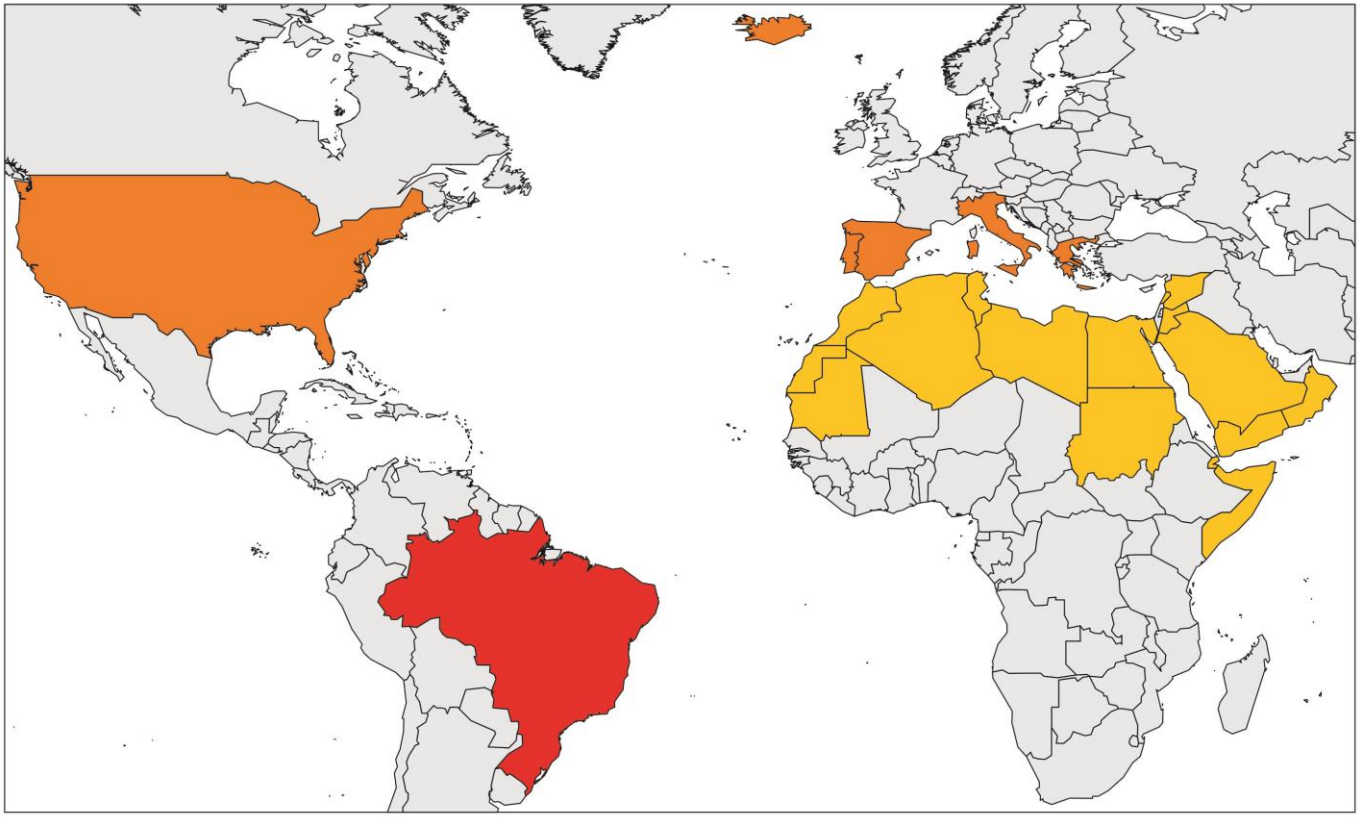
Além das articulações realizadas pelos movimentos socioterritoriais camponeses, as constantes manifestações organizadas por movimentos socioespaciais nas cidades de diversos pontos no mundo têm chamado significativamente a atenção nos últimos cinco anos. A internet e, especialmente, as redes sociais online tem apresentado expressivo destaque nesse processo. Conforme noticiado nos jornais *The New York Times* e *Le Monde Diplomatique*, a organização de manifestações e a divulgação/circulação de informações realizadas nas manifestações na Espanha, Portugal, Islândia, Itália e Grécia, as revoltas que compuseram a primavera Árabe, *Occupy Wall Street* (CASTELLS, 2012) e as manifestações realizadas em Junho e Julho de 2013 no Brasil (MARICATO et al., 2013; HARVEY et al., 2012), sobretudo, referentes à elevação da taxa de tarifa de ônibus têm em comum na sua organização e difusão de informações o uso de redes sociais tais como *Facebook*, *Twitter* e *Youtube*[3] (figura 2). Não muito distante podemos observar a relação direta entre o uso das redes sociais e atuação dos novos movimentos que tem despontado recentemente, tal como destaca Alves:

> A profunda crise do subprime de 2008 foi muito sentida pelos países norte-africanos, piorando os níveis de pobreza, e tendo como detonador a elevação do preço dos alimentos e outros produtos básicos. A multidão árabe, composta em sua maioria por jovens trabalhadores precários e desempregados, se mobilizaram por meio das redes sociais. (ALVES, 2012, p. 31-2)

Assim como em inúmeros momentos da história, as crises estão diretamente relacionadas à própria dinâmica do capitalismo, e consequentemente os países mais pobres têm sido mais assolados pelos seus impactos. Neste sentido, conforme aponta o autor, as redes sociais têm sido uma importante ferramenta para arregimentar a população, tanto para a organização, quanto também para a efetivação das manifestações, em diversos países, durante a Primavera Árabe e também nas manifestações que compuseram o amplo leque de ações do movimento *Occupy Wall Street* nos EUA - Estados Unidos da América.

[3] Brazil´s Vinegar Uprising, The New York Times. June, 18, 2013. Protests Expand in Brazil, Fueled by Video of Police Brutality. The New York Times, June, 18, 2013. Tear Gas Fired Outside Stadium in Brazil, but Protest Sitll Spreads Inside, The New York Times, June, 19, 2013. Twitter ou o trunfo da plasticidade, Le monde diplomatique, 1, outubro de 2011., Revolução Egípcia com ou sem Twitter, 6 de fevereiro, 2012., são notícias que especificam o uso de facebook, youtube e Twitter.

Figura 2 - Principais manifestações no mundo - 2008-2013
Países e causas relacionadas



LEGENDA

- Occupy Wall Street e Crise Econômica (2009 - 2013)
- Primavera Árabe (2010 - 2013)
- Tarifas de ônibus e demais questões (2013)

Fonte: Dados levantados em periódicos *online* (The New York Times e Le Monde Diplomatique)
Data de elaboração: 14/08/2013
Software de cartomática: *Philcarto 5.6*
Software de edição: *Corel Draw X6*
Base cartográfica: Miller 2
Elaboração: José Sobreiro Filho

No bojo desta discussão temos o que podemos denominar como uma globalização diferenciada, ou seja, o uso das possibilidades da globalização para a realização de ações enfrentativas e a expressão deste uso fez-se no manejo das redes sociais online para promover ações cujos interesses pertencem aos de abaixo tal como afirma Alves:

> Em todos os novos movimentos sociais, o papel das redes sociais, como o facebook e twitter, na organização das manifestações sociais de massa foi importante. Na verdade, "Occupy Wall Street", o movimentos dos indignados e o movimento "geração à rasca" são exemplos candentes da verdadeira globalização "dos debaixo" que se contrapõe hoje a globalização dos "de cima". (ALVES, 2012, p. 32)

Ainda sobre a temática da globalização "dos debaixo" como afirma Alves, faz-se também pertinente rememorar a leitura de Santos sobre as possibilidades de globalização existentes. Santos (2000) nos apresenta três ponderações sobre a globalização, que muito contribui para entendermos o discurso, a realidade e a possibilidade da globalização. Tida como parte da necessidade evolutiva do capitalismo, a globalização é apontada como fábula, como perversidade e como poderia ser. A primeira está embasada na construção arquitetada pelos aparelhos de comunicação com destaque para a padronização cultural e também do consumo, "acesso" ao global a partir do local, etc. A segunda destaca o mundo tal como é, ou seja, traz a tona as contradições produzidas pelo capitalismo e a terceira apresenta a idéia de uma outra globalização. Pensar esta contribuição de Santos (2000) sobre globalização é importante por nos apresentar a realidade falseada, a realidade em sua face mais perversa e o mundo de possibilidades. Neste sentido, identificamos alguns movimentos socioespaciais e socioterritoriais que se caracterizam como um sujeito político que tem suas lutas desvendando a fábula, trazendo à tona as contradições que compõem um processo global e mostrando-se como um produto destas e com potencial para se construir novas formas não só de globalização, mas também de construir apostas revolucionárias tendo como ponto de partida o espaço e o território.

As redes sociais online tornaram-se meios de efetivação da globalização através da possibilidade de levar informações, ou seja, denota-se que as redes sociais *online* vêm impingindo uma nova forma de circulação de informações, viabilizando mobilizações e se consolidando como um importante espaço de socialização política, além da emersão de sujeitos políticos coletivos em lugares em que estes não prostravam-se plenamente constituídos. Ou seja, a atualidade é marcada tanto pelo

surgimento de novos movimentos, quanto também pela criação de novas formas de organização de ações e articulações, uso de redes sociais como ferramentas de circulação de informações, de mídia alternativa, realização de lutas e de resistência.

Dentre uma ampla diversidade de elementos, destacam-se na atualidade as mudanças nos espaços de socialização política como parte importante deste processo. Grzybowski (1991) destacando a leitura sobre a socialização política e Fernandes (1994), focando nos espaços ao estudar o MST, apontam sua importância na organização da luta dos movimentos camponeses. Contudo, a socialização política, sobretudo, para organização de lutas tem transbordado os espaços tidos como mais comuns, tais como acampamentos, manifestações e escolas de formação política e já não se restringem à materialidade, fazendo da internet um novo espaço para seu crescimento.

Além da incorporação da internet como novo e importante espaço de socialização política, ocorreu também uma importante mudança na forma de organização, com especial destaque para a presença nas redes sociais online. Em "*Capitão Swing*" de Hobsbawm (1982), um dos principais pontos destacados na constituição do movimento das "cartas do *swing*" foi o processo de aproximação presencial entre os trabalhadores (leia-se também socialização política). Não diferente, Fernandes (2000) também aponta o trabalho de base presencial como um elemento comum nos movimentos. Contudo, hoje despontam, sobretudo no meio urbano, novas formas de "trabalho de base" e para os movimentos tanto do campo quanto da cidade outras possibilidades de promover a conscientização e também um novo espaço passível de socialização política, ou seja, a internet e, especificamente, as redes socais online como possível potencializador das estratégias e ações dos movimentos.

A circulação de informações que há décadas era organizada e divulgada através de reuniões, jornais, panfletos, cartas, ligações e contato presencial, agora passa a ser também realizada em tempo real e o local cria potencial para alcançar o global em algumas curtidas, twittadas, compartilhamentos, *posts*, etc. Podemos observar também em Gohn (2012) as mudanças nas formas de circulação de informações:

> Nos séculos XVIII e XIX, na Europa, já se recorria às marchas para protestar, utilizando-se também da música e palavras de ordem, formas básicas de se comunicar, pois a maioria da população era analfabeta. Havia a figura dos "repetidores", homens que ficavam em altos postes gritando palavras de ordem, repetindo o discurso das lideranças. No século XX, com a escrita e o acesso de muitos à escolarização, com os gramofones e alto-

> falantes, os "repetidores" foram substituídos por instrumentos de som e surgiram os jornais de categorias, boletins, cartilhas e imagens do cinema (antes mudo, depois os vídeos). As marchas tornaram-se mais barulhentas. Veio ainda o carro de som, o trio elétrico. Neste século, surgiram as mobilizações on-line, organizadas via blogs, twitter, facebook, monitores on-line, torpedos e mensagens de celulares. Também foram criados recursos para mapear não só o trajeto, mas também os principais pontos de repressão. (GOHN, 2012, p. 22)

Neste mesmo sentido, Tilly & Wood (2010) exemplificam a organização de manifestações em 2007 através de mensagens de celular tal como ocorreu em Xiamen na China e serviu para um processo de arregimentação de um amplo contingente em prol à não construção de uma usina que provocaria grandes impactos ambientais. Tendo em vista as últimas manifestações apontadas na figura 2 e as abordagens de Maricato et al. (2013) e Harvey et al. (2012), observa-se que o uso das redes sociais pelos movimentos tem a compressão do tempo e espaço expressa na possibilidade de interação em tempo real e na transescalaridade local-global. A instantaneidade veiculada pela associação de mídias locativas (SANTAELLA, 2008) e redes sociais online permite tanto que um cidadão possa mudar seu caminho e participar de uma manifestação de modo presencial, quanto também possibilita a interação virtual de um sujeito que se encontra do outro lado do globo, fato que também constitui como uma forma de participação do amplo processo que compõe uma manifestação. As interações se diferenciam e um maior leque de possibilidades surge, sobretudo, devido à intensificação da circulação de informações, fato que também dinamiza a participação nas manifestações tornando-as um ponto atrativo:

> De simpatizantes da causa, os sujeitos que atendem às chamadas para os atos de protesto poderão se tornar ativistas de um novo movimento social. A sensibilização inicial é uma causa, vista como um problema social, como a corrupção de políticos, a ganância de banqueiros, o preconceito contra gays etc. As manifestações e os atos são chamariz que poderá transformar-se em motivação prioritária na vida dos sujeitos mobilizados. E o movimento ganha novos ativistas. As pedagogias alternativas utilizadas também se recriam, se reinventam, porque a conjuntura sociopolítica, econômica, cultural, tecnológica é outra. (GOHN, 2012, p. 21)

Nas manifestações de Junho e Julho de 2013 o “movimento” Mídia NINJA ocupou importante papel na produção e transmissão de informações alternativas em tempo real para links online e em redes sociais como o Youtube, Facebook e Twitter. Através de conexões Wi-Fi e 3G transmitiam vídeos e notícias em tempo real geradas, principalmente, em *Smartphones* e que podiam ser acompanhadas em todo o globo.

Na transmissão imediata das informações, ou seja, sem descompasso no tempo-espaço, cada participante da manifestação transmite a informação e assume protagonismo da mesma como ator, fotógrafo, cinegrafista, etc. de acordo com a sua postura político-ideológica e no ângulo escolhido. Através das mídias locativas e redes sociais, cria-se então a possibilidade de diminuir o hiato entre manifestante/militante e produtor de informações, ou seja, da a possibilidade de que um manifestante seja também um fotógrafo, cinegrafista, etc., sublevando sua produção de informações à rede mundial, ou seja, alteando o local ao global[4]. Assim, além do crescimento das redes online como importante espaço de socialização política, nos meses de junho e julho houveram claras mudanças nas formas organizar e articular as manifestações, realizar trabalhos de base e produzir e difundir informações.

A mobilidade, a simultaneidade e a velocidade de produção e circulação das informações, sobretudo em tempo real, possibilitaram uma nova dinâmica nas manifestações e nas lutas pelo espaço. Houve uma intensificação do uso das redes sociais online e, portanto, a elevação do ciberativismo, sobretudo, levada adiante pela camada jovem. Compreender este processo faz-se importante não somente por entendermos estes movimentos socioespaciais e socioterritoriais no campo e na cidade como sujeitos políticos produtores e transformadores do espaço e território em sua complexidade organizacional e posturas político-ideológicas, mas também pelo foco na centralidade que a conflitualidade ocupa nos constantes processos geográficos de produção e reorganização espacial, T-D-R, disputa territorial e demais ações e estratégias que envolvem a lógica metabólica socioespacial. Ou seja, no amplo quadro epistemológico onde estão dispostos também as categorias e os principais conceitos geográficos, a conflitualidade faz-se presente de maneira transversal e proporcionando a expressão de diferentes níveis de abstração.

No bojo deste processo, dentre muitas outras possibilidades e processos viabilizados ou atrelados à intensificação do uso de redes sociais online, destacamos que a ampliação da difusão de informações e das áreas de intervenção territorial e mobilização, tal como aponta Alves:

> ...utilizam-se das redes sociais, como facebook e twitter, ampliando sua área de intervenção territorial e mobilização social. Produzem sinergias sociais em rede, tecendo estratégias de luta territorial num cenário de crise social ampliada. Há

[4] É fundamental destacar que esse processo também contribuiu para a criação de vias de circulação de informações que não fossem a mídia coorporativa.

> tempos o MST - Movimento dos Sem-Terra, no Brasil, e o Zapatismo, no México, utilizam estratégias de ocupação como tática de luta e visibilidade social. Eles nos ensinam que, hoje, a luta contra o capital global que desterritorializa é a luta pela territorialização ampliada, difusa e descentrada (todos esses novos movimentos sociais não têm um líder). (2012, p. 33)

2.2.1 - Primavera Árabe

A Primavera Árabe foi um conjunto de manifestações realizadas no "mundo árabe" que se iniciaram em dezembro de 2010 na Tunísia e se intensificaram no ano de 2011, sobretudo, com a realização de ações nos demais países do Oriente Médio e do Norte da África. Dentre uma ampla diversidade de reivindicações e contestações destacavam-se a demanda de liberdade de expressão e medidas democráticas (GOHN, 2012) em detrimento dos governos ditatoriais e outras estruturas que desdobravam-se na concentração de poderes políticos.

Apesar de ser a concentração de poderes políticos e a ausência de posturas democráticas por conta de governos ditatoriais e autoritários as principais motivações, o estopim das manifestações denominadas como Primavera Árabe foi a manifestação individual do vendedor Tarek al-Tayyib Muhammad ibn Bouazizi também conhecido como Mohamed Bouazizi. O vendedor de rua faleceu em conseqüência de atear fogo ao próprio corpo, após ter seu carro de mercadorias apreendido sob a alegação de ser proibido o comércio ambulante na Tunísia. Seu funeral foi acompanhado por um amplo contingente populacional e, apesar da individualidade da ação, logrou trazer a tona os dissentimentos e somar na motivação da indignação necessária para o início da realização das manifestações na Tunísia. Contudo, Gohn (2012) chama a atenção para um fato anterior e onde as redes sociais e a internet estiveram presentes desde antes do início da Primavera Árabe:

> Segundo registros na imprensa escrita, uma mulher blogueira teve um papel importante na Tunísia: Lina Bem Mhenini. Ela criou um blog em 2007 e escrevia sobre censura, direitos femininos, direitos humanos e liberdade de expressão. Dado o tom de seus temas, seu site foi bloqueado e a polícia fez buscas em sua casa e levou todo seu material de conexão com as mídias e redes sociais. Em 2010, ela voltou à tona, fotografando protestos e violência contra manifestantes, inclusive mortes. Um vendedor de frutas, Mohamed Sidi Bouazizi, autoimolou-se em protesto contra o confisco de suas mercadorias, pelo fato de não ter licença para vendê-las. Ela registrou o fato e colocou tudo na internet, rompendo com o apagão mediático imposto pela censura de Bem Ali. Também teve papel importante o *blog* Nawaat, de

> Astrubal. Autoritarismo do regime político, repressão conflitos religiosos e economia em crise foram os maiores explosivos da revolta. (GOHN, 2012, p. 28)

Observa-se que, mesmo antes do boom das redes sociais como o *Facebook*, o *Twitter* e o *Youtube*, os *blogs* eram utilizados como importante espaço para a difusão de informações. Assim, denota-se também que as manifestações que compreenderam a Primavera Árabe compunham parte de um amplo processo acumulativo de indignação devido à forte repressão e falta de democracia e liberdade de expressão.

Tendo Mohamed Bouazizi como estopim, as manifestações se iniciaram em dezembro de 2010 na Tunísia, mas foi somente em 2011 que se intensificaram e passaram a ser realizadas nos demais países (quadro 8). Pode-se afirmar que as manifestações ocorreram em alguns países com maior intensidade (Egito, Líbia e Tunísia), contudo teve também desdobramentos diretos e indiretos em diversos outros países, sendo eles: Argélia, Jordânia, Iêmen, Síria, Bahrein, Omã, Saara Ocidental, Marrocos, Mauritânia, Iraque, Somália e Arábia Saudita (Figura 3).

Quadro 8 - Datas de início das manifestações em alguns dos países da Primavera Árabe

17/12/2010	Tunísia	Protestos pela situação econômica da população e para dar maior força a protestos menores iniciados no começo do mês.
3-10/01-2011	Argélia	Onda Massiva de protestos devido ao preço dos alimentos.
25/01/2011	Egito	"Dia da Revolta" - Milhares de Egípcios saem às ruas e o governo começa a interromper o sinal de internet (considerado o principal meio dos manifestantes).
26/01/2011	Jordânia	Protesto contra o governo
27/02/2011	Iêmen	16 mil pessoas tomas as ruas da capital Sanaa em protesto ao governo
03/02/2011	Síria	Convocação de protestos para o dia da ira.
14/02/2011	Bahrein	Cidadãos saem às ruas para protestos
15/02/2011	Líbia	Protesto contra a prisão de ativistas de Direitos Humanos (200 pessoas)
18/02/2011	Omã	Manifestantes protestam para pedir reformas
20/02/2011	Marrocos	Protestos - Dia da Dignidade

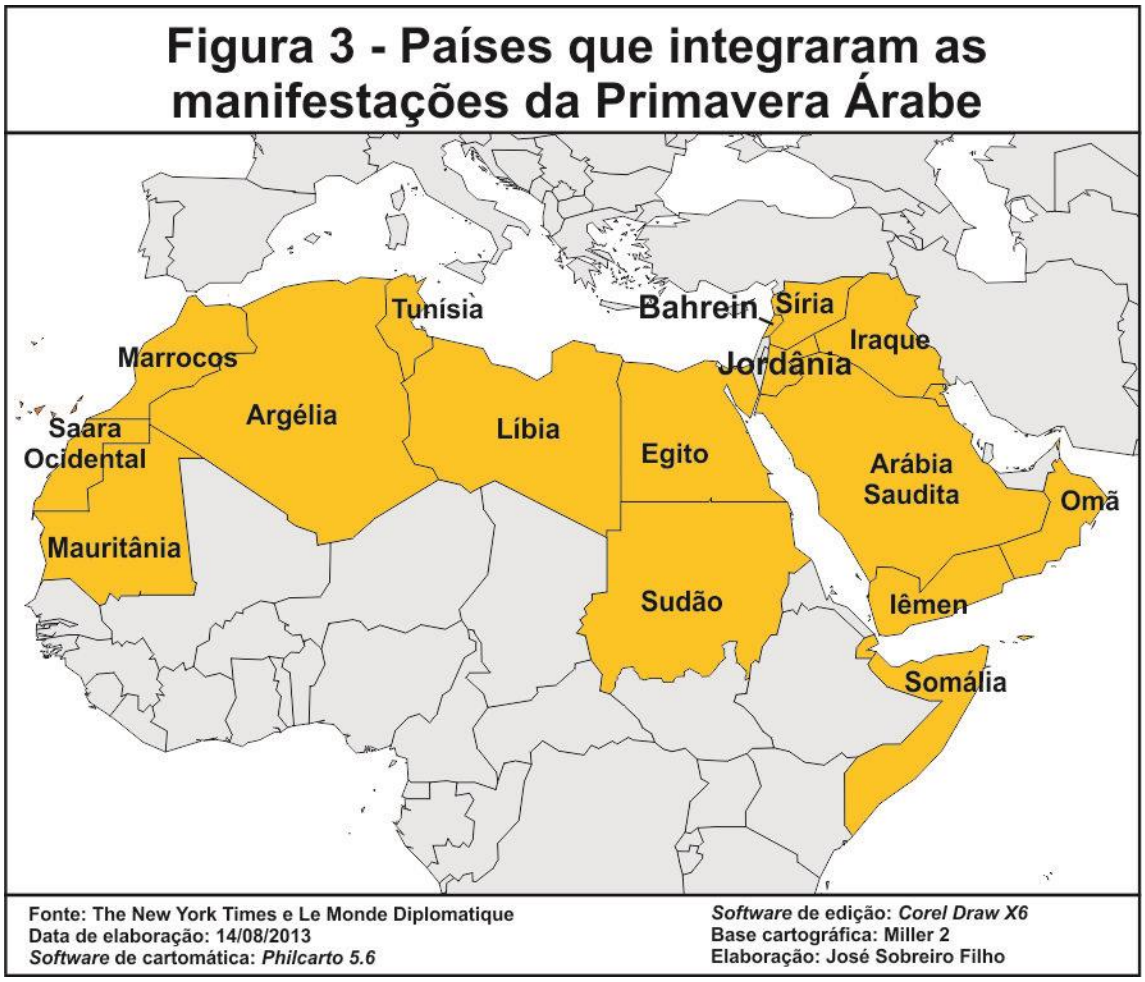
Fonte http://www.terra.com.br/noticias/infograficos/protestos-mundo-arabe/

Organização: José Sobreiro Filho

É importante destacar que as manifestações não ocorreram em todos os casos de modo regular, simétrico ou combinado. Na maior parte dos casos, foi a combinação da

motivação criada pelas primeiras insurreições e manifestações políticas com uma indignação geral e causas específicas na maioria dos países, que levou a população de diversos lugares para as ruas. Assim, a Primavera Árabe foi também um conjunto de manifestações disseminadas. Contudo, alguns sujeitos e grupos/movimentos foram fundamentais na sua organização. Gohn (2012) destaca que a atuação das redes sociais e de alguns sujeitos foram fundamentais. Dentre eles destacam-se alguns ciberativistas e também movimentos mais elaborados, tais como o Movimento 6 de Abril e o Movimento Kefaya:

> ... "foi um movimento de jovens universitários liderados por Armed Maher e que se serviram da internet e do Facebook para fortalecer sua força de mobilização". (GOHN, 2012, p. 29)
>
> O movimento egípcio cresceu a partir de 2010 por meio da "revolução virtual" operada pelas mídias sociais. Em 10 de junho de 2010, Wael Ghonim, ao ver no Facebook um jovem ser espancado até a morte por forças de segurança de Mubarak, criou uma página no facebook, Kullena Khaled Said (Somos todos Khaled Said). O site obteve em dois minutos 300 seguidores e, em três dias, 100 mil ciberativistas! . (GOHN, 2012, p. 29)
>
> A participação de jovens e o uso das mídias sociais foi fundamental no Egito, e eles não eram originários apenas daquele país. . (GOHN, 2012, p. 30)



Muitos foram os motivos dos enfrentamentos da Primavera Árabe e também diversas as consequentes transformações e mudanças socioespaciais e, portanto, políticas que as mesmas produziram. Primeiramente, destaca-se que no amplo leque de manifestações ocorridas, as principais tiveram como finalidade combater e protestar contra: a situação econômica e política dos países; os elevados preços dos alimentos; a repressão policial e política; a interrupção de sinal de internet e repressão dos governos; a prisão de ativistas de direitos humanos; por pedidos de reformas; etc. No transcorrer das manifestações, inúmeras articulações e fatos chamaram a atenção, dentre eles destacamos: ameaças de greves; adesão de sindicados e, em alguns casos, do exército; declarações de estado de emergência e toque de recolher; atentados terroristas; prisões e repressão de manifestantes; reformas constitucionais; inúmeros confrontos armados, sobretudo na Líbia; manifestantes ateando fogo ao próprio corpo assim como o vendedor Mohamed Bouazizi; o conflito no jogo de futebol entre as equipes egípcias Al-Masry e Al-Ahly em Port Said, que terminou com aproximadamente 70 mortos; o "Dia da Revolta"; o "Dia da Ira"; o "Dia da Dignidade"; etc. Neste emaranhado de

elementos e fatores conflituosos que compuseram a Primavera Árabe denota-se a importância da internet no processo, inclusive nas estratégias desarticulatórias do governo que a bloqueou, tal como destaca Gohn. Contudo alguns espaços tiveram significativa importância no encontro das multidões:

> Em 25 de janeiro de 2011, após a derrubada do governo na Tunísia, organizou-se uma marcha por meio da internet e os protestos se espalharam por todo o país. Registre-se que o governo bloqueou a internet e as redes móveis do país visando conter os manifestantes. A partir daí, os protestos se concentraram na praça Tahrir. . (GOHN, 2012, p. 30)

Também, como consequência das manifestações, ocorreram significativas mudanças políticas. Observamos a renuncia e deposição de alguns presidentes e representantes políticos e a transição de sistemas autoritários para sistemas mais democráticos em alguns países. Mais uma vez a Tunísia, com o deposição do presidente Ben Ali, a Líbia, a morte de Muammar Kadafi, e o Egito, com a renuncia de Hosni Mubarak, se destacam entre os países com maiores mudanças políticas.

Em alguns países, tal como a Líbia, ocorreu intervenção da OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte e em outros também ocorreram cobranças diretas dos EUA. Assim, vale destacar que além do fato de que alguns dos governos ditatoriais e autoritários significarem um empecilho aos interesses dos EUA, a região no globo onde os mesmos estão localizados também se constitui como área de interesse norte americano. Portanto, tais circunstâncias denotam também a ocorrência de um processo impregnado de interesses e que fazem parte de um jogo geopolítico de décadas tal como nos apresenta Harvey (2005) em "O novo Imperialismo".

2.2.2 - Occupy Wall Street

Dentre os movimentos recentes com maior projeção no cenário internacional destaca-se o OWS - *Occupy Wall Street*. O OWS apresenta-se claramente como um movimento de enfrentamento ao capital e contra o percentual mais rico e que detém controle e/ou influencia nas decisões políticas que mais tem assolado a população através das crises. Em suas palavras o movimento se identifica como:

> Occupy Wall Street é um movimento de pessoas que começou em 17 de setembro de 2011, em Liberty Square, no distrito financeiro de Manhattan, e se espalhou para mais de 100 cidades nos Estados Unidos e ações em mais de 1.500 cidades no mundo. # OWS está lutando contra o poder corrosivo de grandes bancos e corporações multinacionais sobre o processo democrático e o papel de Wall Street na criação de um colapso econômico que causou a maior recessão em gerações. O movimento é inspirado por revoltas populares no Egito e na Tunísia, e tem como objetivo lutar contra o 1% mais rico de pessoas que estão escrevendo as regras de uma economia global que injustamente exclui nosso futuro. (OWS, 2013, Tradução nossa)[5]

No mesmo sentido, David Harvey (2012) destaca que o movimento tem como foco a luta contra o partido de *Wall Street*. Em suas palavras o Partido de *Wall Street* é caracterizado pela dominação, concentração, exploração, desigualdade, etc., e cujos valores tem suas bases no capitalismo:

> O partido de Wall Street tem um princípio universal de dominação: não pode haver nenhum adversário sério ao poder absoluto do dinheiro de dominar absolutamente. E esse poder tem de ser exercido com um único objetivo: seus detentores não devem apenas ter o privilégio de acumular riqueza sem fim e à vontade, mas também o direito de herdar o planeta, com domínio direto ou indireto da terra, de todos os seus recursos e das potencialidades produtivas que nela residem, bem como de assumir o controle absoluto, direta ou indiretamente, sobre o trabalho e as potencialidades criativas de todos os outros que sejam necessários. O resto da humanidade se tornará supérfluo.
> ... foram esculpidos no corpo político de nosso mundo pela vontade coletiva de uma classe capitalista instigada pelas leis coercivas da competição. (HARVEY, 2012, p. 58)

Em suma, o movimento OWS tem como principal finalidade a luta contra as contradições geradas pelo capitalismo, destacando algumas de suas contradições mais gritantes, sendo elas a desigualdade socioeconômica (PESCHANSKI, 2012; WALLERSTEIN, 2012), a corrupção e influência das grandes empresas multinacionais e bancos, sobretudo, no tocante à manipulação do mercado financeiro em detrimento da população menos favorecida. Outro ponto de fundamental importância destacado por Harvey é a falsa idéia de liberdade de expressão criada pela face repressiva do capital em Wall Street:

> É exímio nas práticas de tolerância repressiva que perpetuam a ilusão de liberdade de expressão, contanto que essa expressão não exponha

[5] Occupy Wall Street is a people-powered movement that began on September 17, 2011 in Liberty Square in Manhattan's Financial District, and has spread to over 100 cities in the United States and actions in over 1,500 cities globally. #ows is fighting back against the corrosive power of major banks and multinational corporations over the democratic process, and the role of Wall Street in creating an economic collapse that has caused the greatest recession in generations. The movement is inspired by popular uprisings in Egypt and Tunisia, and aims to fight back against the richest 1% of people that are writing the rules of an unfair global economy that is foreclosing on our future. (OWS, 2013)

> implacavelmente a natureza verdadeira de seu projeto e o aparato repressivo sobre o qual repousa. (HARVEY, 2012, p. 59)

O dia 17 de setembro de 2011 foi considerado o marco das atividades do movimento, pois caracterizou-se como a primeira de suas ações. Nesta ação foi realizada uma marcha em Wall Street, Manhattan - Nova Iorque, com aproximadamente mil pessoas. As manifestações ocorridas no mundo árabe tiveram influência direta nas atuações do OWS. Contudo, apesar do movimento ter na Primavera Árabe parte de suas inspirações, sua dinâmica e finalidade era substancialmente diferente, sobretudo por se caracterizar e reconhecer como um movimento e também ter maior duração que as manifestações do mundo árabe, pois o mesmo ainda se encontra ativo, sobretudo nas redes sociais online.

Além disso, ocupar é ponto central nas ações do OWS, assim seu objetivo era de manter ocupação constante de *Wall Street*, visto que a mesma foi tida como o centro das ações do capitalismo e onde, além do expressivo poder simbólico, concentrava também uma significativa quantidade de empresas vinculadas ao mercado financeiro mundial. É reincidente tanto o discurso de não haver lideranças, quanto também de o movimento ser "99% lutando contra 1%".

Além da sua primeira ação, constituindo-se como um marco, alguns enfrentamentos e demais ações foram de suma importância em sua consolidação e história. Relacionamos as principais datas referentes ao movimento no quadro 9:

Quadro 9 - Principais ações do Occupy Wall Street - 2011 e 2012

12/09/2011	Manifestantes se concentraram em Zuccotti Park e marcharam pela Wall Street com aproximadamente 1.000 pessoas
23/09/2011	Protestos em Liberty Square em frente à sede financeira da One Liberty Plaza. As manifestações foram cobertas pelo The New York Times, The Guardian e The Colbert Report.
27/09/2011	Mais de seiscentos pilotos da United e Continentak Airlines protestam contra os fracassos das negociações.
29/09/2011	Intento de ocupar as sedes do bancos Citibank e Chase e na instituição Charles Schwab em San Francisco contra as políticas capitalistas e a corrupção do mercado financeiro.
01/10/2011	Seiscentos e cinquenta manifestantes presos no Brooblyn e manifestações em Los Angeles, Chicago Boston, etc.
02/10/2011	Libertação de seiscentos e trintas do total de detidos.
03/10/2011	Em Nova Yorque, Dallas, Miami, San Francisco, Atlanta, Washington DC e Chicago manifestantes se maquiaram como zumbis para representar zumbis corporativos.
15/10/2011	Marcha a nível global contra poderes políticos e os mercados financeiros sob o lema "Unidos para um mudança global".
07/11/2011	Moradores latinos e africanos da cidade de Nova Iorque saíram às ruas em solidariedade ao OWS em uma marcha de quase 18 Km. Destaca-se também o cumprimento de 50 dias de ocupação do parque Zucotti.
09/11/2011	Marcha com a finalidade de ocupar a rodovia, cuja finalidade era levar a mensagem para o campo.
15/11/2011	Desalojamento dos manifestantes do parque Zuccotti por determinação de um juiz cuja argumentação baseava-se na insegurança e insalubridade.
17/11/2011	Manifestações em diversas cidades para comemorar a data de dois meses de existência do movimento
14/03/2012	Manifestação contra o candidato à presidência Mitt Romney devido à sua união com banqueiros.
15/03/2012	Manifestações contra a restrição dos prostestos e da liberdade de expressão em eventos políticos.
21/03/2012	Reunião de ativistas para pedir uma democracia real e a efetivação de suas petições.
12/04/2012	Ocupação de área próximo à bolsa de valores de Nova Iorque.
01/05/2012	Realização de uma grande greve nacional e forte enfrentamento marcado pela repressão violenta da polícia.
20/05/2012	Manifestações contra a cúpula da OTAN termina com dezenas de pessoas presas e alguns feridos

Fontes: http://occupywallst.org, http://occupywallstreet-calu.blogspot.com.br e http://noticias.terra.com/especial/occupy-wall-street/cronologia/

Organização: José Sobreiro Filho

Em geral, ocupações de espaços públicos, tal como o parque Zuccotti, protestos, prisões, adesões aos protestos, reuniões, marchas, manifestações, confronto com a polícia, desalojamento, etc. foram elementos que compuseram a atmosfera conflituosa

do OWS em Nova Iorque. É importante entender tais fatos e elementos conflituosos para compreendermos sua história, formas e estratégias de realização de luta, sobretudo, porque, tal como podemos observar no quadro anterior, estas têm relações diretas com espaços públicos.

Sobre as ações de ocupação dos espaços públicos, Harvey (2012) chama atenção tanto para a saída do OWS para o enfrentamento ao Partido de Wall Street, quanto também para a união e o poder coletivo dos corpos no espaço público como importante instrumento enfrentativo:

> Mas agora, pela primeira vez, há um movimento explícito que enfrenta o Partido de Wall Street e seu mais puro poder do dinheiro. A "*street*" [rua] de Wall Street está sendo ocupada - ó, horror dos horrores – por outros! Espalhando-se de cidade em cidade, as táticas do Occupy Wall Street são tomar um espaço público central, um parque ou uma praça, próximo à localização de muitos dos bastiões do poder e, colocando corpos humanos ali, convertê-lo em um espaço político de iguais, um lugar de decisão aberta e debate sobre o que esse poder está fazendo e as melhores formas de se opor ao seu alcance. Essa tática, mais conspicuamente reanimada nas lutas nobres e em curso da praça Tahrir, no Cairo, alastrou-se por todo o mundo (praça do Sol, em Madri, praça Syntagma, em Atenas, e agora as escadarias de Saint Paul, em Londres, além da própria Wall Street). Ela mostra como o poder coletivo de corpos no espaço público continua sendo o instrumento mais efetivo de oposição quando o acesso a todos os outros meios está bloqueado. A praça Tahrir mostrou ao mundo uma verdade óbvia: são os corpos nas ruas e praças, não o balbucio de sentimentos no Twitter ou facebook, que realmente importam. (HARVEY, 2012, p. 60-1)

Tendo referência a análise de Harvey é fundamental destacar a importância corpórea, ou seja, a presença e participação física nas ações dos movimentos. Contudo, é fundamental destacar que os "balbucios de sentimentos no Twitter ou facebook" compõem parte importante de um processo acumulativo de indignação, revolta e que, consequentemente, além de tornarem-nas rotineiras/reincidentes nas redes sociais online, gerando debate e promovendo a socialização política, também dinamizam ainda mais a circulação das informações na internet espacializando as notícias na rede mundial. Assim, os demais reclames e dissentimentos, a criação e articulação de manifestações, o aceleramento e a fluidez das informações sobre ações e questões políticas referentes tanto aos movimentos quanto à sua luta, etc. hoje tem sua dinâmica diretamente relacionada às redes sociais, ou seja, este conjunto de fatores e elementos compreendem a dinâmica atual do espaço geográfico como um todo e, portanto, também aos movimentos socioespaciais, socioterritoriais e a maioria dos processos

políticos que ocorrem no mundo globalizado. A presença é importante e, até o atual momento histórico, nada pode substituí-la em determinadas manifestações, pois constitui-se como a ação que efetiva a atuação de determinados movimentos. Contudo, nenhum dos processos pode substituir o outro. Assim, dizer que os balbucios nas redes sociais na internet não importam, tal como fizera Harvey, é negar uma parte importante do processo, ou seja, é negar a indignação que se converte no combustível que movimenta as engrenagens da circulação de informações nas redes sociais e, conseqüentemente, também que evolui e/ou cria a demanda da formação de estruturas sociais e políticas mais organizadas. Além do mais, foi justamente através de um processo acumulativo de balbucios na internet que levaram também alguns dos governos do Oriente Médio e do norte da África a cogitarem ou interromperem os sinais de internet.

Fruto desta conjuntura é o processo de espacialização dos movimentos na internet e o aumento de sua utilização para fortalecer os espaços e territórios de resistência, combinar e ampliar as formas de luta. O OWS se destaca pela criação de um diretório denominado *Directory Occupy*, espaço que centraliza uma ampla quantidade de informações sobre os diferentes movimentos de ocupação que seguem a mesma lógica ou estão vinculados ao OWS. O surgimento do diretório partiu da criação de algumas listas públicas sobre as cidades com ocupações e com os processos vinculados ao movimento.

Neste mesmo sentido, este espaço surge como uma rede social paralela às demais redes, apesar de ter conteúdo delas, mas cujas possibilidades e finalidades permeiam tanto o fornecimento e organização de dados públicos, quanto, também, a criação de um diálogo mais fácil entre os diferentes movimentos da lógica do *Occupy Wall Street*. Conforme apresentamos na tabela 2, foram registradas ocupações em 49 países, sendo que o EUA - Estados Unidos da América - ocupa papel de destaque, com a maioria das ocupações, seguido de países da Europa e o Canadá. Associado à organização dos dados, o próprio diretório apresenta uma elaboração cartográfica (figura 4) com todas as manifestações no mundo que foram vinculadas ao OWS. Por fim, o diretório também apresenta os contatos de email, twitter e facebook de cada ocupação vinculada ao OWS realizada.

Tabela 2 – Países com ocorrência de ocupações vinculadas ao OWS

1º	EUA	1052
2º	Espanha	70
3º	Canadá	49
4º	Reino Unido	40
5º	Alemanha	25
6º	França	17
7º	Países Baixos	16
8º	Austrália	15
9º	Brasil	13
10º	Irlanda	11
11º	México	11
12º	Suécia	10
13º	Índia	9
14º	Itália	8
15º	Nova Zelândia	7
16º	África do Sul	7
17º	Áustria	5
18º	Bélgica	5
19º	Japão	5
20º	Rússia	5
21º	Argentina	4
22º	Croácia	4
23º	República Tcheca	4
24º	Portugal	4
25º	Sérvia	5
26º	Slovênia	4
27º	Suíça	4
28º	Bulgária	3
29º	Costa Rica	3
30º	Dinamarca	3
31º	Finlândia	3
32º	Grécia	3
33º	Irã	3
34º	Paquistão	3
35º	Polônia	3
36º	Bangladesh	2
37º	Chile	2
38º	China	2
39º	Colômbia	2
40º	Islândia	2
41º	Indonésia	2
42º	Israel	2
43º	Macedônia	2

44º	Namíbia	2
45º	Noruega	2
46º	Peru	2
47º	Slovaquia	2
48º	Angola	2
49º	Bósnia e Herzegovina	1
Total		**1460**

Organização: José Sobreiro Filho

Fonte: Directory Occupy (http://directory.occupy.net/

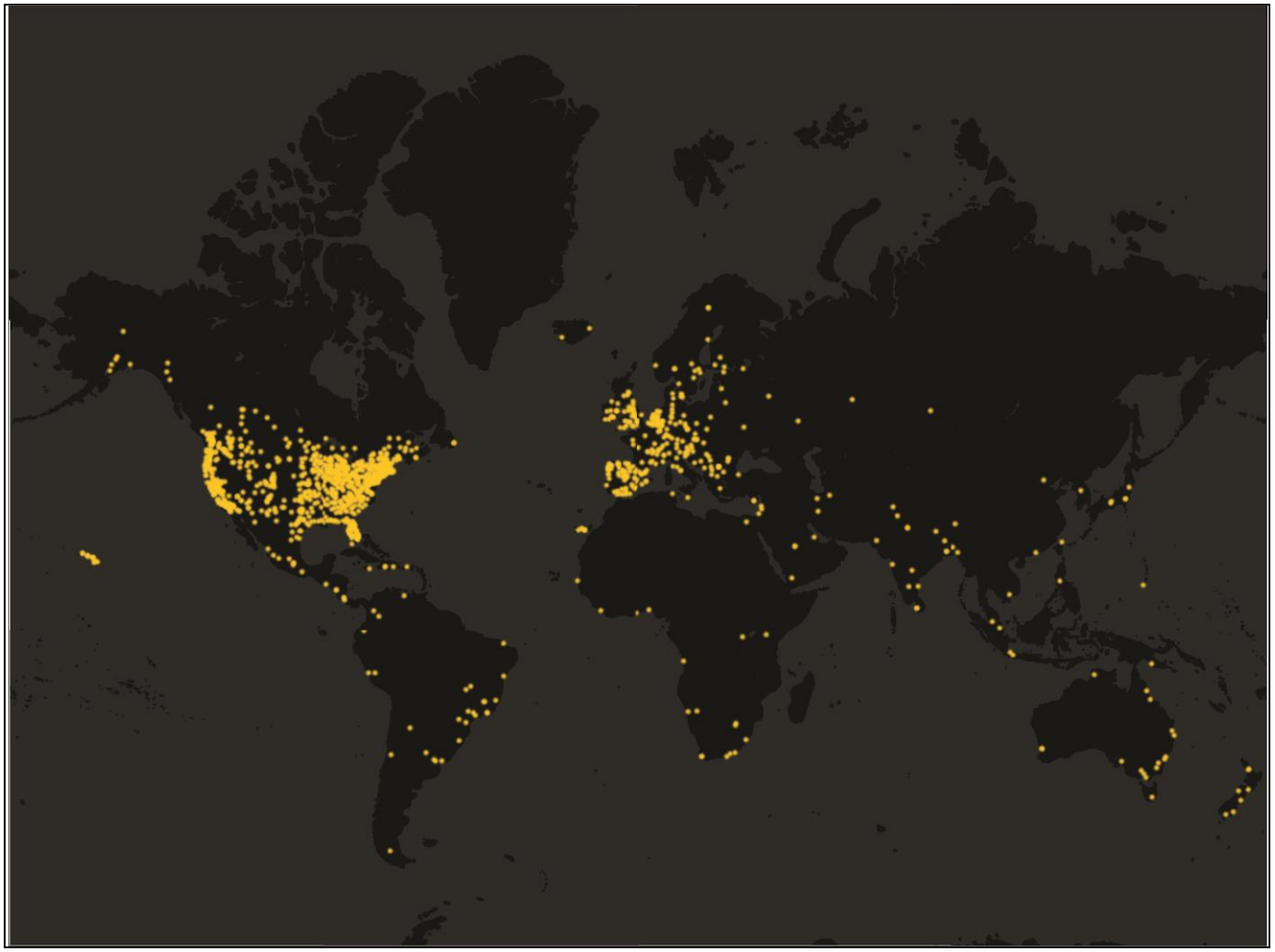


Figura 4 – Ocupações ligadas ao OWS – Occupy Wall Street

Fonte: Directory Occupy (http://directory.occupy.net/)

2.2.3 - M12M e M15M

Na Europa também surgiram movimentos socioespaciais e uma conjuntura conflituosa marcada por manifestações e enfrentamentos, sobretudo, na Espanha, Portugal, Islândia, Itália e Grécia. Contudo, alguns movimentos chamam atenção pela sua organização e também por apresentarem características similares às identificadas tanto na Primavera Árabe quanto no *Occupy Wall Street*. No entanto, uma parte importante para se compreender estes movimentos é que estes surgiram em resposta à crise que veio a assolar ainda mais a população mais pobre dos países mais marginalizados ou em recessão da União Européia.

O M12M – Movimento 12 de Março, em Portugal, e o M15M – Movimento 15 de Março, na Espanha, foram os movimentos que mais se destacaram na conjuntura conflituosa que emergiu na Europa. O M12M compreendeu parte de um processo de protestos denominados em Portugal de Geração à Rasca destacando, sobretudo, elementos referentes aos problemas gerados pelas crises e às condições precárias de trabalho:

> Em Portugal, em março de 2011, um movimento *sui generis* eclodiu: O Prec@rios Inflexíveis. Precários no emprego e na vida, segundo Ricardo Antunes (2011). As manifestações em Portugal ficaram conhecidas como Movimento 12 de março (M12M) ou Geração à Rasca. . (GOHN, 2012, p. 33)

Nas palavras do próprio movimento, ele se reconhece como formado predominantemente por diversos tipos de trabalhadores, imigrantes, estudantes e diversas faces da segregação:

> Nós, pessoas desempregadas, "quinhentoseuristas" e outras mal remuneradas, escravas disfarçadas, subcontratadas, contratadas a prazo, falsas trabalhadoras independentes, trabalhadoras intermitentes, estagiárias, bolseiras, trabalhadoras-estudantes, estudantes, precárias, penhoradas, despejadas, despedidas, sem abrigo, emigrantes, imigrantes, exiladas, isoladas, pensionistas, excluídas, censuradas, novos e velhos pobres, todas e todos que se confrontam diariamente com limitações graves à sua dignidade e à sua liberdade... (M12M, 2012)

Tendo sua composição referenciada e definida por "aqueles" que sofrem com as condições referentes à dignidade e também à liberdade não apresenta-se diferente os objetivos do movimento. Assim como o OWS e as insurreições que compuseram a Primavera Árabe, o M12M também tem especial destaque na realização de uma luta repleta de aspectos democráticos:

> - Promover o reforço da Democracia no trabalho, na economia, na política, na cultura, na educação e nas consciências.
> - Activar outras formas de acção da democracia participativa, tais como iniciativas legislativas populares, acções judiciais, petições e acções directas.
> - Defender que o voto secreto e universal, sendo um direito inalienável, não esgota todas as possibilidades de participação democrática.
> - Defender que a democracia representativa sairá reforçada pela realização de formas de democracia participativa.
> - Defender que um regime democrático apenas se fortalece com mais e melhor democracia. (M12M, 2012)

Segundo informações dispostas em sua página de web, o movimento se iniciou a partir da organização de alguns amigos que questionavam as condições laborais e a democracia e, posteriormente, se alastrou. Decorrente da difusão do movimento e aceitação pelos trabalhadores, estudantes, etc. as manifestações vieram efetivamente a conformar o M12M.

Seguindo também a mesma lógica do M12M em Portugal, surgiu o Movimento dos Indignados na Espanha, que veio a ser conhecido mais tarde pelas siglas M15M, Movimento 15M e 15M, cujas siglas e definições estão atreladas à data de 15 de março de 2011, que foi um marco das ações na Espanha. Segundo Gohn (2012), as redes sociais tiveram especial destaque na convocatória das ocupações realizadas pelo movimento:

> O Movimento dos Indignados na Espanha ficou conhecido como 15M, referência à data de seu início 15 de maio de 2011, quando uma convocatória feita por redes sociais reuniu milhares de pessoas em sessenta cidades espanholas; muitas delas ficaram acampados em praça pública. (Fernandez et al., 2012) Não foram os sindicatos ou os partidos que convocaram as manifestações; foram cidadãos plugados em redes sociais. (GOHN, 2012, p. 34)

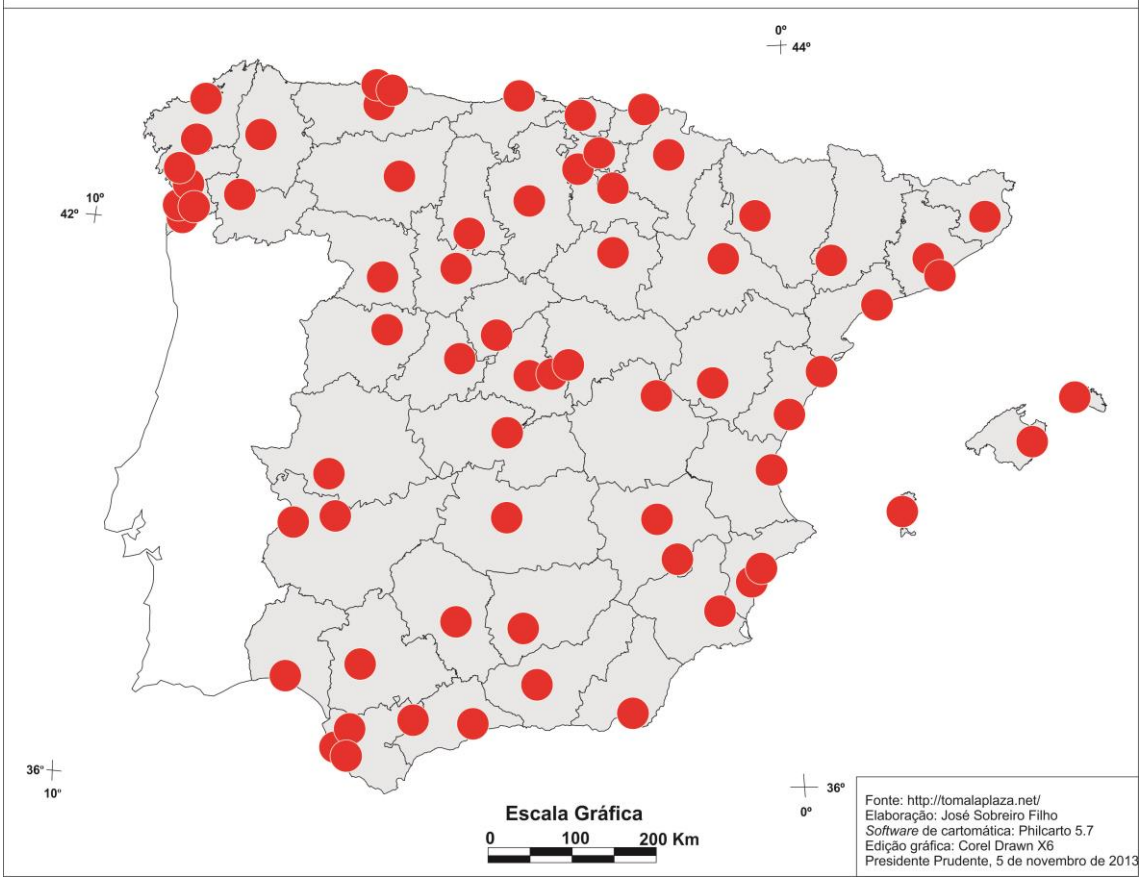
Assim como os demais movimentos anteriormente apresentados, o M15M também trouxe à tona, em suas diversas ocupações de espaços públicos, as más condições laborais, a precariedade gerada pela crise na Espanha, a falta de perspectiva de futuro para jovens e demandaram especialmente uma democracia efetiva dando destaque para o termo “democracia real”:

> Madri, Barcelona e Valência foram os locais principais das manifestações, que ocorreram em 170 cidades do país. Acampados em praças simbólicas dessas cidades, como a Puerta del Sol, em Madri, ou a praça Catalunha, em Barcelona, os jovens demandaram empregos e "democracia real" já, clamaram pela "juventud sin Futuro", além de criticarem a corrupção. . (GOHN, 2012, p. 33-4)

Diversas foram as manifestações realizadas pelo M15M e também o surgimento de muitos movimentos que, aos poucos, foram se vinculando. Dentre as muitas cidades onde ocorreram manifestações destacam-se grandes centros urbanos com importante participação na economia da Espanha e que, portanto, também foram diretamente afetadas pelos efeitos da crise, dentre elas: Barcelona, Bilbao, Madri, Málaga, Sevilla, Valencia e Zaragoza.

Assim como ocorrido no *Occupy Wall Street*, as manifestações e movimentos socioespaciais também evoluíram do ponto de vista organizacional. Fruto das manifestações foi a organização de centrais na internet com a finalidade de compilar as manifestações organizadas e realizadas, notícias sobre as lutas e mudanças, campanhas, os diversos movimentos vinculados e seus respectivos endereços eletrônicos e redes sociais, etc. Ao todo, conforme apontamos no quadro 10, somam-se 75 movimentos socioespaciais ao M15M. No mapa 1, destacamos a localização dos movimentos de diversas cidades da Espanha que estão vinculados ao M15M.

Mapa 1 - Espanha - Movimentos vinculados ao M15M - 2013



Quadro 10 – Movimentos locais vinculados ao M15M - 2013

1º	A Coruña	26º	Guadalajara	51º	Pontearéas
2º	Albacete	27º	Hellín	52º	Pontevedra
3º	Alcalá	28º	Huelva	53º	Ronda
4º	Alicante	29º	Huesca	54º	Salamanca
5º	Almeria	30º	Ibiza	55º	Santander
6º	Ávila	31º	Jaén	56º	Santiago
7º	Avilés	32º	Jerez	57º	Segovia
8º	Badajoz	33º	La gomera	58º	Sevilla
9º	Barcelona	34º	Las Palmas	59º	Soria
10º	Bernicarló	35º	León	60º	Tarragona
11º	Bilbao	36º	Lleida	61º	Tenerife
12º	Burgos	37º	Logroño	62º	Tenerife Norte
13º	Cáceres	38º	Lugo	63º	Tenerife sur
14º	Cádiz	39º	Madrid	64º	Terrasa
15º	Castellón	40º	Málaga	65º	Teruel
16º	Chiclana	41º	Manacor	66º	Toledo
17º	Ciudad Real	42º	Menorca	67º	Tui
18º	Córdoba	43º	Mérida	68º	Valencia
19º	Cuenca	44º	Miranda del Ebro	69º	Valladolid
20º	Donostia	45º	Murcia	70º	Vigo
21º	Elche	46º	Ourense	71º	Vilagarcía de Arousa
22º	Gasteiz	47º	Oviedo	72º	Zamora
23º	Gijón	48º	Palencia	73º	Zaragoza
24º	Girona	49º	Palma de Mallorca		
25º	Granada	50º	Pamplona		

Fonte: http://tomalaplaza.net/

Elaboração: José Sobreiro Filho

2.2.4 - O MPL – Movimento Passe Livre de São Paulo nas Manifestações de Junho e Julho

As manifestações de Junho e Julho de 1013 no Brasil foram batizadas com muitos nomes. No início se escutava "A Revolta do Vinagre" e "Revolta da salada" devido à apreensão, efetuada pela PM - Polícia Militar do estado de São Paulo, do produto e às vezes dos manifestantes que se direcionavam para as manifestações e portavam o mesmo[6]. Mais tarde, devido à espacialização e ao crescimento das manifestações em demais municípios, cresceu a representatividade da expressão Primavera Brasileira. O crescimento das manifestações deveu-se à atuação do MPL - Movimento Passe Livre e, portanto, o mesmo tomou a frente e, conseqüuentemente, ganhou o foco da imprensa. Assim, o sujeito principal foi definido e o nome dado às manifestações ou seu conjunto até o momento não houve consenso, sendo então utilizado pela maioria dos veículos de imprensa e de maneira indiscriminada uma ampla diversidade de nomes para o mesmo processo.

Deste modo, pensar as manifestações de Junho e Julho também é, sobretudo, analisar o MPL – Movimento Passe Livre. O MPL apresenta-se como um movimento cuja estrutura organizacional além de se caracterizar por não ter lideranças, baseia-se também na autonomia, horizontalidade, mas não no antipartidarismo. Contudo, constitui-se independente de diversas outras instituições:

> O Movimento Passe Livre é um movimento horizontal, autônomo, independente e apartidário, mas não antipartidário. A independência do MPL se faz não somente em relação a partidos, mas também a ONGs, instituições religiosas, financeiras etc.
> Nossa disposição é de Frente Única, mas com os setores reconhecidamente dispostos à luta pelo Passe-Livre estudantil e pelas nossas perspectivas estratégicas. Os documentos assinados pelo Movimento devem conter o nome Movimento Passe Livre, evitando, assim, as disputas de projeção de partidos, entidades e organizações. (MPL, 2007)

Destaca-se também seu reconhecimento como um movimento cuja principal bandeira é a retirada do transporte coletivo público das mãos da iniciativa privada, tal como aponta:

> O Movimento Passe Livre (MPL) é um movimento social brasileiro que luta por um transporte público de verdade, fora da iniciativa privada. Uma das principais bandeiras do movimento é a migração do sistema de transporte privado para um sistema público, garantindo o acesso universal através do

[6] O uso do vinagre tinha a função de diminuir os efeitos e bloqueios respiratórios causados pelas bombas de gás lacrimogêneo utilizadas pela Polícia Militar.

> passe livre para todas as camadas da população. Hoje, o MPL quer aprofundar o debate sobre o direito de ir e vir, sobre a mobilidade urbana nas grandes cidades e sobre um novo modelo de transporte para o Brasil. (MPL, 2013)

Sua base de ações está fundamentada em ações estratégicas voltadas para a transformação da sociedade, levada a frente majoritariamente por estudantes e cuja principal bandeira foca na melhoria da qualidade dos serviços voltados ao transporte coletivo nos centros urbanos, pois compreende-o como um direito da sociedade. Neste sentido, suas críticas são voltadas para o controle e monopolização pelo poder privado do transporte coletivo público e, como contrapartida, advoga a tomada/confisco do controle do transporte público pela via estatal. Apesar de ter sua base composta predominantemente por estudantes, o movimento tem em seus princípios o objetivo de abarcar estudantes e também uma ampla massa de trabalhadores.

O capitalismo é tido como elementos cujos limites que impõem aos consumidores do transporte público devem ser ultrapassados através da efetivação das reivindicações construídas coletivamente e somada, sobretudo, pelas articulações com os demais movimentos socioespaciais e socioterritoriais, como parte de um projeto político mais amplo, referenciado nas idéias revolucionárias, mas que esteja diretamente relacionada às conjunturas locais.

Sua existência remonta às manifestações ocorridas em Salvador, Bahia, no ano de 2003. Segundo o próprio MPL (2013), foram destas manifestações que surgiram os princípios das idéias do MPL. Mais tarde, demais manifestações em outras localidades vieram a ocorrer tendo como ponto central a questão do transporte coletivo público. Contudo, somente no ano de 2005 em Porto Alegre - RS, no Fórum Social Mundial que ocorreu a Plenária de fundação do movimento. Com a fundação do movimento, passaram a ocorrer diversas manifestações em diferentes cidades do país. Contudo, somente no ano de 2013, nas manifestações de Junho e Julho, que o movimento ganhou maior expressão e emergiu, a princípio, como o principal sujeito das manifestações ocorridas no Brasil. No quadro 11, podemos observar a cronologia do movimento.

Quadro 11 - Cronologia do Movimento Passe Livre

2003	Revolta do Buzu em Salvador (agosto-setembro)
2004	Revolta da Catraca barra o aumento em Florianópolis (junho) e aprova a lei do passe livre estudantil (26 de outubro); surge o Comitê do Passe Livre em São Paulo.
2005	Plenária de fundação do MPL-Brasil no V Fórum Social Mundial em Porto Alegre (janeiro); luta contra o aumento em São Paulo (Fevereiro); II Revolta da Catraca barra o aumento em Florianópolis (junho); mobilizações revogam o aumento em Vitória (junho).
2006	Encontro Nacional do Movimento Passe Livre (junho); luta contra o aumento em São Paulo (novembro-dezembro)
2008	Grande luta contra o aumento no Distrito Federal (outubro)
2009	Aprovação do passe livre estudantil no Distrito Federal (julho); ocupação da Secretaria de Transportes em São Paulo (novembro).
2010	Luta contra o aumento em São Paulo (janeiro).
2011	Luta contra o aumento em São Paulo e várias capitais (janeiro-março); mobilizações revogam aumento em Teresina (agosto).
2013	Lutas na região metropolitana de São Paulo conquistam revogação do aumento em Taboão da Serra (janeiro); mobilização derruba aumento em Porto Alegre (abril); Jornadas de Junho conquistam revogação do aumento em mais de cem cidades.

Fonte: Retirado de Maricato... [et al.], 2013

Em termos político-organizacionais, o MPL tem seus princípios definidos na assembléia de fundação em 2005, baseados na independência, apartidarismo, horizontalidade e nas decisões por consenso (MPL, 2013). Apenas o federalismo foi agregado como um princípio no 3° Encontro Nacional do Movimento Passe Livre (ENMPL) em 2006. Na atualidade, o movimento é constituído por sete coletivos, sendo eles: MPL – Distrito Federal; MPL – Floripa; MPL – Grande Vitória – ES; MPL – Guarapuava; MPL – Joinville; MPL – São Paulo; e o Movimento Tarifa Zero Goiânia. Segundo o próprio movimento, sua articulação nacional é realizada por meio dos GTNs - Grupos de Trabalho Nacional. Os grupos de trabalho são espaços utilizados para a organização e definição de diversas atividades, tais como: organização de ações

conjuntas; elaboração e difusão de notícias, manifestos, declarações e do jornal nacional do movimento; e organização dos encontros nacionais. Com a finalidade de amplificar as ações do movimento e também criar suporte foram criados recentemente grupos de trabalhos de comunicação, organização e apoio jurídico (MPL, 2013). O princípio do federalismo está relacionado à condição que lhe permite alcançar o patamar de um movimento nacional. Assim, o movimento constitui-se por meio de um pacto federativo que mescla tanto a autonomia dos movimentos em nível local (cidades) quanto a instância nacional para assim caracterizar a condição de um movimento de frente única. Deste modo, sua organização nacional e relação com as instâncias locais constituem-se da seguinte maneira:

> O MPL em nível federal é formado por representantes dos movimentos nas cidades, que constituem um Grupo de Trabalho (GT). O GT é formado por pelo menos 1 e no máximo 3 membros referendados pelas delegações presentes no Encontro. Os grupos locais de luta não presentes devem ter o aval dos movimentos que fizerem parte do GT. Deve-se garantir a rotatividade dentro do GT de acordo com as decisões do MPL local. (MPL, 2007)

Conforme apontado pelo movimento, a inserção de novos movimentos segue um processo de ingresso iniciado por meio do envio de uma "carta de adesão" contendo a apresentação do coletivo, o histórico de lutas na cidade e as perspectivas de atuação de acordo com a carta de princípios do MPL. O processo consequente é o debate com o coletivo já constituído e, analisado, a incorporação ao coletivo nacional. Além das vinculações relacionadas à própria estrutura organizacional do movimento, também relações com movimentos, centrais e demais organizações de outros países que estão envolvidos na luta pelo transporte público coletivo, sendo eles: *Free Bus* no Reino Unido; *Planka* na Suécia; *Free Public Transit* e o *Free Public Transports* que agregam movimentos de diversos países do mundo. Outro aspecto interessante do movimento é sua jornada de lutas. Assim como os demais movimentos, sobretudo os camponeses, o MPL também tem definido uma semana nacional de lutas:

> A semana do dia 26 de outubro fica definida como Semana Nacional de Luta pelo Passe-Livre. Preferencialmente, as mobilizações devem ocorrer no dia 26 de outubro, e se possível no mesmo horário. Os MPLs locais devem ter autonomia para definir as atividades a serem realizadas. O GT deve procurar obter a programação de todas as cidades para divulgar por meios eletrônicos e outros. (MPL, 2007).

A primeira jornada da semana nacional de lutas do movimento ocorreu no ano de 2005 e foi marcada pela encenação de uma catraca em chamas, com o objetivo de

simbolizar as manifestações ocorridas em 14 cidades A escolha da data está relacionada à votação e aprovação do projeto de lei de iniciativa popular do passe livre em Florianópolis.

A questão midiática ocupa lugar de destaque nas discussões do movimento. O movimento destaca o uso de mídias alternativas e também destaca o cuidado com o contato com a mídia corporativa:

> O MPL deve utilizar mídias alternativas para a divulgação de ações e fomentar a criação e expansão destes meios. Já o contato com a mídia corporativa deve ser cauteloso, entendendo que estes meios estão diretamente atrelados às oligarquias do transporte e do Poder Público. (MPL, 2007)

Em geral, as manifestações em 2013 iniciaram-se por conta do aumento tarifário em São Paulo de R$ 0,20 em junho, passando de R$ 3,00 para R$ 3,20. Na evolução das manifestações foram trazidas à tona pelo movimento questões importantes a serem pensadas e reivindicações importantes tais como: discutir uma mobilidade urbana real para a população localizada nas periferias e, sobretudo, para os estudantes; debater e levar a população à participação e definição do IPK – Índice Passageiro por Quilômetros; priorizar o investimento no transporte público coletivo; demanda que o Estado invista e arque com os custos e que, de fato, escolha pela via do transporte coletivo para a resolução de questões de trânsito, pois pela via de investimentos em transporte público coletivo seria possível a redução dos onerosos custos gerados pelo transporte individual e que é pago pelo Estado; subsídio integral ao transporte público; estatização do transporte público coletivo; etc. Indubitavelmente, chamar a atenção para estas questões mais centrais compreendeu parcela importante dos objetivos que compreendem a própria lógica do MPL, ou seja, além de trazer a tona suas demandas e questões centrais, o movimento cumpriu importante papel, suscitando o debate político tanto nas causas mais específicas, como o aumento tarifário e a mobilidade urbana, mas também em questões mais amplas, como pensar e criticar a lógica vigente que tem regido a máquina estatal e as contradições criadas no espaço urbano e que se expressam também na condição do transporte. É fundamental destacar que o MPL impulsionou e serviu de exemplo para um conjunto de outras manifestações no Brasil (figura 6) pela mesma temática e no mundo (figura 7), realizadas por brasileiros, em solidariedade às manifestações nacionais.

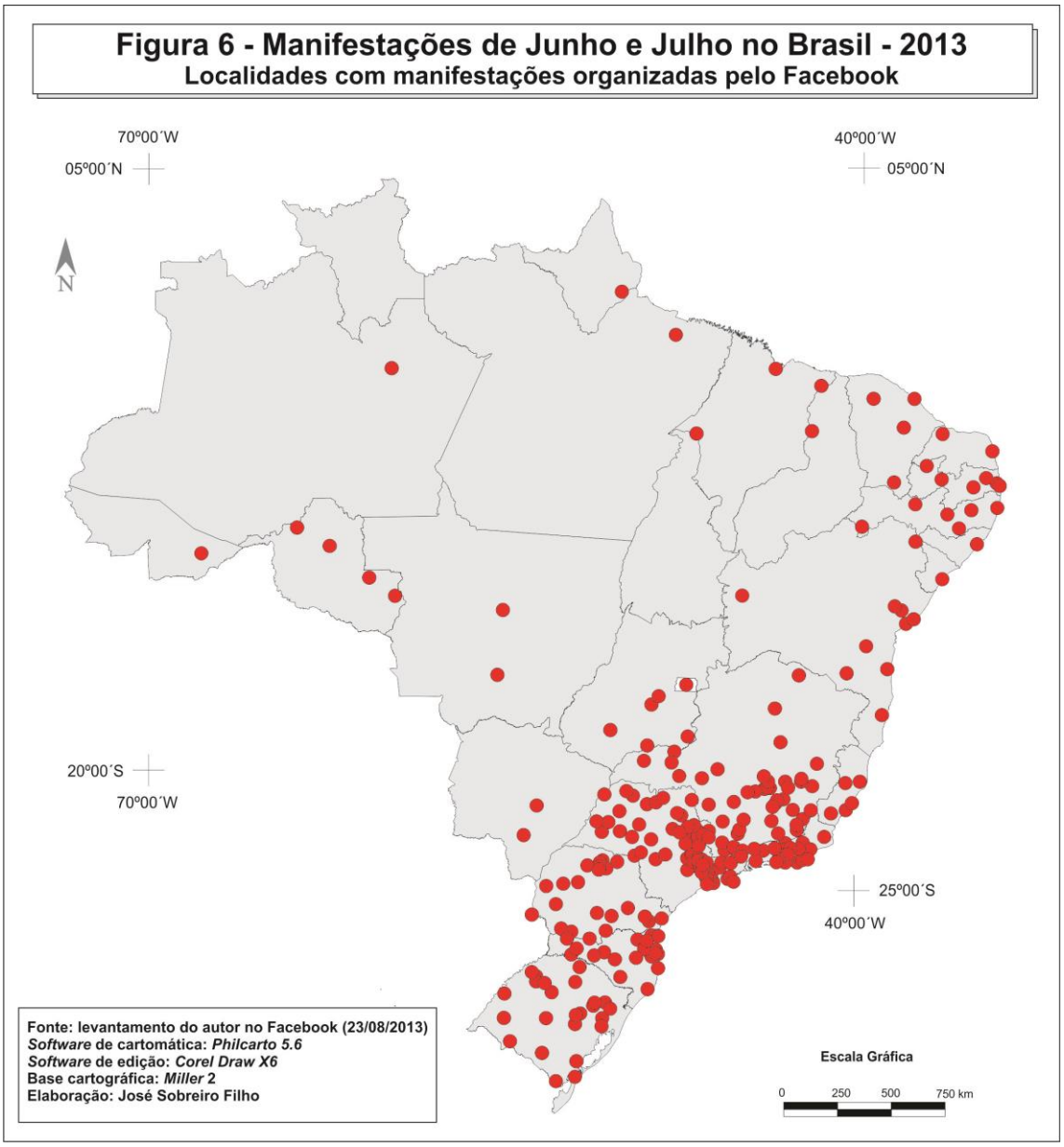
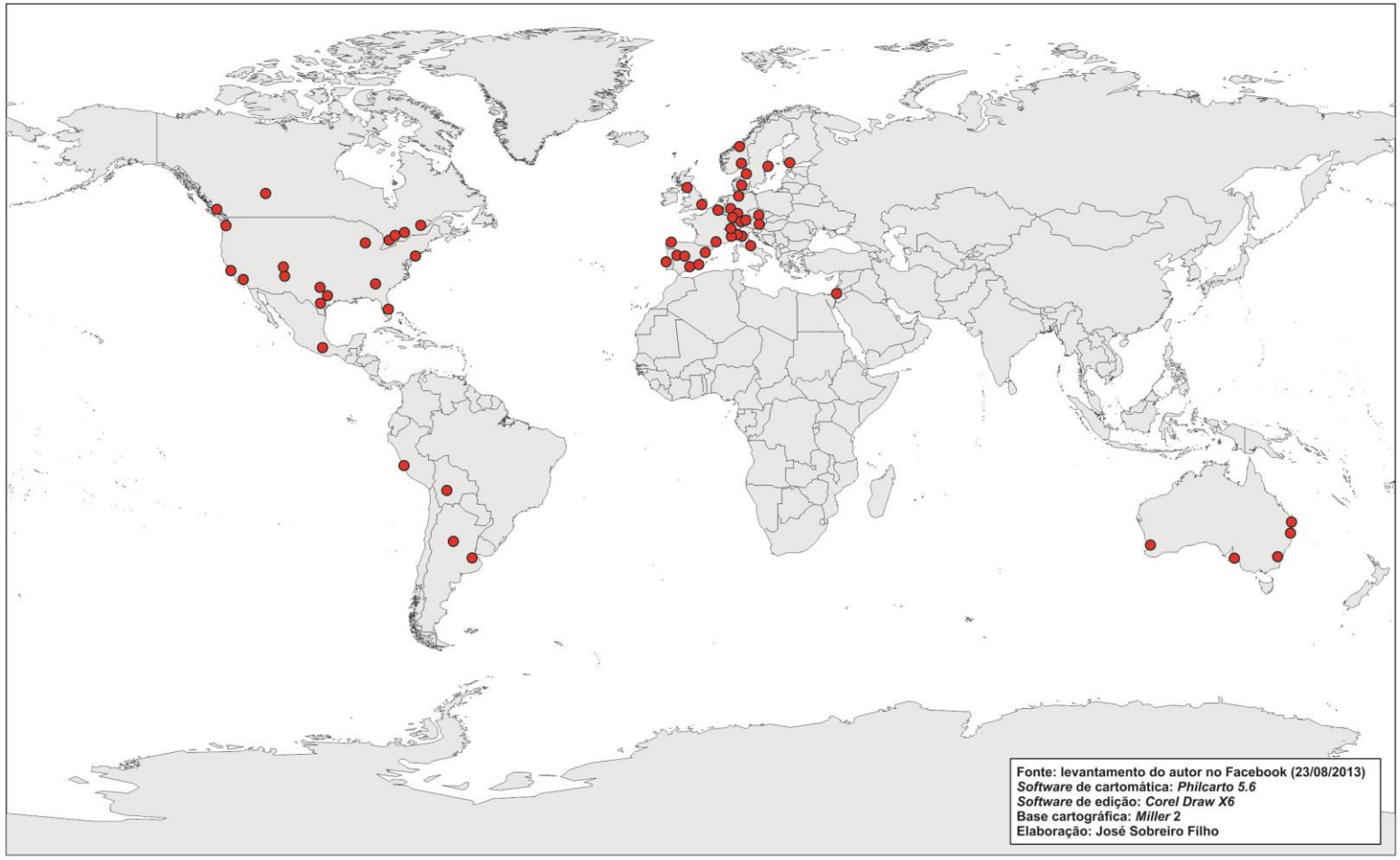


Figura 6 - Manifestações de Junho e Julho no Brasil - 2013
Localidades com manifestações organizadas pelo Facebook
70º00´W
05º00´N
40º00´W
05º00´N
N
20º00´S
70º00´W
25º00´S
40º00´W
Fonte: levantamento do autor no Facebook (23/08/2013)
Software de cartomática: Philcarto 5.6
Software de edição: Corel Draw X6
Base cartográfica: Miller 2
Elaboração: José Sobreiro Filho
Escala Gráfica
0 250 500 750 km

Figura 7 - Manifestações de Junho e Julho no Mundo - 2013
Localidades com manifestações organizadas pelo Facebook



Apesar das manifestações terem sido iniciadas e conduzidas, a maior parte, pelo movimento MPL, aos poucos foram se transformando e agregando diversos setores da sociedade e também muitos outros fatores. Assim, a população que inicialmente demonstrou sua indignação com o aumento das tarifas de transporte coletivo passou a destacar também outros pontos em que o país apresentava significativa deficiência sob o discurso dos "não são só 20 centavos". Deste modo, a indignação das centenas de milhares de pessoas que saíram às ruas passaram a centrar principalmente em questões como: saúde, demandando mais hospitais e melhorias na infra-estrutura e mais médicos; Corrupção, destacando a alta incidência no cenário político do país; Educação, destacando os inúmeros problemas referentes à precarização do ensino público no Brasil; Moradia, relacionado especialmente para aqueles que não a detém, não conseguem crédito para tê-la, ou não consegue saldar suas dívidas; Meio ambiente, contra as questões ainda referentes ao código florestal; contra a PEC-37; Cura Gay, manifestando-se contra a idéia de que a homossexualidade fosse uma doença e de que, portanto, necessitasse cura e contra o Deputado Marco Feliciano, que foi tido como principal representante do projeto; etc. Além destes pontos, alguns fatos como a precarização das relações de trabalhos na educação básica e as muitas greves dos professores, a greve dos bombeiros no Rio de Janeiro, a desocupação de Pinheirinhos, os elevados investimentos para viabilizar a Copa do Mundo, etc. também foram relembrados e motivaram as pessoas à saírem às ruas.

Denota-se que estes elementos transbordam as demandas levantadas, organizadas e destacadas pelo MPL e que, portanto, foram apresentadas de maneira dispersa e direta pela população e não pelo movimento, visto que apesar de compor seu amplo quadro político não ocupou ponto central em suas reivindicações. Assim, aos poucos as manifestações foram passando a reivindicar diversos outros pontos e também começaram a surgir novos sujeitos de interesses nas manifestações. Neste contexto, a saída do MPL das manifestações marcou também a multiplicidade dos sujeitos que a compuseram. No dia 20 de junho, como uma estratégia para evitar a apropriação das manifestações pelos militantes e partidos de direita, o MPL anunciou publicamente a sua retirada das manifestações, ou seja, tendo em vista seus princípios e também a diversificação dos seguimentos nas manifestações associado ao crescimento na violência, o MPL em São Paulo optou por não convocar mais manifestações.

Realizando um balanço sobre as manifestações de junho e julho e a atuação do MPL, destacamos alguns pontos que compreendemos que expressam os principais

pontos desta esfera conflituosa e também da diversidade de fatos e elementos que a compuseram, sendo eles:

- O MPL além de ter se tornado um importante sujeito político, também conseguiu trazer à tona a discussão sobre as tarifas e retomar o transporte público coletivo como pauta nacional. A revogação das tarifas em diversas cidades, algumas delas cidades como São Paulo e Porto Alegre, denotou também a possibilidade de lograr vitória por meio da luta e pressão dos movimentos socioespaciais organizados;
- A intensa repressão policial baseada em confrontos diretos e prisões arbitrárias[7] que inicialmente era tida como um meio para frear o crescimento das manifestações, ecoou tanto nas mídias comuns como nas redes sociais, e veio a colaborar com a criação da solidariedade e indignação da população, ou seja, a repressão teve efeito contrário ao esperado, quanto maior foi a repressão também maior foi a presença nas manifestações e difusão das informações;
- Ocorreu um recuo parcial da mídia. Casos emblemáticos como o do apresentador José Luiz Datena que foi surpreendido pelo resultado inesperado de uma pesquisa realizada ao vivo sobre os protestos e se questionava "*Será que formulamos mal a pergunta?*" (VIANA, 2013), e também a mudança do discurso do comentarista Arnaldo Jabour que, inicialmente, realizou uma crítica inflamada, associando as manifestações a ações do crime organizado, colocando os repressores nos papéis dos mocinhos, tratando como "uma imensa ignorância política, acusando que a causa do movimento é a ausência de causas, tentando direcionar as manifestações para a luta da PEC37 e encerrando sua primeira fala destacando a visão de que "*realmente, esses revoltosos de classe média não valem nem 20 centavos*.[8]". Contudo, no dia 17 de junho, Jabour, em uma rádio, reconhece que a luta do MPL era muito mais que 20 centavos e que parecia ser somente *anarquia* e *força gasta com bobagens*. Além da mídia televisiva, alguns jornais também passaram a destacar a legitimidade do movimento e a repressão,

[7] A postura da polícia nas manifestações contribuiu inclusive para fundamentar inúmeras críticas à própria corporação da PM – Polícia Militar.
[8] Comentário realizado no Jornal Nacional no dia 13 de Junho de 2013.

conforme apontado o Le Monde Diplomatique e o The New York Times, e inclusive contra os próprios jornalistas, visto que alguns foram feridos[9];

- As redes sociais online se tornaram importantes espaços alternativos às redes corporativistas, sobretudo, para a difusão de informações referentes às manifestações e própria dinâmica das lutas e vitórias. O movimento denominado Mídia NINJA – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação - tornou-se um importante difusor nas redes sociais de informações (fotografias, vídeos e transmissões ao vivo) na internet (*Twitter, Facebook e Youtube*);
- Com a saída do MPL, as manifestações passaram a se tornar espaços ainda mais diversos, ocorrendo o fortalecimento de ideias e comportamentos antipartidarios, vinculadas à direita política, nacionalistas/patriotas e até, por muitos consideradas como fascistas, etc. De modo claro, a saída estratégica do MPL para que suas manifestações não fossem apropriadas pela extrema-direita, desdobrou-se em uma guinada significativa e maior espaço de atuação para os veículos de imprensa, inclusive, contribuírem no redirecionamento das manifestações, destacando temas que anteriormente não tinham sido propostos.

Por fim, concluímos que indubitavelmente o MPL teve papel decisivo nas manifestações. Em algumas localidades de maneira direta e em outras influenciando a formação de movimentos e a realização de manifestações locais. Contudo, sob o enfoque geográfico, compreendemos que sua maior contribuição foi promover a discussão sobre o acesso à cidade, ou seja, a apropriação e possibilidade de uso dos espaços públicos urbanos, através da reivindicação do transporte coletivo e da contestação da lógica segregadora vigente no transporte público.

[9] A jornalista Giuliana Vallone do jornal A folha de São Paulo foi ferida enquanto cobria os protestos e seu caso ganhou reconhecimento nacional e internacional. (http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295067-reporter-da-folha-ferida-no-olho-volta-a-enxergar.shtml)

CAPÍTULO 3 – O MOVIMENTO PRUDENTE: DAS REDES SOCIAIS PARA AS RUAS

3.1 - Presidente Prudente

A cidade de Presidente Prudente tem sua origem essencialmente atrelada à imagem da concentração de poder. O desenvolvimento da cidade teve dependência clara no coronelismo de Manoel Pereira Goulart, Francisco de Paula Goulart e José Soares Marcondes (ABREU, 1972, 1982; VASQUES, 1973; LEITE, 1998, 1972). Posteriormente, com um caráter mais populista, mas que pouco se diferenciava da concentração de poder político e subordinação à classe dominante, destaca-se também Cerávolo e Antonio Sandoval Neto. Os políticos mais recentes e conhecidos são Agripino de Oliveira Lima Filho, Paulo Constantino e o atual prefeito Tupã, cujas famílias e vinculações têm laços com a concentração de terras, meios de comunicação e serviços públicos, visto que foram prefeitos do município.

Retomando sua história, destacamos que a região, sempre caracterizada pela forte presença do latifúndio, experimentou algumas insurreições políticas, dentre elas: Liga Camponesa de Santo Anastácio; Gleba Santa Rita; Gleba XV de Novembro; o surgimento do MST; e as dissensões que, consequentemente, levaram à diversidade de movimentos (FELICIANO, 2006; WELCH, 2009; FERNANDES, 1994; SOBREIRO FILHO, 2013). Na década de 90 e início do século XXI, o MST foi o grande responsável pela maior quantidade de manifestações sociais realizadas na região do Pontal do Paranapanema e com expressivo destaque no cenário internacional. A cidade de Presidente Prudente, por concentrar a maior parte dos bens de serviço e capitais, exerce um papel centralizador na região do Pontal do Paranapanema e, por isso, também veio a se tornar importante espaço para a realização de manifestações organizadas pelos movimentos camponeses.

Contudo, visto o descenso dos movimentos socioterritoriais camponeses na região, foi com a realização das manifestações a nível nacional que a cidade de Presidente Prudente veio a redescobrir e ser palco de manifestações e ocupações de espaços públicos por movimentos organizados. Deste modo, apresentaremos uma leitura sobre o nascimento do Movimento Prudente e suas duas primeiras manifestações realizadas, pois estas marcam tanto o processo de criação do movimento, com especial

destaque para a difusão de informações nas redes sociais, quanto também o início do seu declínio.

3.2 - O Movimento Prudente

Tendo o aumento das tarifas de ônibus como estopim, iniciaram-se manifestações na cidade de São Paulo no começo do mês de junho de 2013. Em alguns dias, capitais como Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, Fortaleza, Aracaju e Belo Horizonte também se inseriram na luta. Rapidamente as manifestações foram se ampliando e se tornando cada vez mais tensas e, inclusive, violentas. Ao mesmo tempo em que aumentou a repressão também cresceu a indignação e as manifestações foram se massificando.

No interior do estado de São Paulo também ocorreu a realização de manifestações, dentre as cidades destacam-se: São José do Rio Preto, Ribeirão Preto, Araraquara, Marília, Araçatuba, Bauru, Indaiatuba, Botucatu, São Sebastião, São José dos Campos, Itapetininga, Presidente Prudente e região metropolitana de São Paulo. A cidade de Presidente Prudente destaca-se como uma cidade média localizada no extremo oeste do estado de São Paulo a realizar manifestação, pelo seu histórico de legitimidade do latifúndio, conservadorismo e pelos anos de ausência de manifestações. Vale destacar que depois do aumento da passagem de R$ 2,40 para R$ 2,60 em janeiro de 2013 houve algumas panfletagens no mês de março de 2013, mas não vieram a constituir-se como um movimento.

O Movimento Prudente, cujo nome refere-se à própria cidade, começou a ser gestado em algumas conversas espontâneas durante a semana de intensificação dos conflitos e manifestações em São Paulo e, portanto, integrando a onda que emanava da capital. Apesar de ter sido gestado em algumas conversas e contatos iniciados pelo *facebook*, foi, de fato, em uma reunião no dia 13 de junho no *campus* da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" de Presidente Prudente, que começaram as principais articulações do movimento. A princípio, o grupo foi composto por alunos da graduação e pós graduação do curso de geografia da Unesp, um profissional cobrador de ônibus que também ocupava cargo de presidente de bairro do Jardim Maracanã, uma representante da Pastoral da Juventude, que também compunha o Coletiva da Marcha das Vadias, alguns membros do Diretório

Acadêmico, dois membros da sessão local da AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros e um professor da rede pública.

No primeiro encontro ocorreu um diálogo em que os participantes passaram a se conhecer melhor e puderam discutir suas respectivas condições e traçarem estratégias de ações. Foi justamente este primeiro encontro que marcou a criação do movimento. Além da promessa de difundir as informações nas redes sociais e nas redes sociais online, também, após duas horas de discussão, decidiram, neste espaço de socialização política, dois encaminhamentos principais de ação, sendo o primeiro a realização de uma manifestação no dia 17 de junho, que se iniciaria no terminal, atravessaria o calçadão principal da cidade e chegaria a prefeitura, ocupando a avenida Cel. José Soares Marcondes, e o outro encaminhamento a organização de uma reunião na praça 9 de julho para discutir e definir como seria a organização e efetivação da manifestação. A princípio, não foram organizadas comissões, visto o tamanho reduzido do grupo presente, mas alguns integrantes abarcaram algumas atividades, sendo elas: a organização de um grupo e um evento no facebook para comunicação e divulgação das informações; a elaboração de panfletos e distribuição em pontos de ônibus; e a comunicação à polícia militar local conforme previsto na Constituição Federal.

De maneira muito distinta do que a cidade tivera testemunhando, mas também assim como o cenário nacional das manifestações, em Presidente Prudente a rede social Facebook foi uma ferramenta fundamental, senão a mais importante para atrair a massa para as manifestações. Conforme definido na primeira reunião, foi criado um grupo no facebook denominado "Movimento Prudente", cujo crescimento alcançou cinco mil integrantes em uma semana e, atualmente (07/11/2013), conta com 10.238 membros, onde ocorreu a divulgação das manifestações e seus motivos, circulavam notícias referentes à conflitos em outros municípios e informações afins.

A massificação do grupo na rede social foi fruto tanto da ação dos próprios integrantes do movimento, convidando as pessoas para participar, quanto também pela disseminação da informação de que ocorreria uma manifestação na cidade somada ao desejo de se manifestar ou tomar conhecimento sobre os acontecimentos. A criação de um evento no facebook para a manifestação e o alastramento dos convites para o mesmo também acarretou em uma grande quantidade de pessoas buscando se tornar membro do grupo. Assim, a ampla difusão das manifestações na cidade foi fruto tanto de uma ação coletiva quanto também de iniciativas individuais.

Alguns usuários assíduos da rede social e personagens da cidade criados pelo Facebook, tais como o "Prudente Imprudente" e "O Caipira do Velho Oeste" também realizaram a divulgação das atividades. Vale destacar que a escolha de difundir as informações pelo facebook foi baseada tanto na presença cotidiana de pessoas *online* nesta rede social, quanto também por conta de escassez de recursos, somada ao fato de a rede social permitir o acesso às pessoas de diferentes lugares de modo sincrônico ou assincrônico sem custos. Assim, a informação foi promovida com base em opções da rede social tais como: curtir, comentar e compartilhar. O primeiro panfleto *online* criado (figura 8) foi referente à organização da reunião do dia 15 de junho. Somente na difusão deste panfleto veiculada pelo personagem "O Caipira do Velho Oeste" ocorreram 134 compartilhamentos, 22 comentários e 77 pessoas curtiram, fato que levou a 9.220 pessoas visualizarem-no.

Figura 8 – Cartaz convite para a reunião do dia 15 de Junho. Publicado dia 14/06/13

Em síntese, na reunião do dia 15 de Junho, com a presença de aproximadamente 70 pessoas, foi decidido o trajeto da primeira manifestação, sendo este saindo do terminal e se findando na prefeitura com a ocupação da avenida Cel. José Soares

Marcondes. A intensificação das ações pelo facebook foi reforçada assim como o início da definição de uma identidade do movimento. Pessoas de diversos setores se apresentaram. Além dos mesmo integrantes que compuseram a reunião seminal, também estiveram presentes pessoas de outras universidades da cidade (Unoeste – Universidade do Oeste Paulista; UNIESP – União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo; e Faculdades Integradas Antonio Eufrásio de Toledo), sindicatos e de um grupo anarquista denominado Resistência Libertária. É fundamental destacar que cada vez mais o movimento começava a se diversificar, assim como ocorreu com demais movimentos no país. Outros encaminhamentos foram a criação de um panfleto (figura 9) que fosse disseminado virtualmente e distribuído pelos manifestantes tanto no caminho de cada um até o terminal urbano quanto também no transcorrer da manifestação e também a elaboração e disseminação na internet de panfleto *online* convocando as pessoas para o primeiro ato (figura 10).

Figura 9 – Panfleto destacando as reivindicações do Movimento Prudente

Figura 10 – Panfleto online convocando a primeira manifestação do Movimento Prudente

Antes da realização da manifestação, no dia 17 de junho, em uma reunião de alguns integrantes do movimento no Diretório Acadêmico da FCT/Unesp, como parte das medidas emergenciais para assegurar a organização do ato e também a proteção dos integrantes que se colocaram a frente do processo e dos manifestantes durante realização da manifestação, foram criadas algumas comissões. Contudo, no transcorrer da primeira manifestação também foram criadas outras, sendo elas: Frente de massa - que atuaria na disseminação de informações pelo facebook e também agregando diversos outros grupos; Financeiro - para controlar e viabilizar a impressão de panfletos e compra de megafone; Saúde - para assegurar socorro durante a realização da manifestação; Comunicação/imprensa – para escrever os manifestos do movimento e também lidar com o assédio da imprensa local, assegurando, sobretudo, que a imprensa não personificasse o movimento; Comunicação/discussão – que sentaria à mesa para

tratar das medidas estratégicas decididas em assembléia geral e também compusesse os espaços de diálogo com os órgãos locais; e Segurança – para evitar possíveis atos de violência contra os integrantes do movimento e também de vandalismos por parte dos manifestantes ou sujeitos de fora do movimento (ver organograma 2).

Organograma 2 - Comissões do Movimento Prudente

A primeira manifestação do Movimento Prudente

No dia 17 de junho, às 17:00 horas, um grupo começou a se concentrar no terminal urbano de Presidente Prudente. Inicialmente compunha-se por um grupo reduzido de pessoas (foto 1) dispersas com alguns cartazes nas mãos e outros com instrumentos musicais. Aos poucos o grupo foi crescendo e passou a chamar atenção no terminal. A chegada de alguns integrantes que compuseram a reunião seminal foi determinante na ordenação deste grupo. Por questão de ordem, alguns destes integrantes começaram a chamar palavras de ordem e dar os primeiros encaminhamentos. Algumas pessoas foram se aglutinando e, aos poucos, uma das pistas do terminal urbano foi fechada pelos manifestantes. Com um megafone comprado com dinheiro dado por alguns companheiros, as palavras de ordem passaram a ser ouvidas pela maioria. Vale destacar que este foi uma importante ferramenta para disseminar as informações, organizar o movimento, dar os encaminhamentos e, principalmente, as palavras de ordem do movimento. Contudo, com o processo de massificação da manifestação, os manifestantes passaram a repetir as falas do megafone para que todos pudessem ouvir.

Foto 1 – Início da concentração no terminal urbano de Presidente Prudente.
Autor: José Sobreiro Filho, 17 de Junho de 2013.

A princípio a polícia acompanhou de longe a ação dos integrantes, mas logo buscou diálogo. Os integrantes que eram denominados da "linha de frente" acreditavam que o contato com a polícia seria o maior entrave, contudo a Polícia Militar buscou diálogo no sentido de saber qual o trajeto que o movimento faria durante a manifestação para então poder organizar o trânsito e realizar a interrupção das vias a serem utilizadas pela manifestação. De modo cordial, mas com muita insegurança por parte do movimento ocorreu um debate em que muitos falaram para evitar a personificação também. Assim que informado o horário, o movimento seguiu com os comunicados e palavras de ordem. Em pouco tempo, de acordo com a PM presente no local, já se tinha mais de trezentos manifestantes com diversos cartazes (foto 2). Destaca-se o constante assédio da imprensa, mas também, conforme decidido pelo movimento para evitar a criminalização, perseguição política, etc., nenhuma entrevista foi dada.

Foto 2 - Concentração no terminal urbano de Presidente Prudente.
Autor: José Sobreiro Filho, 17 de Junho de 2013.

Dentre o grupo que compunha a linha de frente destaca-se que não sabia ao certo como ocorreria a manifestação, pois a maioria das decisões foram tomadas pelos mesmos em discussões rápidas. Muitas pessoas tinham sido convidadas por alguns companheiros que se encontravam na linha de frente, mas havia uma consciência sobre o longo hiato entre o ativismo virtual e o real, tanto que era esperado não mais que trezentos manifestantes compostos majoritariamente por estudantes universitários e secundaristas do ensino público. O proceder da manifestação e a tomada de decisões foi um dos principais pontos desenvolvidos pelo movimento no transcorrer da manifestação.

Outra questão de extrema importância e que se assemelhou à organização do MPL foi a escolha de que apesar de haver um grupo de pessoas que compusesse a linha de frente do movimento, não haveria, de fato, lideranças. Assim, a todo momento havia a rotação de algumas atividades para evitar a personificação. Contudo, tinha-se também noção de que a falta de lideranças seria algo relativo devido à função exercida por determinados integrantes, ou seja, devido ao fato de se colocarem no setor de frente de massa do movimento terminariam por se destacar mais. Assim foi decidido a rotação

dos comunicados e, portanto, o uso do megafone para evitar ao máximo a personificação do movimento.

Após a concentração, o movimento saiu do terminal, adentrou a avenida Brasil (foto 3 e figura 11) e seguiu até o calçadão central (foto 4 e foto 5). Registrados por uma grande quantidade de fotógrafos e demais profissionais da imprensa mais de mil e quinhentos manifestantes [10] marcharam até a prefeitura municipal de Presidente Prudente. Ao chegar em frente à prefeitura uma via da avenida Coronel José Soares Marcondes foi ocupada (foto 6) e também a rampa de acesso à Prefeitura Municipal de Presidente Prudente (foto 7). Enquanto uma comissão era organizada para participar da primeira reunião com o presidente da câmara de vereadores, as palavras de ordem não cessaram. Visto que só seria permitido a entrada de dez integrantes, foi tomado como critério a entrada de um representante de cada setor, tais como: aluno da Unesp/FCT, Faculdades Toledo; Unoeste e UNIESP; secretariado público; cobradores de ônibus e presidente de bairro; Federação de Teatro; etc.

Foto 3 – Marcha da manifestação na Avenida Brasil

Autor: José Sobreiro Filho, 17 de Junho de 2013.

[10] "Protesto contra a situação do transporte público de PP reúne 1,5 mil pessoas: Grupo pede redução de tarifas, mais linhas, reorganização do serviço, renovação da frota e passe livre para estudantes e desempregados". Portal i-Fronteira, 17 de junho de 2013.

Foto 4 – Marcha da manifestação no calçadão de Presidente Prudente – Perspectiva 1

Autor: José Sobreiro Filho, 17 de Junho de 2013.

Foto 5 – Marcha da manifestação no calçadão de Presidente Prudente – Perspectiva 2

Autor: José Sobreiro Filho, 17 de Junho de 2013.

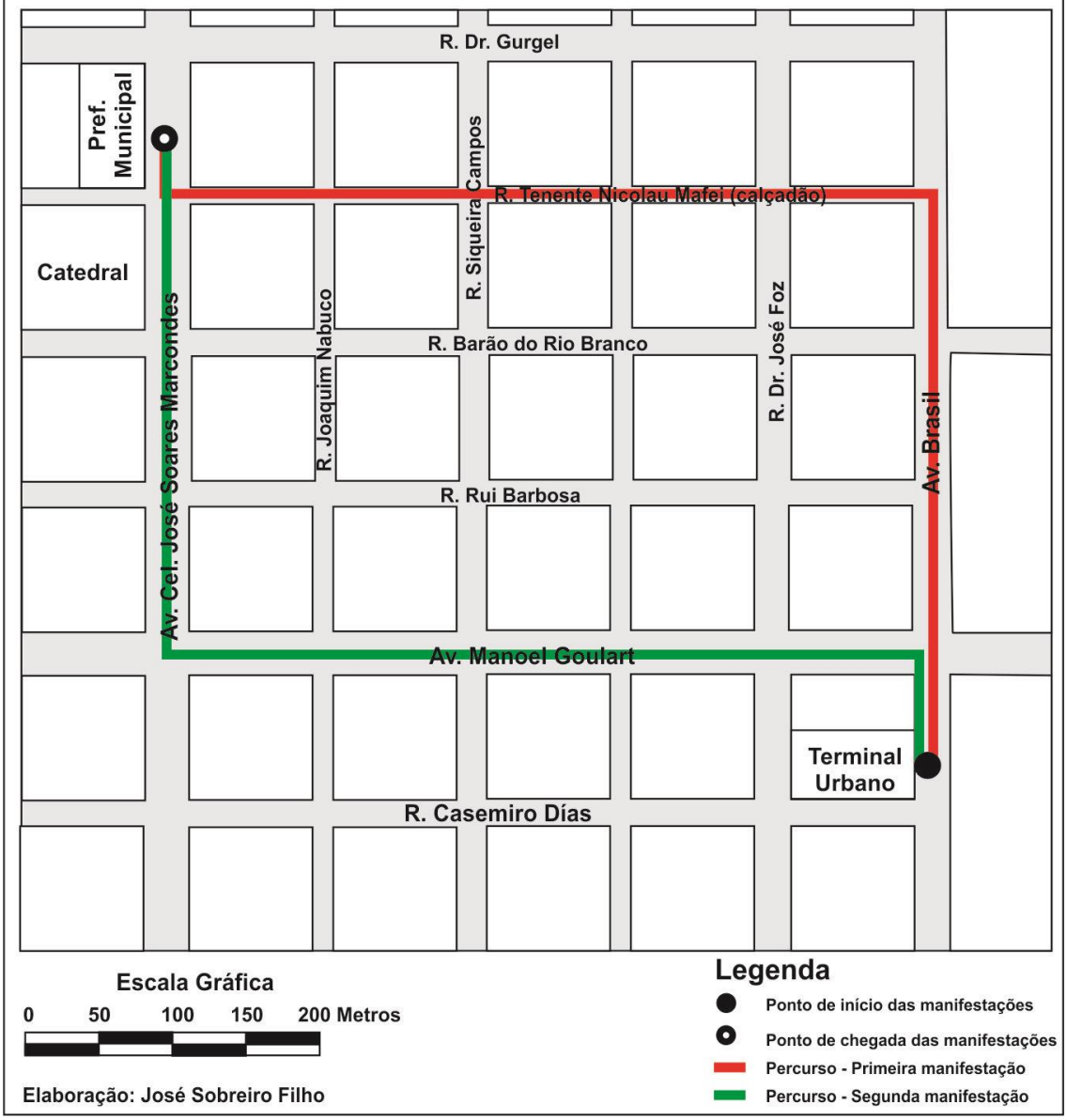
Foto 6 – Ocupação de uma faixa da Avenida Cel. José Soares Marcondes

Autor: José Sobreiro Filho, 17 de Junho de 2013.

Foto 7 – Ocupação da rampa de acesso à prefeitura de Presidente Prudente

Autor: José Sobreiro Filho, 17 de Junho de 2013.

Figura 11 - Trajetos da primeira e segunda manifestação do Movimento Prudente



Na reunião com o presidente da câmara foram apresentadas as demandas do movimento. Apesar do pouco diálogo com o presidente da câmara, a primeira conquista do movimento foi garantir a participação na audiência pública do 1 de julho de 2013 para se discutir pontos referentes ao transporte coletivo de Presidente Prudente. A manifestação terminou com uma agenda de outra manifestação e de uma reunião para discutir a próxima manifestação e estratégias de luta.

3.3 Da organização à segunda manifestação do Movimento Prudente

Após a realização da primeira manifestação, o movimento passou a se organizar de maneira ainda mais ativa. A difusão das informações cresceu expressivamente, pois diversos foram os materiais fotográficos e audiovisuais produzidos tanto pelos integrantes que compuseram a linha de frente do movimento quanto também pelos diversos manifestantes do movimento. Redes sociais online como o Facebook, o Twitter e o Youtube foram fundamentais tanto no compartilhamento das informações quanto também na difusão das mesmas que, em sua maioria, foram geradas através de aparelhos celulares dos integrantes e postados em tempo real, através de serviço de internet móvel. Destaca-se que este processo assemelhou-se com as demais localidades onde houve manifestações no país. Indubitavelmente, este também foi o combustível que amplificou a difusão das informações da manifestação e do movimento.

Sobre o aumento da difusão de informações por alguns usuários podemos observar nas figuras 12 e 13 os dois períodos referentes à movimentação no grupo do Movimento Prudente no *Facebook*. A construção dos sociogramas foi utilizada para representar: 1 - a importância de alguns sujeitos como protagonistas na difusão de informações; 2 – a articulação de grupos dispersos no *Facebook*; 3 – a evolução na difusão de informações de uma manifestação para a outra; 4 – a participação de sujeitos que vivem em outros países na difusão de informações. Observando os sociogramas podemos notar alguns pontos interessantes para a nossa análise, sendo eles: 1 - a existência de alguns grupos, que se formam devido à proximidade existente entre as pessoas; 2 – a proximidade com o centro está relacionada à importância que determinados sujeitos ocupam na difusão das informações do grupo; 3 – quanto mais distante do centro, menos inserido os sujeitos estão no grupo e, portanto, também na difusão de informações; 4 – os sujeitos que ocupam posição intermediária e que ligam os grupos são fundamentais, pois veiculam o acesso da informação de um grupo para outro, fato que os constitui como extremamente importante para a difusão de informações.

O primeiro período, de 15 de junho a 17 de junho, deve-se à primeira manifestação do movimento e o segundo, de 18 de junho a 20 de junho, deve-se à segunda manifestação. Consideramos este período por compreender desde a dinâmica do debate e divulgação dos panfletos *online* convocando as manifestações até o dia em que houve a realização das manifestações. Assim, podemos observar que além do

predomínio da presença *online*, de brasileiros em ambos os processos de difusão de informações, também houve um significativo aumento e adensamento de sujeitos, que reflete maior aproximação dos laços e surgimento de um número maior de protagonistas na difusão de informação e sujeitos que ligam diferentes grupos (*clusters*), no período referente à segunda manifestação. Além do crescimento de sujeitos que ligam diferentes grupos e, portanto, fazem com que as informações cheguem a diferentes e demais grupos ocorreu também um pequeno aumento da participação de sujeitos de outros países.

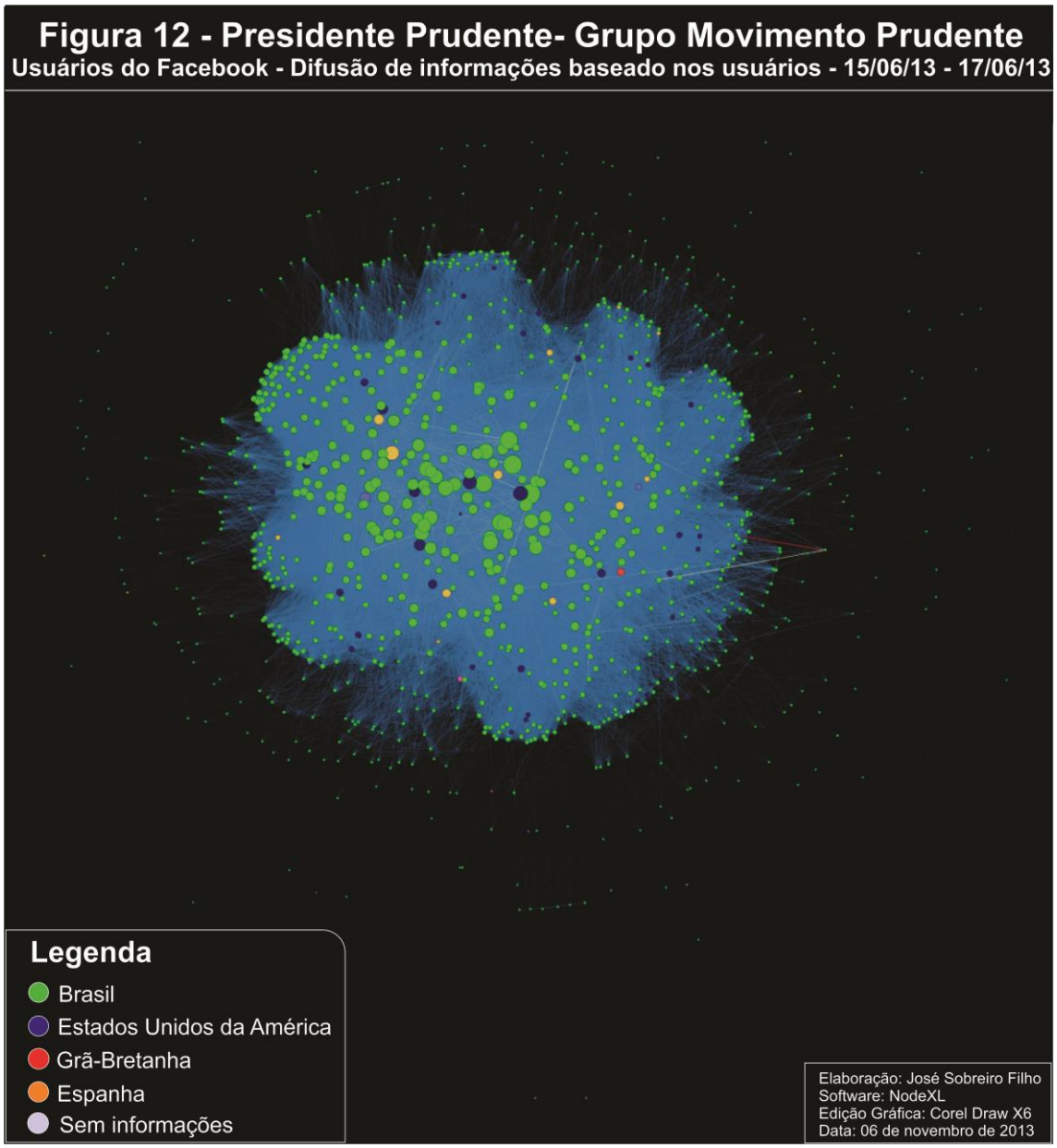
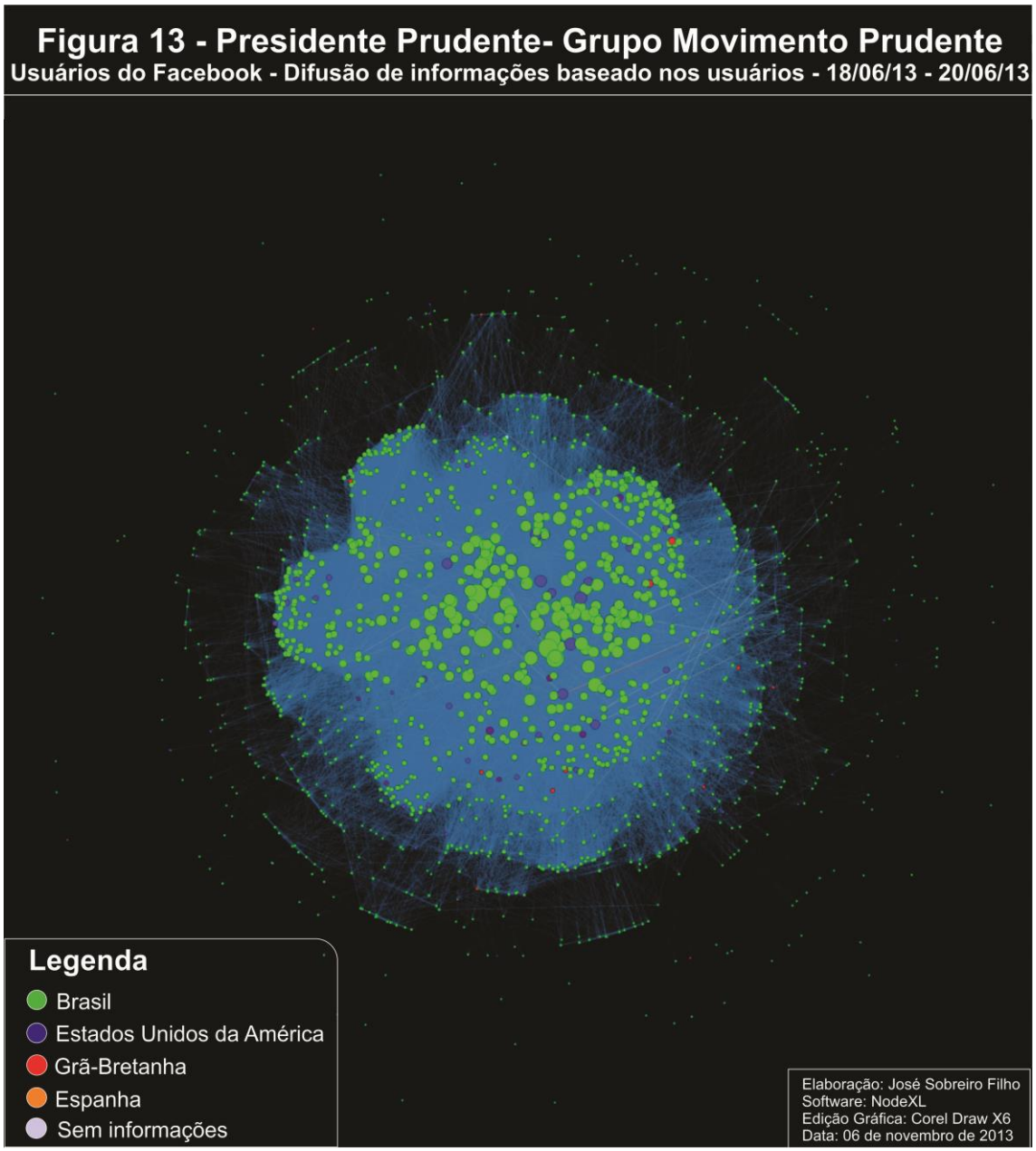


Figura 12 - Presidente Prudente- Grupo Movimento Prudente
Usuários do Facebook - Difusão de informações baseado nos usuários - 15/06/13 - 17/06/13
Legenda
Brasil
Estados Unidos da América
Grã-Bretanha
Espanha
Sem informações
Elaboração: José Sobreiro Filho
Software: NodeXL
Edição Gráfica: Corel Draw X6
Data: 06 de novembro de 2013



Conforme havia sido combinado na primeira manifestação, foi marcada uma reunião no dia 19 de junho às 18:00 horas no Parque do Povo de Presidente Prudente (figura 14). Nesta reunião, com aproximadamente 120 pessoas presentes, diversos pontos foram debatidos, dentre eles: uma avaliação geral da primeira manifestação destacando os ganhos e os problemas gerados; a construção e definição da identidade do movimento e se tentaria de fato criar vínculos com o MPL; se o movimento continuaria com caráter pacífico ou se radicalizaria a luta podendo tomar atitudes violentas durante a manifestação, caso as demandas não fosse cumpridas; se seria mantido o fechamento em relação ao diálogo com a mídia local e a definição de uma comissão que escreveria

um documento denominado “Carta Aberta à Imprensa” (ver anexo); etc. Quanto às decisões, foi definido o trajeto (figura 11) e horário de realização da segunda manifestação, o caráter pacífico do movimento e a formação de uma comissão para escrever a “Carta Aberta à Imprensa”.

Assim como na primeira manifestação, a difusão da informação foi feita predominantemente pelo facebook. Foi criado então um panfleto *online* convocando os manifestantes para o segundo ato do movimento (figura 15). O grupo criado pelo facebook tornou-se um importante espaço de socialização de informações e debate tanto sobre a conjuntura nacional quanto também a local. Além de informes referentes ao movimento, diariamente dezenas de vídeos e notícias eram disponibilizadas e publicadas pelos membros do grupo. Mais tarde, a grande quantidade de notícias compartilhadas também gerou desgastes interno e discussões entre membros e administradores do grupo, sobretudo, por conta do surgimento de informações que destoavam dos interesses do movimento e também pela contraditoriedade do conteúdo de algumas para com o movimento.

É fundamental destacar que, assim como o primeiro panfleto online que convocou a primeira manifestação, também ocorreu uma ampla divulgação do panfleto do segundo ato no Facebook. Analisando os perfis regionais criados pelo facebook, sendo: pelo “Prudente Imprudente” foram 67 curtidas, 3 comentários e 59 compartilhamentos; e pelo “O Caipira do Velho Oeste” foram 25 curtidas, 3 comentários e 135 compartilhamentos, que acarretou em 5.326 pessoas visualizando o panfleto.

Figura 14 – Panfleto da reunião do dia 19 de junho de 2013

Figura 15 – Panfleto online convocando a segunda manifestação do Movimento Prudente

No dia 19 de junho o Movimento Prudente conseguiu uma vitória parcial. A Prefeitura Municipal de Presidente anunciou a redução da tarifa do transporte coletivo[11] de R$ 2,60 para R$ 2,50 em dinheiro e R$ 2,40 na compra antecipada pelo cartão de passe. Esta redução ocorreu com base na redução fiscal realizada pela prefeitura. Assim que anunciada a redução da tarifa por meio da redução dos impostos, a linha de frente se reuniu em caráter emergencial e decidiu inserir uma declaração de repúdio na "Carta Aberta à Imprensa" e seguir as atividades referentes à organização da sua segunda

[11] "Prefeitura de Prudente anuncia redução na passagem de ônibus: tarifa será de R$ 2,50 e passa a valer a partir do próximo sábado (22). Queda deve-se à redução de imposto". I-Fronteira, 19 de junho de 2013.

manifestação. Assim, em nota pública enviada por email e entregue em mãos para os principais jornais durante a segunda manifestação, o Movimento Prudente repudiou a redução da tarifa por parte da prefeitura e a postura do representante das empresas:

> Repudiamos a postura da prefeitura em buscar a redução das tarifas somente em função da redução fiscal feita pelo governo federal e estadual. Cremos que a redução deve ser ampliada de maneira ainda mais significativa, atingindo também os lucros das empresas TCPP e Pruden Express, sendo a medida mais viável e reivindicada. Estas empresas, por anos, seguiram cortando gastos através de baixos investimentos na renovação da frota, deixando de construir pontos de ônibus cobertos, não investindo em sinalização dos pontos, adquirindo poucos ônibus para deficientes, deixando linhas alcançarem a lotação máxima permitida para um ônibus e despedindo maciçamente os cobradores de ônibus. Em sentido contrario aos investimentos e benefícios para a população, que diminuíram, as tarifas cresceram expressivamente. A questão do IPK - Índice de Passageiro por Quilômetro (que dimensiona o cálculo dos custos de transporte) deve ser reavaliada juntamente com a população, para que possamos, de fato, identificar quais são os **custos** reais e os **lucros** das empresas. Assim, poderemos propor uma tarifa justa. Reivindicamos, portanto, maior espaço para a participação da população nas decisões que tangem o transporte público e também na transparência e ampla divulgação da prestação de contas.
>
> Repudiamos a recente manifestação das empresas de ônibus, sobretudo, representadas pelo gerente José Ricardo Góes. Suas manifestações em defesa às empresas de transporte coletivo não passam de argumentos genéricos, irreais e que evidenciam que muito pouco conhece da realidade de um passageiro de ônibus em Presidente Prudente. A título de exemplo, sugerimos que o Sr. José Ricardo, os governantes e os donos das empresas - para que experimentem a realidade dos passageiros - utilizem os serviços que são oferecidos pelos mesmos, nas linhas Brasil Novo, Alexandrina, e Humberto Salvador no horário das 18:00 às 19:00, ou esperar um ônibus no Jd. Morada do Sol em um dia de domingo. Sabemos que somente assim eles entenderão o que é a realidade do transporte público em Presidente Prudente e a motivação das manifestações e reivindicações populares. (Movimento Prudente, Carta aberta à imprensa, 2013)

Apesar de ter soado como uma vitória e criar a expectativa de que essa redução seria suficiente para desmobilizar o movimento, as atividades nas redes sociais seguiram a todo vapor. Deste modo, no dia 20 de junho às 16:00 horas começou novamente a aglomeração no terminal urbano de Presidente Prudente (foto 8). A polícia foi previamente informada e, portanto, fez-se presente desde o início da aglomeração, com maior quantidade de policiais e também com algumas viaturas no centro da cidade. Em relação à primeira manifestação, os integrantes do movimento reconheceram a segunda como muito maior. Alguns manifestantes iniciaram os encaminhamentos seguidos de palavras de ordem. Em seguida, encarregados da Polícia Militar contataram os

manifestantes para saber o caminho que seria percorrido e o mesmo foi realizado por um grupo composto por quatro integrantes do movimento.

Predominantemente, o perfil presente na manifestação foi de estudantes secundaristas e universitários. Contudo, no segundo ato ocorreu uma maior aproximação com o sindicato dos professores e também com o Movimento Gay de Presidente Prudente. Fruto destas aproximações foi o aumento do número de manifestantes e também a disponibilização de um carro de som com alto-falantes para superar a dificuldade de repassar recados, encaminhamentos e as palavras de ordem. Deste modo, a manifestação cresceu significativamente[12] e, consequentemente, também se diversificou, sendo então uma massa com várias vozes, sobretudo, em tons diferentes.

Aproximadamente às 17:20 horas, realizada uma concentração e todos os encaminhamentos reforçados diversas vezes, a manifestação saiu do terminal e seguiu cinco quadras caminhando pela Avenida Manoel Goulart (foto 9). A escolha de passar pela avenida deveu-se à intenção de impactar de maneira direta no trânsito e também conseguir chamar atenção dos comerciantes e trabalhadores que estivessem saindo de seus respectivos trabalhos. Ao chegar no cruzamento com a Avenida Cel. José Soares Marcondes a manifestação rumou sentido a prefeitura municipal tomando as duas faixas da avenida (foto 10). Durante todo o caminho, foram distribuídos panfletos nos carros parados como forma de promover a conscientização da luta realizada pelo movimento.

[12] "Manifestantes fazem reunião com representantes do Executivo prudentino". Portal ifronteira, 20 de Junho de 2013.

Foto 8 – Concentração dos manifestantes no terminal de Presidente Prudente

Autor: José Sobreiro Filho, 20 de Junho de 2013.

Foto 9 – Manifestantes marchando na Avenida Cel. Manoel Goulart.

Autor: José Sobreiro Filho, 20 de Junho de 2013.

Foto 10 – Manifestantes marchando nas duas faixas da Avenida Cel. José Soares Marcondes.

Autor: José Sobreiro Filho, 20 de Junho de 2013.

Ao chegar na prefeitura, foram ocupadas duas faixas da avenida Cel. José Soares Marcondes. Devido à uma articulação anteriormente realizada, o movimento deu início a escolha de representantes para que pudessem representar os diferentes seguimentos presentes na manifestação em uma reunião com representantes do prefeito e das Secretarias de Assuntos Viários, Comunicação, Planejamento e o secretário de assuntos Especiais da Prefeitura. Após a escolha da comissão de diálogo composta por manifestantes dos diversos segmentos presentes, os mesmos se reuniram com os representantes. Na reunião, além de entregar em mãos a "Carta aberta à Imprensa", o movimento criticou a redução das tarifas, a postura das empresas e demandou mudanças urgentes, tais como a criação de um conselho sobre transportes para se discutir o IPK – Índice de Passageiro por Quilômetro. Enquanto a reunião ocorria, a manifestação do lado de fora da prefeitura tornava-se ainda mais tensa, visto que alguns grupos utilizavam-se de bombas para intimidar os representantes durante a reunião. Houve também uma tentativa de ocupar o prédio da prefeitura, mas que foi frustrada pelos próprios membros da comissão de segurança da manifestação, visto que a ocupação da prefeitura não foi definida em assembléia geral. Depois de uma hora e meia de reunião,

o movimento obteve, por parte dos representantes, apenas promessas de um diálogo mais próximo com o prefeito e de maior espaço dedicado ao movimento durante a seção do dia 1 de Julho na Câmara dos Vereadores em Presidente Prudente. Como última declaração, os representantes do Movimento Prudente deixaram claro que essa não era a resposta que os manifestantes esperavam e que haveria o risco da luta ser ainda mais tensionada.

De fronte a multidão, três integrantes da linha de frente do movimento informaram aos manifestantes sobre as discussões e reivindicações realizadas na reunião com os representantes. Ao fim dos informes, também foi esclarecido que o movimento não se sentiu contemplado com o posicionamento dos representantes. Algumas vozes gritavam para tencionar a luta, mas o movimento terminou a manifestação com dois encaminhamentos principais, sendo o primeiro a convocação de uma terceira manifestação e o segundo a realização de uma reunião para definir como seria a manifestação e a possível mudança do perfil do movimento. Após os encaminhamentos a manifestação se encerrou.

3.4 - Uma avaliação da primeira e segunda manifestação

Apesar de o movimento ter sido gestado em algumas conversas e assumido uma forma inicial na primeira reunião, somente na primeira atuação que o movimento conseguiu começar a criar uma identidade inicial. Indubitavelmente foi o "calor do momento" que permitiu que o movimento evoluísse não só no sentido organizacional, mas também na construção de uma identidade. A segunda manifestação foi massificada pela difusão de informações no Facebook e, portanto, contou com um grupo ainda mais diverso, somando-se inclusive o sindicato dos professores e também o movimento. Aqui destacamos alguns pontos que consideramos interessantes sobre o movimento durante este período que se inicia em sua criação e vai até a realização de uma segunda atuação, sendo eles:

- A experiência na forma de se organizar uma manifestação foi criada no transcorrer da mesma, pois os manifestantes se conheciam, em sua maioria, apenas pelas redes sociais, assim como alguns membros da própria linha de frente do movimento;

- No transcorrer das manifestações as comissões foram sendo definidas de acordo com o conhecimento sobre as respectivas qualidades dos membros, ou seja, as experiências em demais movimentos, profissões, etc. foram aproveitadas pelo movimento;
- Ocorreu de modo intenso a circulação de informações através de mídias locativas e as mesmas eram postas tanto sincrônica quanto assincrônicamente nas redes sociais;
- A organização e convocação das manifestações ocorreu predominantemente pelas redes sociais, tendo significativo destaque para o *Facebook* na organização, difusão, convocações através da criação de eventos e debate, e do *Youtube* no compartilhamento de vídeos;
- As atuações pacíficas do movimento eram recentemente destacadas pela população e também constituiu-se como ponto fundamental para ganhar reconhecimento da população e difundir a informação para aqueles que não tiveram acesso às informações do movimento pelas redes sociais (através de panfletos, folhetos, diálogos, etc.);
- Ocorreu uma significativa mudança no corpo que compôs a primeira manifestação e que compôs a segunda, tendo especial destaque para a escolha de integrantes com experiência em movimentos e demais tipos de militâncias para compor a mesa da segunda reunião;
- Houve um salto significativo quanto à quantidade do debate e de vozes que compunham a massa da primeira para a segunda manifestação, fato que expressa que as reuniões e os espaços de socialização online foram utilizadas tanto para manter os manifestantes informados quanto para realizar "os debates";
- A ocupação da Avenida Cel. José Soares Marcondes e marcha pelas principais vias e espaços públicos da cidade caracterizou-se como um exemplo claro de que ocupação dos espaços de maior fluxo e poder político e simbólico era ponto fundamental tanto para chamar a atenção da população quanto também para pressionar o poder legislativo e executivo municipal. Vale destacar que houve inclusive indicativos de realizar manifestação no horário de pico e ocupar o cruzamento da Avenida Cel. José Soares Marcondes e Cel. Manoel Goulart, que concentram grande fluxo de veículos, com a finalidade de parar a cidade;

- A diversidade tanto contribuiu quanto também foi encarada como um problema pelo movimento. Sua contribuição foi especialmente no processo de massificação da manifestação, mas também acarretou na criação de problemas e conflitos internos, pois ocorreu o crescimento de idéias antipartidárias, nacionalistas e até fascistas, também ocorridas nas manifestações do MPL, que acarretou inclusive em agressões verbais e atos de discriminação quanto à sexualidade de uma parte dos manifestantes e também atos racistas, fato que refletia também as muitas vozes e contradições que compuseram o movimento;
- Apesar de terem ocorrido diversos assédios de partidos políticos, os manifestantes que compuseram a linha de frente do movimento mantiveram-se resistentes aos assédios.

Em síntese, estes processos foram importantes porque marcaram claramente a construção da identidade do movimento e também o início dos conflitos internos. Enfim, muitos foram elementos que compuseram a curta trajetória do movimento. As duas primeiras manifestações caracterizaram o momento do auge do movimento e também o início do seu declínio. Após a segunda manifestação houve uma intensificação da repressão aos integrantes da linha de frente, inclusive com prisão de um integrante e ameaças a outras, e também algumas diferenças políticas foram criadas e aprofundadas fazendo com que a terceira manifestação tenha sida composta por aproximadamente cem manifestantes e o movimento ter cessado suas atividades[13].

[13] Movimento perde força e reúne cerca de 100 pessoas no terceiro manifesto. Ifronteira, 25 de Junho de 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrer e conhecer o processo de articulação dos movimentos socioterritoriais em redes e uso das redes sociais *online* pelos movimentos socioespaciais nos permitiu principalmente ampliar os horizontes sobre as possibilidades de uso das relações de interface, as perspectivas e atualidade dos movimentos tanto no cenário internacional quanto nacional e local. Além da compreensão destas duas formas de organização/articulação em redes e respectivos usos das mesmas, também identificamos as homogeneidades e heterogeneidades destes movimentos.

Tanto o processo de difusão de informações quanto a organização e materialização das manifestações tem se constituído como importantes partes da dinâmica atual dos movimentos por unirem o espaço material ao imaterial e, portanto, caracterizam-se como claros objetos de análise de uma geografia para além da materialidade. Remontar à leitura do processo que culminou nas diversas manifestações realizadas pelo mundo nos levou a identificar os desdobramentos materiais e imateriais causados pelos "balbucios" nas redes sociais e como estes compuseram parte importante de um processo acumulativo de indignação, que confluiu para a massificação das manifestações em diversos lugares do globo.

Ao analisarmos e compararmos a Primavera Árabe, o M12M e o M15M, o OWS e o MPL notamos um expressivo crescimento do uso das redes sociais *online*, marcado inclusive com a criação de redes sociais independentes, e também como tanto a dinâmica nas redes sociais quanto a presença nas manifestações são elementos que se complementaram e que a primeira pode potencializar a segunda e, conseqüentemente, "*o poder coletivo dos corpos no espaço público*" (HARVEY, 2012). Esta relação ficou ainda mais clara ao analisarmos o Movimento Prudente, pois sua dinâmica foi predominantemente desenvolvida pelo *Facebook*. A análise na escala local nos permitiu também poder iniciar a avaliação e identificação do processo de intensificação do uso das redes sociais e o protagonismo de determinados sujeitos na difusão de informações. Questões como a formação de uma identidade e o processo de início de descenso do movimento marcado pela fragilização e diversificação política também compôs parte importante deste quadro e que deve ser ainda mais avaliado nas analises de movimentos com fortes expressões nas redes sociais online.

Espaços públicos como praças e ruas tornaram-se importantes lugares de materialização das manifestações dos movimentos socioespaciais, de diversos lugares

do mundo, na reivindicação de questões como: democracia real; perspectiva de futuro para os jovens; melhores condições de trabalho; mobilidade urbana, acesso à cidade e transporte público; a hegemonia do capital financeiro em detrimento da população; etc. Denota-se que as redes sociais vêm impingindo uma nova forma de circulação de informações, viabilizando mobilizações e se consolidando como um importante espaço de socialização política. Ou seja, a atualidade é marcada tanto pelo surgimento de novos movimentos, quanto também pela criação de novas formas de organização de ações e articulações, uso de redes sociais como ferramentas de circulação de informações, de mídia alternativa, realização de lutas e de resistência. Por fim, compreendemos que este trabalho é o início de um longo caminho a ser trilhada na análise sobre redes, redes sociais *online* e movimentos socioespaciais e socioterritoriais.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABREU, D. S. **Formação Histórica de uma Cidade Pioneira Paulista**: Presidente Prudente. 1ª edição. Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1972. 339 p.

_____. **Poder Local no Populismo**: Pres. Prudente (SP) 1928-1959. 1982. 350 f. Tese (Livre-Docência em Geografia) – Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" – *Campus* de Presidente Prudente, Presidente Prudente, 1982.

ALVES, G. **Ocupar Wall Street... e depois?**. In HARVEY, D. et al. Occupy. São Paulo: Boitempo, p. 31-8. 2012.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 5ª edição. São Paulo: Boitempo, 2000.

AYLWIN, J. **Los conflictos en el territorio mapuche**: antecedentes y perpectivas. Revista Perspectivas, Santiago, V. 3, N. 2, p. 277-300, 2000.

BERNSTEIN, H. **Dinâmicas de Classe da Mudança Agrária**. São Paulo: Editora Unesp, 2010

BUSH, R. (2010) **'Food riots: poverty, power and protest'**, Journal of Agrarian Change, July, Vol. 10, No. 1, pp.119–129.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 4ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Redes de indignación y esperanza**. Madrid: Alianza Editorial S.A., 2012

CHONCHOL, J. **Sistemas agrários en América Latina**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Econômica, 1994.

DEERE, C. D.; LEON, M. 2002. **Género, propiedad y empoderamiento**: Tierra, estado y mercado en América Latina. México D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México.

DESMARAIS, A. **La Via Campesina**: Globalization and the Power of peasants. Fernwood Publishing: Halifax, 2007.

DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

DOMINGUES, J. M. **Os movimentos sociais latino-americanos**: características e potencialidades. In Análise de Conjuntura OPSA, no. 2. Brasil, Febrero, 2007.

FELICIANO, C. A. **Movimento Camponês Rebelde**: a reforma agrária no Brasil. 1ª edição São Paulo: Contexto, 2006. 205 p.

FERNANDES, B. M. **Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro**: Formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST 1979-1999. 1999. 326 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. **Questão Agrária**: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: Luta pela Terra: Reforma Agrária e Gestão de Conflitos no Brasil. Antônio Márcio Buainain (Editor). Editora Unicamp. Campinas,

2009.

_____. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais**. Observatório Social de América Latina., v. 16, pp. 273-284. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

_____. **Espacialização e territorialização da luta pela terra**: A formação do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Estado de São Paulo. 1994. 218 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

_____. **Sobre a tipologia de territórios**. In. SAQUET, Aurélio Marcos; SPOSITO, Eliseu Savério. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo. p. 197-215. Expressão Popular, 2009

_____. **Entrando no território dos Territórios**. In PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. Campesinato e territórios em disputa. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

GEORGE, Pierre. **Sociologia e Geografia**. São Paulo. Forense, 1969.
GOHN, M. G. **Teoria dos Movimentos Sociais:** Paradigmas clássicos e contemporâneos. 9ª edição. São Paulo: Edições Loyola. 2011. 391 p.

_____. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais**. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola. 2009. 166 p.

_____. **Sociologia dos movimentos sociais.** São Paulo: Editora Cortez. 2013.

GOSH, J. (2010) **'The unnatural coupling: food and global finance'**, Journal of Agrarian Change, January, Vol. 10, No. 1, pp.72–86.

GRANOVETTER, M. **The strength os weak ties**. American Journal of Sociology, Chicago, v. 78, Issue 6, p. 1360-1380, May, 1973).

GRZYBOWSKI, C. **Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo**. Petrópolis: Vozes, 1991.

GUTIERREZ, C. J.; LORINI, I. (2007) **A trilha de Morales: novo movimento social indígena na Bolívia.** Novos estud. - CEBRAP. n.77, pp. 49-70.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARVEY, D. **A liberdade da cidade**. In: MARICATO, E. et al. Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, p. 27-34, 2013.

_____ et al. **Occupy**. São Paulo: Boitempo, 2012

_____. **O enigma do capital**: e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Os rebeldes na rua: o Partido de Wall Street encontra sua nêmesis...**. In HARVEY, D. et al. Occupy. São Paulo: Boitempo, p. 57-64. 2012.

HOBSBAWM, E. J. E. **Capitão Swing**: a expansão capitalista e as revoltas rurais na Inglaterra do início do século XIX. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

KATZ, N.; LAZER, D.; ARROW, H.; CONTRACTOR, N. **Network Theory and Small Groups**. Small Group Research, USA, v. 35, n. 3, p. 307-332, June 2004.

LEFEBVRE, H. **The production of space**. USA: Blackwell Publishing, 1991.

MARICATO, E. et al. **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARTIN, J. Y. **A geograficidade dos movimentos socioespaciais**. Caderno Prudentino de Geografia, v. 1, 2. 19, p. 26-40, nov. de 1997.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 4a. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital:** Rumo a uma teoria da transição. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. 1102 p.

MICHI, N. **Movimientos campesinos y educación**: El Movimento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra y el Movimiento Campesino de Santiago del Estero-VC. Buenos Aires: Editorial El Colectivo, 2010.

MPL – São Paulo. **Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo**. In: MARICATO, E. et al. Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, p. 13-8, 2013.

ORNELAS, R. **A autonomia como eixo da resistência zapatista**. Do levante armado ao nascimento dos caracoles. Hegemonias e emancipações no século XXI. Ceceña, Ana Esther. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Julio 2005

PECHANSKI, J. A. **O transporte público gratuito, uma utopia real**. In: MARICATO, E. et al. Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, p. 59-63, 2013.

_____. **Os "Ocupas" e a desigualdade econômica**. In HARVEY, D. et al. Occupy. São Paulo: Boitempo, p. 27-30. 2012.

PEDON, N. R. **Movimentos Socioterritoriais**: Uma Contribuição Conceitual à Pesquisa Geográfica. . 235 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2009.

QUIJANO, A. **El laberinto de América Latina**: ¿Hay otras salidas? Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales, Caracas, v. 10, n. 1, p. 75-97, enero-abril. 2004.

_____ **Estado-nación y "movimientos indígenas en la región Andina**: cuestiones abiertas. Analisis, Brasil, n. 19, Enero-Abril, 2006.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, L. N. **A territorialização da Via Campesina no Brasil**: uma leitura geográfica de suas ações territoriais. In: VI Simpósio Internacional de Geografia Agrária - VII Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 1a. Jornada de Geografia das Águas, 2013, João Pessoa, Paraíba. A questão agrária no século xxi: escalas, dinâmicas e conflitos territoriais, 2013.

SANTAELLA, L. **Mídias locativa**s: a internet móvel de lugares e coisas. Revista FAMECOS, Porto Algre, n. 35, p. 95-101, abril, 2008.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. São Paulo. Edusp. 2008.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. São Paulo. Record. 2001.

SAQUET, M. A. **Por uma abordagem territorial**. In. SAQUET, Aurélio Marcos; SPOSITO, Eliseu Savério. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo. p. 197-215. Expressão Popular, 2009

SOBREIRO FILHO, J. **O movimento em pedaços e os pedaços em movimento em pedaços**: Da ocupação do Pontal do Paranapanema à dissensão dos movimentos socioterritoriais camponeses. 546 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2013.

THOMAZ JUNIOR, A. **Não há nada de Novo sob o Sol num Mundo de Heróis! (A Civilização da Barbárie na Agroindústria Canavieira)**. Revista Pegada, Presidente Prudente, v. 8, n. 2, p. 05-25, dez. 2008.

TILLY, C. & WOOD, L. J. **Los movimientos sociales, 1768-2008**. Barcelona: Editorial Crítica, 2010.

VANDEN, H. E. **Novos movimentos sociais, globalização e democratização**: a participação do MST. Revista NERA, Presidente Prudente, n. 14, p. 67-71, jan-jun. 2009.

VASQUES, A. C. B. **A evolução da Ocupação das Terras do Município de Teodoro Sampaio – São Paulo.** 1973. 203 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca, Franca, 1973.

VIANA, S. **Será que formulamos mal a pergunta?**. In: MARICATO, E. et al. Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, p. 53-8, 2013.

VIEIRA, F. B. **Via Campesina**: um projeto contra-hegemônico?. In: SIMPÓSIO LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA. TRABALHADORE(A)S EM MOVIMENTO: CONSTITUIÇÃO DE UM NOVO PROLETARIADO?, 3. Londrina, 2008.

WALLERSTEIN, I. **A esquerda mundial após 2011**. In HARVEY, D. et al. Occupy. São Paulo: Boitempo, p. 73-6. 2012.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis: Methods and Applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WELCH, C. A. **Mobilização camponesa no Pontal: retratos de permanências e transformações de relações sociais no campo, 1946 – 1996.** http://www4.fct.unesp.br/nera/artigodomes/1artigodomes_2009.pdf, acessado em 10 de abril de 2012.

ZIBECHI, R. **Los movimientos sociales latinoamericanos:tendencias y desafios**. En: OSAL: Observatorio de América Latina, Buenos Aires, N. 9, p. 185-188, enero, 2003.

Sites consultados

http://occupywallst.org/

http://www.cloc-viacampesina.net/

http://viacampesina.org/en/

http://directory.occupy.net/

http://www.mpl.org.br/?q=node/2 (Carta de Príncípios - MPL, 2005)

http://www.mpl.org.br/?q=node/4 (MPL, 2013)

http://www.mpl.org.br/?q=node/1 (MPL, 2007)

http://www.movimento12m.org/

http://tomalaplaza.net/

(ANEXO)

Carta aberta à imprensa

A articulação do movimento e reivindicações iniciais

A sociedade prudentina acompanhou no dia 17 de junho de 2013 a primeira manifestação do Movimento Prudente. O movimento foi às ruas reclamar nossos problemas referentes ao transporte coletivo e manifestar apoio ao Movimento do Passe-Livre com quase três mil manifestantes. Nossa organização começou ainda na segunda semana de junho. No dia 15 de junho fora realizada uma reunião na praça Monsenhor Sarrion para definir os pontos de pauta e encaminhamentos do Movimento Prudente. As articulações se intensificaram pela internet via redes sociais. O apoio maciço da população potencializou a circulação das informações. Não temos bandeira partidária, mas não deixamos de ser um grupo politizado. Agregamos diferentes setores da classe trabalhadora, tais como: estudantes, professores da rede pública, funcionários públicos, professores universitários, sindicatos, deficientes físicos, classe artística, etc.

A manifestação ocorrida no dia 17 de junho, teve o objetivo principal de contestar pacificamente o nosso atual sistema de transporte público. Manifestantes saíram de suas casas ainda pelas manhãs para distribuir panfletos e promover a conscientização da sociedade prudentina sobre a legitimidade de nossa luta. Às 18:00 horas saímos do terminal e marchamos sentido ao calçadão de Presidente Prudente. De acordo com o grupo de artistas de rua que compõem o movimento - e fizeram a contagem - superamos a marca de três mil manifestantes! O calçadão prudentino foi tomado por um canto uníssono que entoava palavras de ordem e reivindicações, contagiando os trabalhadores do comércio/serviço que testemunharam e apoiaram o movimento e sua manifestação legítima e pacífica.

Na prefeitura o grupo tencionou ainda mais. Buscando uma equidade de representantes de diferentes setores da sociedade, cerca de 10 manifestantes apresentaram as pautas para alguns vereadores, sendo:

- redução das tarifas de transporte público;
- a quebra do domínio do transporte público por somente duas empresas;
- maior quantidade de linhas e intervalos menores entre os ônibus, ou seja, reorganização das linhas;
- melhores condições de trabalho para os funcionários do transporte público;

- fim da dupla função do motorista que também trabalha como cobrador (aplicação da lei municipal 6456/2006);
- passe livre integral para estudantes;
- renovação e modernização da frota;

Apesar destes pontos iniciais seguiremos construindo as reivindicações, elaborando novas pautas, qualificando o debate juntamente à comunidade acadêmica e realizando manifestações, estando em harmonia com o Movimento Passe Livre, tendo apoio em escala nacional e internacional (Inglaterra, Alemanha, Turquia, Portugal, e outros), com manifestações em inúmeras cidades.

Declarações de repúdio

Primeiramente repudiamos as declarações dos "manifestantes" que apareceram na imprensa. Estes não nos representam. O Movimento Prudente mantém sua decisão de não dialogar com a imprensa para evitar a personificação da luta e também a distorção das reais posturas e reivindicações do movimento. Estamos acostumados com os redirecionamentos que a mídia faz por conta de interesses políticos e sabemos quais os vínculos da mídias locais. Não aceitaremos que o movimento seja usado neste sentido. Enquanto a mídia não aprender a respeitar o Movimento Prudente o diálogo estará fechado, sendo apenas realizado quando o movimento decidir em assembleia geral. Não tentem nos diminuir divulgando números reduzidos que não correspondem à realidade.

Repudiamos a postura da prefeitura em buscar a redução das tarifas somente na em função da redução fiscal feita pelo governo federal e estadual. Cremos que a redução deve ser ampliada de maneira ainda mais significativa, atingindo também os lucros das empresas TCPP e Pruden Express, sendo a medida mais viável e reivindicada. Estas empresas, por anos, seguiram cortando gastos através de baixos investimentos na renovação da frota, deixando de construir pontos de ônibus cobertos, não investindo em sinalização dos pontos, adquirindo poucos ônibus para deficientes, deixando linhas alcançarem a lotação máxima permitida para um ônibus e despedindo maciçamente os cobradores de ônibus. Em sentido contrario aos investimentos e benefícios para a população, que diminuíram, as tarifas cresceram expressivamente. A questão do IPK - Índice de Passageiro por Quilômetro (que dimensiona o cálculo dos custos de transporte) deve ser reavaliada juntamente com a população, para que possamos, de fato, identificar quais são os **custos** reais e os **lucros** das empresas. Assim, poderemos propor uma tarifa justa. Reivindicamos, portanto, maior espaço para a participação da

população nas decisões que tangem o transporte público e também na transparência e ampla divulgação da prestação de contas.

Repudiamos a recente manifestação das empresas de ônibus, sobretudo, representadas pelo gerente José Ricardo Góes. Suas manifestações em defesa às empresas de transporte coletivo não passam de argumentos genéricos, irreais e que evidenciam que muito pouco conhece da realidade de um passageiro de ônibus em Presidente Prudente. A título de exemplo, sugerimos que o Sr. José Ricardo, os governantes e os donos das empresas - para que experimentem a realidade dos passageiros - utilizem os serviços que são oferecidos pelos mesmos, nas linhas **Brasil Novo, Alexandrina, e Humberto Salvador no horário das 18:00 às 19:00**, ou esperar um ônibus no **Jd. Morada do Sol em um dia de domingo**. Sabemos que somente assim eles entenderão o que é a realidade do transporte público em Presidente Prudente e a motivação das manifestações e reivindicações populares.

Quanto aos vereadores que compõem a Câmara de Presidente Prudente, destacamos que estamos acompanhando seus passos de perto e que repudiamos as afirmações incoerentes de que já estão cumprindo as demandas do movimento. Isso ainda não é realidade! Até agora só temos uma data distante para um novo diálogo, mas as assembleias e manifestações continuarão.

Declaramos à imprensa que enquanto não obtivermos as reivindicações reais não sairemos das ruas. Não contem com o nosso esquecimento. Não contem com os métodos antigos de procrastinar as promessas e enrolar o povo. O movimento está politizado e, se os governantes locais não corresponderem às demandas, vamos intensificar e tencionar as manifestações em Presidente Prudente. Queremos dignidade! Estamos cobrando não somente porque estas empresas tem dividas com a população prudentina, mas também porque é um direito de todos - que pagam os seus pesados impostos - usufruir de um transporte público com dignidade, qualidade e eficiência. Esta é uma obrigação do Estado que está sendo negligenciada pelos Governos, que não dão destinação correta dos recursos para as reais prioridades do município, sucumbindo aos interesses privados de diversas empresas de vários setores, em detrimento dos interesses populares e da justiça social. Nós pagamos por anos, agora chegou o momento das empresas também pagarem suas dívidas com a população.

Presidente Prudente, 19 de Junho de 2013.

Movimento Prudente